



NO MEU
PEITO NÃO
CABEM
PÁSSAROS

romance

NUNO
CAMARNEIRO



D. QUIXOTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Título: No Meu Peito Não Cabem Pássaros

Autor: Nuno Camarneiro

Edição: Maria do Rosário Pedreira

Capa: Joana Tordo

Fotografia da capa: Lisboa 1956, de Gérard Castello-Lopes

ISBN: 9789722047241

Publicações Dom Quixote

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2011, Nuno Camarneiro

e Publicações Dom Quixote

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Graça ha de realisar-se no proximo domingo a festividade de Sales, consistindo de missa solemne com sermão de manhã e de tarde da novena e sermão. O orador e rev. padre Pinheiro de Souza, professor do Seminario dos Carvalhos, Toça a musica Ovarense sob a regencia do sr. Benjamin Nabla.

A fim de preparar os associaes para lucrarem as indulgencias da festa haverá na capella da Graça, no sabbado confessores de hora.

Cometa d'Halley

Como annunciaram alguns sabios estrangeiros appareceu na noite de 22 do corrente no horizonte, a oeste da villa uma estrella de longa cauda perpendicular, que foi desaparecendo pouco e pouco. A sciencia tinha predicto, que antes do aparecimento do Cometa de Halley estrellas de rabo cruzariam o espaço.

Foi então essa a primeira que se viu claramente ao cahir da noite de 22, e de certo será a ultima.

O povo é que não vê isto a sangue frio. Ao presenciar o phenomeno ficou lastimoso e de mãos na cabeça, presagiando horriveis catastrophes.

Temos pena de o não tranquillisar por completo, por mais optimistas que pareçam, hypoteses dos sabios.

«Noticias de Fozcoas»

A este nosso preando collega, que se destaca dentro os jozinhos de provincia pela sua excellentissima redação, agradecemos pehorados a referencia que nos fez no nosso numero do Natal.

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes 'Bodo aos pobres da freguezia d'Ovar', 'Transporto', 'Anonymo', 'Manoel Lopes'.

Boettio

Entrou já em convalescencia a menina Marianna, querida filha do nosso presado amigo, sr. Antonio d'Oliveira Moscoso, negociante em S. Miguel. Estamos, e felicitamos vivamente a sua extremosa familia.

Fallecimento

Foi no ultimo sabbado na freguezia de Vallega a extremosa mãe do nosso presado amigo e assignante, sr. Antonio Maria de Moraes Ferreira. Seu funeral realisou-se no dia seguinte e na segunda feira foram celebradas exequias por sua alma.

Aquelle nosso amigo apresentamos sentidas pesantinas.

Nervosismo

de sete annos de idade para baixo, uma d'ellas deu uma forralhada pancada na porta da sobredita escola. Eis a saída de dentro o professor, em tal ar. Assia é preso da mala exultando indignação affugenta trovejando e ameaçando o grupo innocente.

O Santo Nazareno dizia com brandura e mansidão: deita-vi a mim as crencinhas. E este professor não se lembra de que esse deve ser a mais forte aspiração d'um mestre e muito mais de quem lecciona n'uma escola republicana, onde as proprias paredes parece repetirem incessantemente: amal o pequenino como o proprio Christo.

... Mas não. O sr. Assias não só accorrou os grandes criminosos, como de 10.º approações,

nes, um obscurantista, um refractario ao progresso, um assassino da liberdade. Em nome d'estas palavras assaenaram-lhe as audazes injurias, as mais affrontosas calumnias; mas como os factos e a historia attestam o contrario, pois que nos dizem alto e bom som que o Padre foi, é, e será sempre o soldo da verdadeira liberdade, o fôco, d'onde irradiou a luz esplendorosa do progresso e da civilização, collocaram de parte estas armazas tão indignas, lançando mão d'outras não menos indignas, taxando o Padre de reaccionario.

A reacção é um facto, brada-se por toda a parte, sem ningaam, nem ainda quem mais contra ella barra, saber o que é a reacção, quem são os reaccionarios. No conceito dos exaltados jacobinos e quejados os reaccionarios são os Padres; mas o que quer dizer reaccionario?

Sejar aquelle que, amplexum a nossa deshermes de roca e entra o seu proceder, será a entrada para da nossa inde... significar aquelle mundo e seus la... uma batina, que sua mortalha e succorver os necessarios afflictos, remediar e todos o verdadeiro? Quererá significar desprezando a sua peira do doente, at... infecciosa, minis... tus naturais e esp...

Sejar aquelle que, reos os prazeres, ainda os que só no céu é ser felizes, servindo-tinella e anje tutelovarios e desmandos? Como quer dizer tu... vindo seja a reacção, quando seria um cabos intraveis, em que cada do ao acaso o mal pelo aharia no abismo de as e crimes imagina...

portas, ainda não lo... nento nestos os mal... da Egreja; pois que aquelle que tudo pode farra, protegendo-a na os ministros sagrados. a sua obra indefe... Deus mais um obreiro o Padre José Maria Va... que no primeiro dia... brou a sua primeira

cermonia principiou... horas e meia. O tempo se passou vistosamente angustado, repleto de fôcos e pessoas da mais alta classe da sociedade, que ali iam testemunhar a sua fiel amizade ao novo-presbytero. Ao Evangelho subiu ao pulgito um condiscipulo do neo-levita, o rev. Agostinho da Costa e Silva, que n'uma bello e bem limado sermão apresentou ao auditorio os titulos nobres e elevados do Padre como mensageiro da paz, da Caridade e do amor.

Seguiu-se a impressionante cerimonia do beija-mão, durante a qual a philarmonica «Ovarense» executou no côro alguns trechos do seu bello e variado repertorio.

Terminado este acto, o novo-presbytero foi recebido comprimentado pelos cavalleiros presentes, entre os que se viam os rev. abbades de Vallega, Avanca e Pardilhô; rev. Condicionados de Vallega e Avanca; o dig. administrador de Estarreja, o antigo deputado Francisco Barboza Netto Moura; o rev. Machado, superior

Avanca, Vallega e Pardilhô, etc.

Em seguida dirigiram-se todos para o novo-levita que offereceu o oppiuro janter a todos os seus amigos.

Acostaste dirigiu em primeiro lugar a sua assuagem ao novo Padre rev. Agostinho da C. e Silva. Seguiram-se-lhe muitos outros cavalleiros que estavam presentes, notando em quasi todos uma grande convicção signal evidente d'uma bem solida amsale.

Por fim o rev. José Maria graduen a todos as provas inequivocas e amizade, que lhe tinham dado, e, r ferindo-se da passagem á mor de seu idolatrado e estimoso Paes desditoso irmão, ede que fura com punheiro durante oito annos nas lidescer-lhas, arrancou a todos as asistentes lagrimas de bem funda commoção.

Desta maneira terminou tão saôcos e sympathica festa que a todagrado e deixou fundas saudades.

Ao novo Presbytero as mais sinceras felicitações e á ex.ººº famil os meus cordaes parabens.

Isoplin.

Agradecimento

Paes, irmão e irmão da ma lograda Maria José de Oliveira agradecem por este meio a todas as pessoas que se dignaram prestar-lhe os seus carinhosos serviços, quer durante a prolongada doença da sempre chorac extincta, quer após o seu füllimento, e bem assim áquell que os cumprimentaram em tã doloroso transe e acompanharam a saudosa flonda á sua ultima morada. Igualmente agradecem ás pessoas que assistiram a missa do 1.º dia. A todas prestam a sua indelevel gratidão e pedem desculpa de que quaquer falta involuntaria.

Ovar, 25 de janeiro de 1911 Antonio d'Oliveira Moscoso Maria d'Oliveira João d'Oliveira Moscoso (ausent) Beatriz d'Oliveira Marianna d'Oliveira.

Citação-edita

2.ª publicação Pelo Juizo de Direito da e marca de Ovar e cartorio do e crivão-Lopes—correm seus tomos una autos d'execução q o Doutor Delegado do Procurador Regio, como representanda Fozanda Nacional, move contra José da Cunha Branco, fillo de José da Cunha Branco e Gracia d'Oliveira d'Assumpção, natural da rua da Motta, d'essa villa de Ovar, e por isso, pe presente, correm editos de 1 dias a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citada do referido José da Cunha Branco, actualmentem ausent em parte incerta, para no prazo de dez dias, findo que se os dos editos, pagar á Fozanda Nacional a quantia de 300,000 reis por ter sido reconhecido para o serviço militar no anno de 1909, por esta freguezia de Ovar cabendo-lhe no sorteo o numero 6, e não se ter apresentado no regimento d'infanteria numero 24 a que foi destinado, o no mesmo prazo, nomear á pnhora bens sufficientes para pagamento d'aquella quantia, se pena do direito de nomeação se devolvendo ao exequente.

Ovar, 11 de janeiro de 1911 Verifique a exactidão Juiz de Direito

Cometa d'Halley

Como annunciaram alguns sabios estrangeiros appareceu na noite de 22 do corrente no horizonte, a oeste da villa uma estrella de longa cauda perpendicular, que foi desaparecendo pouco e pouco. A sciencia tinha predicto, que antes do aparecimento do Cometa de Halley estrellas de rabo cruzariam o espaço.

Foi então essa a primeira que se viu claramente ao cahir da noite de 22, e de certo será a ultima.

O povo é que não vê isto a sangue frio. Ao presenciar esse phenomeno ficou lastimoso e de mãos na cabeça, presagiando horriveis catastrophes.

Temos pena de o não poder tranquillisar por completo, por mais optimistas que pareçam as hypoteses dos sabios.

«Noticias de E»

Para isso, pois que a primeira ascensão os augustos degraus do altar para immolar a Hostia Sacrosanta, interpondo-se assim entre Deus e o seu povo para obter d'Aquella benções e graças para este; ia assistir ao juramento solemne que em soldado novo, mas denodado, fazia nas mãos da Omnipotencia divina, segundo o qual se comprometia a salvar todos os esforços com sacrificio dos seus interesses e ainda da sua vida, se tanto for preciso, para levar o seu povo aos pés do Altissimo...

Foi mais um combatente que se alistou na milicia de Christo, sob o estandarte invencivel da Fé para, de vislra levantada e peito ás balas, ferir batalha difficil, mas victoriosa, com os seus fidaes inimigos, que se servem de todas as armas, ainda as mais coluniosas e indignas, para ferir o Padre no que elle tem de mais sacrosanto e casto.

cermonia principiou... horas e meia. O tempo se passou vistosamente angustado, repleto de fôcos e pessoas da mais alta classe da sociedade, que ali iam testemunhar a sua fiel amizade ao novo-presbytero. Ao Evangelho subiu ao pulgito um condiscipulo do neo-levita, o rev. Agostinho da Costa e Silva, que n'uma bello e bem limado sermão apresentou ao auditorio os titulos nobres e elevados do Padre como mensageiro da paz, da Caridade e do amor. Seguiu-se a impressionante cerimonia do beija-mão, durante a qual a philarmonica «Ovarense» executou no côro alguns trechos do seu bello e variado repertorio. Terminado este acto, o novo-presbytero foi recebido comprimentado pelos cavalleiros presentes, entre os que se viam os rev. abbades de Vallega, Avanca e Pardilhô; rev. Condicionados de Vallega e Avanca; o dig. administrador de Estarreja, o antigo deputado Francisco Barboza Netto Moura; o rev. Machado, superior

THE DAILY SILVER BELT



GLOBE, GILA COUNTY, ARIZONA, THURSDAY, MAY 19, 1910.

MET AND SPOTS ON SUN INTEREST STAR GA

E OF SOLAR WONDERS PASSES WITHOUT INCIDENT

le Phenomena Unrelated

et name, the comet went, and this old earth is no better, and thus far very little wiser. As no collision, as the superstitious and the rare, and now that the comet is headed away there will be no recurrence of the manifestations that were recorded from all parts of the world.

h did pass through the tail of the comet, but fled from the deadly cyanogen gas. To the tail of the comet was indeed "the veriest nothing set in the midst of naught."

the phenomena of the daylight hours of yesterday far the more interesting. During the afternoons were observed in varying numbers about our sun from five western observatories, but the records which were almost unanimous of that these disturbances of the solar atmosphere had nothing to do with the approach of the comet were merely coincidental.

the eastern observatories had anything of note other during the day or the night. The performance took little more than five hours, differ as to the exact time at which the earth passed through the comet's tail, but the opinion is that it occurred between 7 and 8 o'clock at night, the speed of the tail and the earth was estimated to be more than 46 miles a second, and the tail at about 1,000,000 miles.

he comet will become visible again, headed as with the tail sticking straight up out of the sky, a little above the spot where the sun sinks. Then he will be seen in the stages of the approach. At the end of a month, good bye for another seventy-

night disturb the magnetism of the earth. But Dr. Hale added that he did not think the spots were responsible for recent seismic disturbances.

SPOTS ON FACE OF THE SUN. A group of more than a thousand miles in total length.

INFEUENCED GREAT COMET. Cause of Disturbance Magnetic Cosmos on Earth.

Mexicans Frightened and Look for End of World

Mourning Changes to Joy as Day Passes Without Expected Horrors

EL PASO, Texas, May 18.—Hundreds of Mexicans from the villages along the Mexican border are gathered about crosses erected on the hills tonight, awaiting the appearance of the fiery comet which they believe is hurrying to destroy the world.

CALIFORNIA COMET IT SUN

Permanently Foundary

SAN JOSE, Cal., May 18.—The comet which was seen in the western part of the state, is now in the eastern part of the state. It is now in the eastern part of the state. It is now in the eastern part of the state.

NO PECULIAR PHENOMENON ON PASSAGE OF

PASADENA, Cal., May 18.—According to the observations of Dr. George E. Hale, and his assistants at the Carnegie observatory, Halley's comet passed the sun at 8:35 o'clock tonight and at the same time was in the midst of the wanderer's tail.

Dr. Hale mounted an electrometer to detect any change in the magnetism of the earth, a variometer to show any variation in the magnetic pole. A tower was also erected bearing metal plates coated with glycerine to catch any of the dust particles with which the comet tail is supposed to be laden.

TOUCHING SCENES MARK DAY IN NEW YORK CITY

Little Child, Looking for Comet, Shot and Fatally Injured by Stray Bullet—Ignorant March to Church in Fear of Celestial Visitor

NEW YORK, May 18.—A child of 9 years, gazing for the comet through a telescope, was shot during a street battle tonight in Little Italy. Her spite was unshared and she will die. No arrests have been made.

Mexicans Frightened and Look for End of World

Mourning Changes to Joy as Day Passes Without Expected Horrors

EL PASO, Texas, May 18.—Hundreds of Mexicans from the villages along the Mexican border are gathered about crosses erected on the hills tonight, awaiting the appearance of the fiery comet which they believe is hurrying to destroy the world.

For ten days the superstitious Mexicans have sought to avert the impending catastrophe with music, incantations and weird ceremonies and many have spent day and night in prayer. Hundreds have sought refuge in caves and canyons in the mountains. As the hours passed without catastrophe, gloom gave way to joy, and the dancing and feasting replaced the religious ceremonies. The Indians, also, shared the great fear of the Mexicans.

CALIFORNIA COMET

It is now in the eastern part of the state. It is now in the eastern part of the state. It is now in the eastern part of the state.

SAN FRANCISCO TO GET BIG FIGHT

SAN FRANCISCO, Cal., May 18.—The Jeffries-Johnson prize fight will be held in San Francisco, July 4th. This announcement was made tonight by Tex Rickard, one of the promoters of the match, after a consultation with Superintendent John L. Hergert, chairman of the police commission of the board of supervisors of the county of San Francisco.

DOUBLE DAY FOR JEFF

ends Most of Day Fishing—Satisfied to Box at San Francisco

SAN FRANCISCO, Cal., May 18.—There is little or nothing done at the Jeffries today. In company with the members of his staff and a number of other men, Jeffries spent most of the day in Monterey bay.

BLACK BOXER BUSY

Not So Keen for Boxing as on Previous Day, But Is Benefited

SAN FRANCISCO, Cal., May 18.—Jack Johnson went through his usual program of boxing this afternoon, his second workout of the kind since he stepped at the beach. That fact, in spite of the disagreeable weather, attracted a good attendance. Sam Green, a local society leader with a party of friends, and Al Smith, the chief referee, were among those who were present.

MANY THOUSANDS VIEW EDWARDS VII AT W

Miles in Line as I

LONDON, May 18.—Thousands of persons gathered on the embankment on which runs the through Westminster Hall today, and when the duke and duchess of Cornwall, who were with them, were seen to enter the hall.

The German imperial yacht Hohenzollern arrived here today, and the emperor will leave tomorrow morning and the official program of Friday's reception, a highly decorated, comprising five to six miles.

Mr. Roosevelt, an special agent of the United States, will be in San Francisco, July 4th.

HUNTERS AS E Three Expl BULK WERE Horror suit

HAYAN natives opposed completely barracks 1 this month July or so and an of the sea notice that goods if several departments in which and details in it is a also was a of escape advised at several points, official office from Havana troops, 50 troops had of the reported 5 rater was 1 counter since on 1 ing the 10 headquarters station Oct 2a case two Little found, all the prison committed to be from the dynamite employment employee was sent, the ver note on a covered, 7 work was left and sent. The was something alive. It a greatly re the other that a gun may exist

years broke had, night shat wer 1 four ers they flann wen lite Son this bal 4 for of T tion tion lae.

LA CORRESPONDENCIA DE ESPAÑA

ACTUALIDAD CIENTÍFICA

Tierra a pasado por la cola del cometa

Lectores: estamos vivos.—En el Observatorio y en las calles.—Madrid se divierte. Impresiones de provincias.—En el extranjero.

DE EL COMETA

dos de la madrugada. Los cometas repeter, distribuido el trabajo a el juego de esta noche, que amanecer trágico, y resulta curiosa impresión bromista.

que sea venas en Marte, ni que, de encontrarnos, procure usted otro planeta más pacífico en Venezuela. Se va quedando solitaria y «Taf—dice un sereno reagado, en la Provincia.—Hasta mañana, mañana. No se queda solo. de los cristales se descubre el cielo y estrellado, como en una herida natural. En las calles, el vecindario. Hombres y mujeres gritan, desahogados, como si quisieran ahogar, en una alegría que no es vergonzosa manifestación del gusto con la angustia seriedad que dice reír.

er, un poco fatigado, un poco nervoso, apaga las luces y se tiende a esperar los avios celestiales en Madrid oscura, y media, las tres menos cuatro...

er no oye más. Se le nubla la visión la presión de una enorme nebulosa, le faltan las fuerzas, as la rigidez de todo el cuerpo. El aire girar, y los gritos se ahogan sola.

—En ese momento...
—¿Y qué sucede?...
—Es que el cuerpo, sus los espacios, envuelto en la sumergido, parece las distancias más lejanas. —¿Sabe, señor, al fin, penetra, como una bala, no cuando incandesciente del astro

hermosa! El repeter parece redondea idéntica rostros femeninos, y angélicos, sobre cuerpos de curvas y de líneas. Los hombres, formidables semejanzas a rocas rotundas al río.

—¿Perdida instruí—grita una y autoritaria.—Ven aquí! er, temboreo, salva de un salto metras, y se encuentra frente a a señor barbudo, sereno, que mide leguas de alto, por dos o dos y ocho.

—¿Usted eres, reanucio? Tierra, señor. —¿El padre de la Tierra? —¿A qué? —Ah, sí... España como que se ve allí, a la derecha, hablo los microbios de tu país? —¿Pé, señor? —Es cómo se mueven? — se embargan, que palmeaban, a por las calles, un tropel, confundido.

—¿Cómo?... ¿Tienen? —¿No se divierte algún. Puede, utilizando como conductor un no de mi vida, de la cola de este planeta, señor? —¿Por qué? —Supongo que una noche como que hubiera yo apalaches, sería por que la vida y mala nuestra vida, señor. —¿y es mala; es pésima. Yo tenía entendido, y, al contemplarlo, devalla la pena de perder el corazón y un país que se analiza solo? —¿Ah, sí? —Se bien venido. Y el repeter, ya bien despierto, empieza a redactar las primeras notas del famoso acontecimiento, exclamando: —Pues señor, esto, indudablemente, es vida.

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

El pobre repeter siente andar su cuerpo por los espacios y en sus oídos suena un marante ruido de timbal... —Señor Taf, señor Taf: que llaman en el telégrafo. —¿Cómo en el telé? —¿Quién eres? —El ordenador, señor Taf. ¿No me ve usted?... —Caramba, hombre, perdona. Me había muerto... Digo: ¿qué tontera!... me había dormido. —¿De dónde llaman? —De Palacio. —¿Con quién tengo el honor...? —¿Ah, sí? —Se bien venido.

—¿Ah, sí? —Se bien venido. Y el repeter, ya bien despierto, empieza a redactar las primeras notas del famoso acontecimiento, exclamando: —Pues señor, esto, indudablemente, es vida. —¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

res... Total, tantos... Y oye lo que dice: «Con un número así de amigos en las Cortes, mi canteira y mis aspiraciones están aseguradas.»

—Y es raro que se pase en mangas de camisa, ¿quién es? —¿No le conoce? Un revolucionario esobrecido, que plantea una venganza. Es cialista. «Yo odio a los republicanos, pero me sumo a ellos para llegar a mi fin. ¡Oh, Maura fuerte, Maura fuerte! Yo acabaré con el detenedor mi causa! esto es burlarme de país y acérrimo de ocupación! Insultice toda mi labor de a, yedrás los de a que en esa persona, el porvenir. Y a ellos, acudiré a los media traiga sobre...»

—¿De dónde azar señor? —Nació de un distar al comido, se le dejaron en ridícula gana, la satisfacción... —Pues mira ha de, veinte hombre públicos se se, que con sus cestas para desahogarse. —¿Y eso qué? —Es que hacen cálculos aducen en ésta y a crear conflictos al g... —¿Y aquellos sig... —Preparan la p... —¿Si, disculpa. Sin de la libertad y del... —Pues dime que que es indispensable... —¿Más democi... —Escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

POR LA TARDE
En el Cerrillo de San Blas.

A última hora de la tarde de ayer comensaron a llegar a los alrededores del Observatorio Astronómico algunos grupos de curiosos, dispuestos a esperar, pasando la noche en vela, para presenciar los fenómenos que se pudieran presentar al contacto del cometa con la Tierra.

Como se notaba anterior la concurrencia de público en el Observatorio ha sido extraordinaria, al ver llegar los primeros grupos de curiosos ayer tarde, pidieron a la Comisaría que quisiera, fueras de Orden público, se

En calles y tabernas.
Los trabajadores, al salir de sus talleres, dirigidos ayer a las tabernas para celebrar la proximidad del «temible viajero», y era cosa digna de ver en torno de los relucientes los conferencias de los improvisados oradores, sobre la competición del cometa y sus efectos que se contactar con la Tierra había de producir.

—¿Y eso qué? —Es que hacen cálculos aducen en ésta y a crear conflictos al g... —¿Y aquellos sig... —Preparan la p... —¿Si, disculpa. Sin de la libertad y del... —Pues dime que que es indispensable... —¿Más democi... —Escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

Los teatros estuvieron animadísimo, a pesar de que por la noche se mandaron al citado punto «ojas de Seguridad», atendiendo las del

—¿Y eso qué? —Es que hacen cálculos aducen en ésta y a crear conflictos al g... —¿Y aquellos sig... —Preparan la p... —¿Si, disculpa. Sin de la libertad y del... —Pues dime que que es indispensable... —¿Más democi... —Escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¡Mirad! yo lo había soñado; digo que me el cometa aún no perdí hace un millón de años en la con Júpiter! Se ha quedado sin tabaco... ¡Ya no me puede más!

En los primeros momentos de la del globo, al que más y al que me pose la carne de gallina.

Los gritos y las afirmaciones robre la aparición del cometa excitado, tras de haberse acalorados dichos faceres degeneraron en burlas al ca de que era un globo, y no el cruzo lógico huésped lunares.

Fueron tales y en tan gran número que le ganaron al pobre cuadro del cometa un año, que, como tratado, cayó al suelo, afirmando que lo que él había soñado era el

—¿Y eso qué? —Es que hacen cálculos aducen en ésta y a crear conflictos al g... —¿Y aquellos sig... —Preparan la p... —¿Si, disculpa. Sin de la libertad y del... —Pues dime que que es indispensable... —¿Más democi... —Escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¡Mirad! yo lo había soñado; digo que me el cometa aún no perdí hace un millón de años en la con Júpiter! Se ha quedado sin tabaco... ¡Ya no me puede más!

En los primeros momentos de la del globo, al que más y al que me pose la carne de gallina.

Los gritos y las afirmaciones robre la aparición del cometa excitado, tras de haberse acalorados dichos faceres degeneraron en burlas al ca de que era un globo, y no el cruzo lógico huésped lunares.

Fueron tales y en tan gran número que le ganaron al pobre cuadro del cometa un año, que, como tratado, cayó al suelo, afirmando que lo que él había soñado era el

—¿Y eso qué? —Es que hacen cálculos aducen en ésta y a crear conflictos al g... —¿Y aquellos sig... —Preparan la p... —¿Si, disculpa. Sin de la libertad y del... —Pues dime que que es indispensable... —¿Más democi... —Escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

—¿Y por qué un coloso? —¿Y a qué se desahucian vuestros señores? —Escuche, escuche, escuche, señores: ¿Qué es este mundo para ser de tu especie. —¿Señor?... —¡Pues! —¡Prost!... ¡Que la Tierra se escap!... ¡Que voy a estar en otros mundos!... ¡Fuerza!

ILTY, RT SAYS Dismissed loc. LL DECIDE In the Case of Gen-

agreement. The court recently... (ILTY, RT SAYS Dismissed loc. LL DECIDE In the Case of Gen-)

MICC KILLER SUDDENLY REJECT ROCKEFELLER CASH. THAW MURDERS STANFORD WHITE Shoots Him on the Madison Square Garden Roof. ABOUT EVELYN NESBIT "He Ruined My Wife," Witness Says He Said. AUDIENCE IN A PANIC Chairs and Tables Are Overturned in a Wild Scramble for the Exits.

MICC KILLER SUDDENLY REJECT ROCKEFELLER CASH. THAW MURDERS STANFORD WHITE Shoots Him on the Madison Square Garden Roof. ABOUT EVELYN NESBIT "He Ruined My Wife," Witness Says He Said. AUDIENCE IN A PANIC Chairs and Tables Are Overturned in a Wild Scramble for the Exits.

employee of the Garden who knew Thaw, who nearly all of them said he had violated the glass often, did not seem greatly surprised at the tragedy. When Thaw entered the Garden in the early part of the show he seemed greatly agitated. He scurried from one part of the show to another, and finally took a seat in a U-shaped niche near the stage.

Harry Rogers of 322 Henry street was seated at the table next to the one in which Thaw was sitting when he was killed. He says that they lived when the episode of his pistol was only a few inches from White's temple. Another witness said that when Thaw fired three shots and hitting at White as if to be sure that he was stone dead, Thaw uttered a cry and added: "You'll never get out with that weapon again."

A Woman Sat Near White. All another table adjoining that at which White was killed had a woman dressed in white. It was believed for a time that she was a companion of White's, and it was reported that she leaped over and kissed the face of the dead man, but this could not be verified, and it is positive that White was alone when he entered the Garden.

MINER CRUCIFIES HIMSELF. Thinks Visit of Halley's Comet Fortunes End of World. SAN BERNARDINO, Cal., May 9.—From brooding over possible ill-effects of the visit of Halley's comet, Paul Hammerton, a sheepman and prospector, became insane and crucified himself, according to mining men who arrived here with him yesterday. Hammerton was found where he had nailed his feet and one hand to a rude cross which he had erected.

Although he was suffering intense agony, Hammerton pleaded with his rescuers to let him remain in his spiked imprisonment. Since the visit of Comet A. 1910, Hammerton has been much alarmed, and when he learned that the earth was scheduled to pass through the tail of Halley's comet his mind gave way and he believed that the end of the world was at hand.

SOME DRIVEN TO SUICIDE. Others Become Temporarily Insane from Brooding Over Comet. Special to The New York Times. CHICAGO, May 18.—The approach of the comet affected Chicago people in divers ways. Some it drove temporarily and harmlessly insane, and others developed suicidal mania.

Blanche Covington made up her mind that there was no escape from the comet and that it would kill everybody in Chicago. She had difficulty in convincing her friends, but this did not change her own opinion. Dreading the suffering that she might have to undergo she locked herself in a room and turned on the gas. Mrs. Marie Welch called a policeman, and with his aid Miss Covington was rescued.

Fear of the comet is believed to have driven Mrs. Sophia Houge, 90 years old, insane. She committed suicide to-day by inhaling illuminating gas. Samuel Popowski declared that the tail of the comet was striking him all the time, and that it was beating him into shreds. City Physician Baldwin pronounced him insane.

Brooding over the comet brought on an attack of religious frenzy in a woman living on the northwest side of the city yesterday afternoon. She was on her way downtown in a street car, when she suddenly rose to her feet, shouting and gesticulating wildly. "Glory, glory, glory!" she cried. "Get down on your knees, you sinners, and pray the Lord to forgive you, for this is the end of the world."

INDEPENDENT PLANTS BAD. Chicago Inspectors Find Improvement in Some, However. CLEVELAND, June 18.—The independent plants in the vicinity of Cleveland are being inspected by the inspectors of the Independent Planters' Association. The inspectors found that the plants in the vicinity of Cleveland are being inspected by the inspectors of the Independent Planters' Association.

COURT LAW IN BARRIERS. BALLANTINE, N. Y. June 18.—The Board of Trustees to-day passed a motion which forbids objections to be on the streets about 8 o'clock at night under penalty of being taken away by the police.

INSURANCE. The Board of Trustees to-day passed a motion which forbids objections to be on the streets about 8 o'clock at night under penalty of being taken away by the police.

THE BOARDING HOUSE. The Boarding House... (INSURANCE. The Board of Trustees to-day passed a motion which forbids objections to be on the streets about 8 o'clock at night under penalty of being taken away by the police.)

THE BOARDING HOUSE. The Boarding House... (THE BOARDING HOUSE. The Boarding House...)

THE BOARDING HOUSE. The Boarding House... (THE BOARDING HOUSE. The Boarding House...)

THE BOARDING HOUSE. The Boarding House... (THE BOARDING HOUSE. The Boarding House...)

THE BOARDING HOUSE. The Boarding House... (THE BOARDING HOUSE. The Boarding House...)

Exórdio

Nova Iorque

– São quatro segundos, caro amigo, quatro segundos de aflição que não dão para um pai-nosso. O amigo experimente, pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no PAM!, quatro segundos e o corpo despedaçado contra o cimento. Se quiser continuar a trabalhar aqui, invente uma oração, pense bem no que há-de pedir ao altíssimo, mas que seja em menos de quatro segundos.

Dois homens pendurados por arneses a oitenta metros de altura. Os que trabalham dentro chamam-lhes pardais com uma ironia desnecessária. Quarenta e oito horas semanais de equilibrismo pagas a quatro dólares, um bom emprego para quem acaba de chegar à cidade. A fome mata-se muitas vezes com números de circo, ser equilibrista ou palhaço é só uma questão de oportunidade.

– Quando o mundo foi feito, os homens foram postos na terra de pés assentes e medo das alturas. Os homens não são do alto, como os pássaros e os anjos, a vertigem foi-nos dada pela natureza para que não o esquecêssemos. Os homens que sobem demasiado alto são puxados para baixo pelo diabo, para baixo de tudo, para o inferno que procuram. A força da terra é força do diabo a chamar gente.

Karl tenta não ouvir o colega, concentra-se na janela e no rodo que faz deslizar com precisão. Este é o primeiro dia de trabalho e ensaia um desvelo que não lhe é comum. Por entre os movimentos do braço e o chiar da borracha contra o vidro, há palavras que lhe chegam e ficam às voltas na cabeça. Céu, cimento, diabo, inferno. Karl nunca esteve tão longe do chão em toda a vida, pouca gente esteve. As montanhas do seu país são uma coisa diferente, altas,

sim, mas vão subindo devagar. Esta parede é demasiado vertical, como o degrau infinito de uma escada absurda, um degrau que é fácil descer.

– Eu não hei-de cair enquanto o mundo não se virar. Não há diabo que chegue ao santíssimo. Há quase um ano que trabalho nisto e deus nunca me deixou cair, um homem deve precaver-se e foi o que fiz. O pastor deu-me na mão uma pena de anjo, uma pena às cores de um anjo que o foi ver, e eu trago-a cosida ao peito. Esta pena é de puxar para deus. «Cose-a ao peito e nada te pode deitar abaixo, o coração há-de puxar-te sempre para cima enquanto a trouxeres contigo.» Foi o que me disse o pastor antes que eu aceitasse este trabalho. Uma parte do ordenado vai para a igreja, e mais que fosse, o favor de deus não tem preço e até os pardais podem cair sem penas de puxar para cima.

Tremem as pernas a Karl de frio ou medo, a esta altitude não há diferença. O vento anda com eles de manhã à noite, como um cão vadio que não tem para onde ir e se mete pelas pernas de quem trabalha. Karl dá por si a inventar orações, é um exercício difícil, reduzir a algumas frases tudo o que se quer pedir ao criador. Por fim decide-se e repete para si mesmo «Perdoa-me senhor, perdoa-me senhor, perdoa-me senhor...», a fórmula é simples e tem a vantagem de poder ser usada também em quedas pequenas.

Sueson Birea

Um bairro popular, uma rua como outras e ao fundo uma casa com jardim. São dois andares de casa velha com divisões espaçosas e tectos altos. Cinco quartos, uma sala de jantar, uma cozinha, duas varandas e uma sala com livros. O jardim é quadrado, delimitado por um muro baixo e sebes bem tratadas. No meio do jardim, descaído sobre a esquerda da casa, está um pequeno moinho vermelho que chia quando quer.

A tarde é fria e cinzenta, como muitas tardes de Julho em Sueson Birea. O pequeno Jorge não pensa no frio, está deitado sobre a erva e olha para as formigas. Ninguém se atreveria a adivinhar o que pensa. Norah, a irmã, corre pelo jardim atrás de um animal que ele inventou. Jorge gosta de inventar animais, Norah de correr atrás deles. Um cão de três pernas com bigodes de gato e rabo de burro, quando está longe sopra como o vento, de perto não há quem o saiba ouvir. Norah admira o irmão e, por mais que tente, não vê o que ele vê. É talvez dos óculos que ele usa, tem mais olhos do que ela e vê coisas que mais ninguém consegue ver.

De uma janela do primeiro andar, a avó Fanny observa o jardim e os netos. Uma estranha sensação percorre-lhe o corpo, como um arrepio ao contrário, um conforto descontrolado. É uma avó viúva, cheia de histórias que os netos gostam de ouvir. Os netos ocupam-lhe vazios deixados pelo marido, um homem que morreu numa guerra oblíqua, uma guerra sem ideais ou talvez com demasiados; uma guerra de homens que querem contra homens que também querem, como são sempre as guerras. Em breve soarão as quatro horas e a avó Fanny descerá as escadas para anunciar o chá que tomarão juntos à mesa da cozinha.

Jorge vai olhando as formigas e faz traços num caderno. Sempre que aprende algo novo, Jorge faz traços no caderno. A avó chama-os e o cão de três patas foge para longe. Norah fica triste por alguns segundos, mas depois pensa no lanche e esquece-se. Corre com o irmão para dentro e sentam-se à mesa. Enquanto comem, a avó Fanny põe-se ao lume e canta baixinho uma canção de guerra e de homens perdidos.

Do outro lado da rua, Roberto saiu de casa para não ouvir uma discussão. Tem vestido um casaco mal remendado e encolhe-se a cada rajada de vento. Senta-se no passeio e olha em frente, fixando o moinho vermelho da casa de Jorge. Segue Norah com os olhos sem perceber a que brinca e depois vê a avó Fanny abrir a porta e chamar os netos. Roberto sente o peito apertado e os ombros que tremem. Frio por dentro e frio por fora. De sua casa chegam gritos com o vento, gritos que não o deixam pensar em nada, nem sequer no que sente, muito menos nisso.

O bairro é popular, a rua banal e há uma única casa com jardim.

Oceano Atlântico

Este azul é cor de sítio nenhum. Um lugar que foge aos sentidos por medo e finitude. Olha-se como não vendo, porque é tanto que não cabe em gente. Chamar-lhe mar ou chamar-lhe céu, chamar nomes às coisas que riem de nós e de deus. O mar inventou-nos a nós e depois a deus.

No mar vai um barco e no barco vai um homem por ser, um rapaz que deixa um lugar por outro. Na cabeça do rapaz há muitas ideias misturadas, também contradições e medos e o tempo infinito de tudo o que se desconhece.

O barco é uma cidade lenta de gente incógnita. Pelo convés e pelos corredores, cruzam-se olhos desamparados que se fazem maus porque estão sós e longe. No meio dessa gente vai Fernando virado para dentro e nada o surpreende, nada o pode assustar mais do que já está. É um rapaz que vê a vida mudar de rota, como o barco ou outra coisa grande. Fernando acabou de jantar e fechou-se no camarote, dentro há uma cama pequena, um baú com o que é seu e uma secretária roída onde se pode escrever. Fernando escreve.

Da última vez estavas igual, tinhas já essa cor de ir e vir dentro de ti. Lembro-me, tu sabes que me lembro. Agora eu sou maior e tu continuas como sempre. Ganho eu. Tens vantagens claras, claro que tens, nós estamos de passagem, agarrados ao que ficou e incertos no que será, tu não.

Se eu fechar a escotilha ficas todo lá fora, sozinho contigo, sem deuses que te aturem, és demasiado grande para chegares a mim, não tens dedos que me agarrem nem olhos de ver ao perto. As tuas ondas poderiam ser rugas se eu quisesse, sabes que o posso fazer? És um bruto desajeitado que esmaga os brinquedos e faz birras a

fingir ódio. Entretanto nós passamos, baixamos os olhos e rezamos baixinho para que tu vejas e tenhas pena, mas eu rio por entre as rezas e tu não me vêes.

Gosto de te ter por perto, assim como estás agora, ao alcance de te querer. Se eu quisesse juntava-me a ti e seria mar também. Mas não quero, ainda não. Tenho os meus deuses para inventar e acredito ainda em cores que não são tuas. Um dia, um dia é o tempo de tudo o que haveríamos de ter sido, e eu ainda tenho dias para mundos maiores do que tu. Se eu quisesse, tu eras um segundo pequeno de uma vida por fazer, sabes que o posso querer?

Agora durmo, agora és noite e tens a cor de tudo o resto (o mar não dorme, pois não?). Não sonhas, mas és sonhado e não há nada que possas fazer.

O tempo das ondas parece-nos curto porque as vidas pequenas que vivemos nos deixam ainda ver tantas. Para o vento as ondas são montanhas azuis. Homens que viajam são o vento de quem espera e de quem fica. Tempo que vai e volta e se esquece no passar. Os homens eternos chamam deuses aos ventos e riem sozinhos ao acordar.

As palavras escritas ficam ali sobre a secretária a baloiçar com o barco nas ondas. Fernando deita-se e fica à espera do sono ou de chorar. Um corpo deitado não espera muito e entrega-se ao que vem.

O barco é uma máquina de mudar vidas, um movimento certo como o tempo. Dentro vão as vidas de gente que chora e dorme e fornicava. Um corpo que viaja a velocidade constante perde a noção do movimento mas não esquece que é um corpo, faz o que tem a fazer e depois dorme e é já outro dia e outro lugar.

Nova Iorque

Hoje Karl trabalha sozinho, o colega não aparece há dois dias e os homens que vieram para o substituir acobardaram-se à última. Diz o chefe que é comum, são precisos oito homens para encontrar um empregado.

Karl está agora a limpar a quarta janela. Lá dentro um senhor de fato mostra a uma pequena plateia desenhos e esquemas intrincados. A voz não passa a janela mas, pela expressão, parece estar a vender alguma coisa. Em cima de uma mesa está uma caixa fechada para onde o senhor de fato aponta quando se entusiasma. Os seus gestos são exagerados, quase ridículos, mas eficientes a despertar curiosidades. Um dos membros da plateia levanta-se com ar grave e faz perguntas a toda a sala, há dúvida nos olhos dos compradores. O senhor de fato olha para a janela à procura de inspiração e, assim que vê Karl, os olhos brilham-lhe. Desculpa-se perante a plateia, dirige-se à janela e abre-a.

– Quer ganhar um dólar? Ofereço-lhe um dólar por quinze minutos do seu tempo, só tem de entrar, sentar-se na cadeira e fazer como lhe digo, do resto trato eu.

Karl hesita, mas um dólar é um dólar, dias de trabalho, muitas janelas. Acena com a cabeça, apoia um pé do lado de dentro e solta o arnês. A sala está em silêncio e a plateia apreensiva. O senhor de fato pede-lhe que se sente e desabotoe a camisa, Karl condescende. A caixa em cima da mesa é aberta e dela saem correias ligadas a fios e a um cubo cinzento com botões.

As correias são apertadas à volta dos pulsos, dos tornozelos e da cabeça de Karl. O senhor de fato dá-lhe algumas instruções em voz baixa e deixa-lhe um olhar de confiança. Karl sente receio mas tem passado muitos dias por cima do abismo, afinal que lhe pode

acontecer, despentear-se? O senhor de fato resume o procedimento e enaltece as qualidades da sua invenção, chama-lhe a máquina de dar energias. À pergunta sobre como se sente, Karl responde com cansaço, explica na sua pronúncia estrangeira como é difícil o seu trabalho e quantas vezes se sente demasiado esgotado para continuar. A resposta é sincera e a plateia acredita nas palavras partidas de Karl. Então, o senhor de fato faz uma meia-lua teatral e chega-se ao cubo metálico, dirige um último olhar à sala e começa a premir botões.

De início Karl não sente nada, apenas o zumbido da máquina e o coração a bater depressa. Mas, após alguns segundos, vem-lhe um formigar veloz que percorre todo o corpo, como se tivesse adormecido em cima de si mesmo. A intensidade do formigueiro aumenta e transforma-se em tremor, agora Karl não consegue pensar em nada, apetece-lhe gritar mas a boca não lhe obedece, todas as partes tremem sozinhas, como o rabo cortado de uma sardanisca. O tempo torna-se infinito e Karl só quer que aquilo pare, quer o corpo de volta, mesmo que sobre o abismo. A plateia está assustada com ele e, por entre as pálpebras velozes, Karl vê os rostos tensos que lhe amplificam o medo.

De repente tudo cessa, não se ouve já o zumbido da máquina e a frequência dos tremores vai diminuindo. O corpo amaina e Karl sente-se feliz por ter ainda a sua vida, inspira fundo e repara que tem as calças molhadas, fica confuso e demora alguns segundos a perceber o que aconteceu. O senhor de fato chega-se a ele e tranquiliza-o, mete-lhe uma nota no bolso e pede-lhe que se acalme.

– Como combinado, rapaz, como combinado.

Esta deve ser a cena final, o senhor de fato fala para a plateia em tom exaltado, como os padres quando falam das almas. Aponta amiúde para Karl e faz muitos gestos com os braços, a um certo momento cala-se, vira-se para trás e, quase gritando, pergunta-lhe como se sente. A resposta sai com o máximo entusiasmo de que Karl é capaz e ele lá profere dois ou três superlativos arranhados num tom vagamente exultante, enquanto esconde a mancha nas calças. A plateia ficou satisfeita e bate palmas de regozijo. Afinal, bastava-lhes saber que Karl continuava vivo, o seu estado de espírito

era irrelevante e, em poucos segundos, Karl seria esquecido. Os homens de negócios aproximam-se da máquina e do vendedor, falam de números e de prazos. O senhor de fato pisca o olho a Karl e pega num caderno para anotar as encomendas.

Eusson Birea

Jorge tem dificuldade em adormecer e por isso inventa jogos e cenários que lhe cansam as ideias até poder adormecer pela cabeça. Jorge imagina-se um conquistador, um rebelde, um general, por vezes um bandido. As histórias da avó Fanny servem-lhe as fantasias e ele desfia-as pela noite dentro, perdendo-se nas terras, adivinhando-as nos nomes raros que elas têm.

Homens rudes e silenciosos com exércitos para comandar, batalhas imensas e cruéis, montanhas e desertos entre missões e morrer. São assim as histórias tão complexas como ingénuas que Jorge conta a si próprio para adormecer. E que terminam invariavelmente com sacrifícios pela pátria, pelos seus soldados ou por qualquer ideal vago e fundamental.

Jorge vive glórias imensas noite após noite antes que o sono chegue. Jorge herói, Jorge mártir, Jorge santo guerreiro. O tão criança que é impede-o de se imaginar a si exactamente, com o seu corpo pequeno e frágil, um corpo tão incapaz de mudar homens de sítio. Assim desenha-se nos avôs antigos que estão espalhados pelas paredes da casa, com todos os bigodes e fardas que são garante de força e respeitabilidade. Um homem de bigode e chapéu pode fazer qualquer coisa na mente de Jorge, até ser seu avô e fundar pátrias no mato. O Jorge menino sonha muitas vezes que é o seu avô, ou bisavô, ou outros ainda antes desses. Há nessas horas uma ideia que lhe vem à cabeça e o deixa confuso, a ideia de todos esses homens sonharem também que são Jorge depois da guerra e do mal, homens de barbas e bigodes com vontades de brincar e de ser outra vez pequenos.

Os sonhos de Jorge são sonhos sem tempo, como os de todas as crianças. São sonhos em que todos estão presentes ao mesmo

tempo em lugares distantes do mundo, na selva, no outro lado do mar e nos retratos das paredes. Se deus está em todo o lado, as crianças estão em todo o tempo.

As guerras de Jorge começam todas as noites do princípio, há homens maus de um lado e os seus homens bons do outro. Sempre os mesmos maus e sempre os mesmos bons, todos prontos a usar os disfarces de uma comédia contínua. O mundo de sonhos de Jorge é enorme, maior ainda do que o outro. Nele estão sempre todas as batalhas, todos os homens e todas as histórias da avó Fanny.

O pequeno Jorge sonha ser grande pela espada porque grandes assim são todos os heróis. Matar é coisa que se faz para ser ilustre e ter bigode, é destino a dar aos maus com a vontade justa de deus a guiar os golpes. De um lado o bem e do outro diabos, é assim que Jorge adormece.

Lisboa

Uma outra vida à espera no cais. Tias engalanadas em lenços de seda e luvas brancas como mãos de porcelana. Vamos lá ser menino com um sorriso que é de cara e não é de mais nada. A viagem chegou ao fim e Lisboa é o fim do mar.

Junto às tias e a esta terra, tudo volta a ser pequenino. O sufixo parece ser anterior às palavras, o menino está cansadinho, a viagem foi boazinha, está tão branquinho, coitadinho. Portugal é assim, diminutivo e manso. O que foi chegando fez-se à escala e por cá ficou, as Indiazinhas, as Americazinhas, os pretitos, pobrezinhos. Os Portugueses não querem nada que não possam meter no bolso. Como é que esta gente descobriu tanto mundo?

Os passageiros descem as escadas e alteram-se a cada passo, passam a ser filhos, sobrinhos, maridos e mães. No barco cada um foi o que quis e pôde, feito à medida de sonhos e frustrações, personagem entre actos, entre o ter partido e o ainda não ter chegado. À saída a vida não permite já devaneios e um nome dito por quem o diz é um grito de realidade.

Fernando não foi nada durante a viagem, apenas olhos de ver e uma cabeça de inventar filosofias. Agora é o sobrinho das tias e dá beijos e abraços. Há um grande conforto no encontrar o que se espera e uma coisa deve ser sempre aquilo que é. Lisboa é Lisboa, as tias são as tias e faz calor porque o Verão ainda não morreu.

A capital é um país de boca aberta para o rio, uma cidade a cantar modas de outro tempo, sempre de outro tempo. Em Portugal inventou-se o viajar no tempo, mas sempre para o passado, sem nunca se sair de onde um dia se partiu.

As ruas passam pela janela do carro, há gente que caminha, gente que vende e gente que leva objectos de um sítio para outro. Há

muitos pobres mal vestidos e há também muito ruído de vozes gritadas e rodas na calçada. As tias fazem perguntas que se vão respondendo com sim, não e mais ou menos. As tias têm medo de um silêncio que não existe, são mulheres educadas e boas que penteiam os cabelos de Fernando quando lhes faltam ideias ou palavras.

Os cavalos puxam o carro e Fernando sente-se puxado pelas tias, levado a trote para uma casa que ainda não é sua e nem chegará a ser. Os cavalos e as tias conduzem-lhe o destino sem lhe perguntar nada, é uma surpresa para o menino embrulhada numa rua de Lisboa. As tias são mulheres sérias que lhe imaginam uma vida direita.

A rua das tias tem árvores a todo o comprimento e há beleza nisso, as árvores são próximas do silêncio. Os cavalos param, o carro pára e durante alguns segundos tudo fica tranquilo como um quadro antigo que se pode e deve admirar.

O cocheiro sobe as escadas com a mala apoiada nas costas, seguem-no as tias e depois Fernando que conta os degraus. Habitou-se a medir as distâncias em passos para que o corpo as possa entender. As milhas e os metros são unidades da cabeça, já os passos são quedas pequenas que o corpo aprendeu a aparar. Da rua ao vestíbulo são vinte e oito degraus e duas pernas cansadas de tanta viagem.

A casa cheira a sopa e a alfazema, os móveis têm formas austeras e por todo o lado se encontram rendas e bordados de mulheres sem marido. Fernando senta-se e olha em volta, aturdido. Bebe da água fresca que lhe trazem e permanece imóvel e tímido à espera de que alguém diga alguma coisa. As tias sorriem porque estão contentes e estão em casa e Fernando sorri também.

Nova Iorque

Karl desconhece a electricidade e, neste momento, com o corpo ainda ofendido, sabe apenas que não a quer voltar a ter dentro de si. Que o prodígio se detenha por luzes e máquinas, longe das entranhas e dos músculos que tão bem passam sem confusões adicionais.

Ao longo da tarde vai sentido ainda espasmos: nas pernas, nos braços, no pescoço. Lentamente estes vão-se tornando mais raros e, a meio da tarde, já quase não se fazem sentir, apenas o braço direito continua a fugir-lhe ao controlo quando menos espera; parece-lhe até que começou a tremer mais, como se os espasmos tivessem diminuído de intensidade e aumentado de frequência, tornando-se contínuos. As últimas janelas são limpas com a mão esquerda, que a outra não lhe merece confiança.

Pensa em queixar-se ao homem do fato e pedir-lhe mais dinheiro por danos aos nervos, mas não o faz, de resto é pouco provável que o encontre, neste momento será já outra a plateia e outro o vendedor.

Sente-se levemente ingénuo por arriscar tanto por um dólar, depois apercebe-se de que trabalha a oitenta metros do solo e há quem pesque em alto mar, quem coma do pugilato e quem escolha a vida militar. As cidades estão cheias de gente que arrisca muito por pouco e Nova Iorque parece um congresso.

Quando acaba de limpar a última janela, detém-se por alguns momentos a olhar a cidade lá em baixo. Dali sente-se capaz de pensar coisas novas, de ver longe e de descobrir significados até aí ocultos. Na verdade nada disso acontece, talvez por não estar habituado a pensar coisas novas, talvez porque Nova Iorque não permita que se pense muito.

Entra então no edifício e arruma as suas coisas. É sábado e tem algum dinheiro no bolso, apetece-lhe divertir-se, foi uma semana em que se manteve vivo e a trabalhar, irá procurar algum prazer que possa trocar por moedas. Comer, beber, uma mulher, talvez, que mais há?

Entra no elevador e vê-o encher-se a cada piso. São lugares democráticos os elevadores, no mesmo espaço juntam-se fatos-macaco e casacos de bom corte e, apesar da diferença, são só pano que separa a pele do trabalho. O cheiro é também diferente e a colónia dos senhores, misturada com o tabaco de cachimbo, lembram-lhe o pai e a vida que deixou.

Fora, as ruas vão cheias de gente livre, há diversas correntes que se entrecruzam e vão desaguar em pontos distintos da cidade. Há quem se deixe levar para casa, para os bairros residenciais e os quarteirões de imigrantes, e quem vá atrás das luzes como insectos que se querem queimar. Enchem-se os restaurantes, os cabarés, os bares, as tascas clandestinas, os casinos ilegais e os bordéis. Também Karl andar­á atrás das luzes, ainda inseguro de quanto está disposto a queimar-se. O braço incomoda-o, será preciso adormecê-lo a qualquer custo.

Eusaon Bires

Jorge tem medo de encher a cabeça. Uma frase ouvida muitas vezes aos adultos inquietou-o, «a cabeça não chega para tudo». Jorge espantou-se com medo de não ter mais onde pôr coisas de que gosta, nunca pensara na cabeça como um bolso e agora concluiu que as memórias são grandes e ocupam muito espaço. A cada dia, a cada hora, há gente a entrar pelos olhos e pelos ouvidos, por todo lado há gente a encher cabeças com palavras e gestos. As pessoas não têm respeito pelas cabeças e por isso enchem-nas sem critério de coisas importantes e porcarias.

O pior é que as cabeças não sabem distinguir o que interessa nem esquecer o que não querem. Para lá fica tudo amontoado, tão cheio e sem arrumo que nada se encontra que sirva.

Jorge é pequeno e tem ainda espaço na cabeça, mas já lhe vai acontecendo. Por vezes procura o nome de uma batalha e não o acha pelo meio das frases de efeito e das descrições com sangue e lanças à mistura. Se os soldados dos dois lados soubessem respeitar a História, teriam morrido com menos resistência e poupado manobras inúteis. Tanto esbracejar e brandir de armas só serve para confundir cabeças de bisnetos.

Assim, Jorge desenvolveu um sistema para ter as memórias fora da cabeça, queria-as acessíveis mas fora de si, espalhadas pela casa e noutros lugares que não mudam de sítio. Um único dia pode ser feito de um número enorme de coisas a lembrar – um número infinito se o dia for de festa. Um aniversário, por exemplo, é feito de pessoas muito diversas, pessoas vestidas com roupas às cores, que falam de assuntos e trazem prendas. Pelo sistema de Jorge estes dias são arquivados num objecto particular, um vaso pintado, por exemplo. Cada cor pode ser uma pessoa, cada traço do desenho

uma frase, cada curva um momento do dia. Partindo da base para a boca do vaso, Jorge aprendeu a reconstituir fielmente, tão fielmente quanto possível, toda a sequência de eventos que formam um aniversário.

Os objectos de casa começaram a vestir-se com as recordações de Jorge, as mesas, as cadeiras, os quadros, as carpetes, as rachas do tecto. De tal maneira Jorge se afeiçoou a este sistema que lhe confia memórias íntimas, estados de alma, raivas caladas, vergonhas e derrotas. Estas confissões são deixadas nos objectos preferidos de Jorge, os objectos que mais vê e melhor conhece. Na noite de tempestade em que o pai chegou a casa com muitas horas de atraso, todo o medo que ele sentiu ficou na colcha bordada do seu quarto. Nas franjas o medo inicial, na orla da colcha o temor concreto de perda, nos padrões centrais o medo físico, o frio que vem do desespero.

As mnemónicas de Jorge foram-se tornando sempre mais complexas. À falta de mobiliário e de manchas de humidade nas paredes, passou a aproveitar as cantigas da avó e o passar certo dos vendedores, e também as plantas do jardim, que são umas de Verão e outras de Inverno. As vivências de Jorge passaram a habitar a casa e o jardim e o ar que anda à volta. Certos percursos feitos a horas trazem a Jorge a frescura quase táctil de umas férias no lago ou de uma tempestade medonha. A cabeça não lhe fica mais leve com este sistema, mas liberta-se das memórias pequenas e pode então inventar à sua vontade.

Lisboa

Num quarto é-se por muito tempo. Fernando passa muito tempo no quarto, o resto da casa não lhe pertence nem lhe interessa. É no quarto que dorme, que lê e que escreve. É das suas paredes que raspa os sonhos, como se fossem sal ou ferrugem. São-no de todas as maneiras.

Um quarto é um espaço vazio com coisas dentro. Muito como um homem é. Algumas coisas entram porque são levadas: mobília, roupas, livros, quadros. Outras entram sem o querer de ninguém: ar, luz, pó, insectos. De todas estas coisas e da sua interacção faz-se um lugar a que se chama quarto. Quando lá vive alguém tudo se torna mais complexo e o espaço transforma-se num organismo que respira e dorme tal como outros.

Fernando é uma parte do seu quarto, por isso os seus sonhos se agarram às paredes. Ao tocar-lhes, sente a consistência, a temperatura e a humidade do que sonhou. Por vezes, quando acorda, sente o cheiro a medo e o calor dos pesadelos. Há dias em que o quarto cheira a Índia, onde Fernando nunca esteve senão em sonhos de longe, com aromas e cores sem nome. Há outros em que os cheiros do passado se entranham nos lençóis e os pesadelos são leves, feitos de vozes doces que chamam por ele.

Fernando sabe que nada é inanimado. Há almas em toda parte, como no seu quarto. O sol chega-lhe todos os dias do mesmo sítio e vai-se por outro igual. Há cantos de luz e outros de sombra, há horas de silêncio, dias de rumor, percursos invisíveis por onde os pés andam e de onde não se sabem desviar. As almas combatem a todo o momento, um jogo de força permanente e dinâmico em que se ganha ou se concede. Fernando é também ele o sol que chega tarde

e se põe à vista, o som do armazém em frente, o pó fino que chega da rua e lhe entra pelos pulmões.

Viver num sítio é ser esse sítio, emprestar-lhe uma alma e receber outra em troca. As biografias deviam ordenar-se por lugares, e não por datas. Nesta rua fui assim, numa outra fui diverso. Ninguém sabe descrever uma cidade, são as cidades que nos escrevem a nós.

Lá fora vai um mundo de outros que fazem milhares de gestos necessários: caminham, comem, respiram e vivem as vidas que podem viver. A vida é uma dádiva que requer manutenção, precisa de gestos pequenos como dar corda ao relógio ou sorrir a quem passa.

Do aperto do quarto a mente de Fernando é livre de sair e dar as voltas que quiser. Enquanto Fernando fixa no olhar o branco sujo das paredes, o espírito vagueia, deixa-se levar por sopros e sons e detém-se com pequenos espantos e emoções: um homem que ri, um cão que dorme, uma família que passeia no silêncio. O espírito de Fernando sai à rua como se fosse à pesca, deita as redes finas pelas ruas da cidade e apanha o que por lá passa, à noite escolhe o peixe e deita pela janela tudo o que não serve.

Alguns homens são de tripas e escamas, depois de amanhados ficam um pouco que não chega e mal se vê. Há outros em que tudo se aproveita, homens com segredos nas entranhas e na pele, que contam histórias sem fim. São esses os homens bons e às vezes nem homens são, mas cães ou gatos, ou crianças que brincam umas com as outras.

Nova Iorque

É muito grande Nova Iorque. Por todo o lado há edifícios altos como casas sobre casas. É uma cidade excessiva e áspera, onde se encontram mais ângulos rectos do que em qualquer outro lugar. É também cheia de brilho e de ruído, de máquinas e corpos e milhões de verbos conjugados no presente. Uma cidade de aldeias empilhadas trazidas de longe, da Europa, de África, da Ásia, homens pobres e desesperados que dão a vida por pouco, que gastam os corpos pelas esquinas afiadas da cidade e à noite se deitam nas suas entranhas.

Quem acorda na cidade desculpa-se por ter dormido. Lá fora há já multidões que correm atrás de uma coisa qualquer que lhes diga que existem. O direito ao nome ganha-se a cada dia e não é certo, nada é certo nesta cidade. O tempo, o pouco tempo de alguns, é o avanço de quem chegou primeiro e não chega para terminar um cigarro.

Quem não sabe para onde ir vai indo sem saber para onde. A cidade empurra, a multidão empurra, a fome empurra, o desejo empurra. Quando alguém pergunta «quem és?» está na realidade a perguntar «o que fazes?», a resposta deve ser rápida e sem hesitações, um verbo e um substantivo. Daí se escolhem afinidades ou a indiferença, nesta cidade um homem é uma máquina de fazer coisas, um verbo, uma função que prescinde de tudo o resto.

Quando é domingo, há muitos homens perdidos pelas ruas, e Karl com eles. Nova Iorque não sabe o que fazer com as horas vagas, a cidade e os cidadãos tornam-se coisas ocas, olhos vazios, pés que caminham porque não sabem fazer mais nada.

A família salva muita gente do tédio, nas famílias todas as horas têm nome: hora de comer, hora de passear, hora de voltar, hora de

comer outra vez. Os apartamentos de Nova Iorque enchem-se de famílias e de luz aos domingos, tornam-se faróis tristes para quem anda só por andar.

Nas horas vazias dos domingos fazem-se perguntas que não têm resposta e alguns homens matam-se. Há muitos homens a morrer nos domingos da cidade.

Karl percorre as ruas como se fossem partes de um labirinto. Procura o fim daquilo, uma meta para o que lhe falta: alguém com quem falar, uma refeição quente, um lugar tranquilo e bonito onde haja árvores e raparigas.

Eusaor Bines

Ontem foi domingo e a família foi visitar o jardim zoológico como fazem as famílias ao domingo. Hoje Jorge e Norah gostariam de lá voltar mas, como não podem, brincam aos animais adivinhados. É ela quem começa e se põe de gatas e estica o pescoço, tenta caminhar com graça e finge comer as folhas de uma árvore qualquer muito alta. Em pouco tempo Jorge descobre-lhe a girafa. É isso mesmo, uma girafa.

Agora é a vez dele. Deita-se de lado no chão com os olhos fechados e as patas todas para a frente. Norah tenta adivinhar recordando-se dos animais que viram de véspera, um leão, um puma, elefantes, hipopótamos, lamas, depois desiste. Jorge abre os olhos e declara, burlão e triunfante, que é um animal a dormir. A irmã fica a olhar para ele, irritada e confusa; há muito que se habituou às estranhezas do irmão, mas estas não deixam de a incomodar.

O jogo prossegue sempre em desequilíbrio, Norah que faz um condor, um crocodilo, um camelo e outros bichos de que se vai lembrando, por sua vez Jorge faz coisas esquisitas, difíceis de entender. Um cão de noite, um ovo de águia, meio tatu, um bicho sem pêlo e sem nome, a pulga de um gato persa, um homem que acredita ser peixe, um rato que aprendeu a voar.

O jogo suspende-se com Norah que choraminga e Jorge que se arrepende do excesso de entusiasmo. Também de alguma crueldade que não soube evitar. Sente pena da irmã e chega-se a ela para lhe fazer festas na cara e lhe propor uma última adivinha. Norah já não quer brincar, mas perante a insistência do irmão acaba por aceitar. Então, Jorge põe-se de gatas no chão, mostra os dentes como se fossem presas e ruge caminhando lentamente. Norah sorri e diz-lhe

que se parece com o tigre do jardim zoológico. Jorge sorri também e responde-lhe que é isso mesmo que é, o tigre do jardim zoológico.

A verdade é que Jorge quis fazer mais do que um simples tigre. Aquele era o deus dos tigres, pai de todos os outros. As riscas mais belas e os olhos de maior fogo, os movimentos certos e lentos de um animal fantástico que habita os sonhos.

Depois do jantar, Jorge vai para o quarto e abre o caderno dos desenhos. Durante horas faz animais que faltam no zoológico. Ontem, ao ver os ornitorrincos, os lagartos de gola e os tamboris, Jorge comprovou uma ideia que era sua: qualquer animal que possa ser inventado pelos homens tem de existir em algum sítio.

Um dia, quando for maior e tiver barbas, partirá para as florestas do mundo à procura da ave dos suspiros, do peixe-macaco, da galpilestra e do pampaleão riscado. Jorge lamenta as penas verdes do farrinco estrelado mas faltam-lhe os lápis azuis, terá de inventar-lhe um grito louco para o encontrar no meio do arvoredos.

Lisboa

– Vai um pássaro a voar baixinho, tia, é lindo e vai perdido a voar. Aqui não é céu de pássaros. Tenho muito calor dentro de mim, tia, tenho calor e falta-me o ar. Leve o pássaro para a rua, lá para onde puder voar. No meu peito não cabem pássaros.

Fernando arde em febre na cama, são já dias assim, calor, frio e delírios a qualquer hora. A tia põe-lhe panos húmidos na testa mas nada muda, arde ainda o que tem de arder. Com o médico presente foi medida a temperatura e era de gente, trinta e sete graus como os demais. A febre de Fernando está toda dentro, num sítio que não se sabe.

O que te arde, Fernando? De onde te vem o fogo? Tens ideias à bulha e desejos colados no corpo. Uma febre assim não se combate, só se sofre, é maleita de ficar doido ou mudar de rumo. Há demasiadas ideias e sensações dentro de Fernando, forças violentas que se atropelam e ferem numa ânsia de sair.

O médico abanou a cabeça e apontou para o altíssimo.

– Encomendemo-lo a deus, que de homens sabe mais do que os próprios.

A tia disse que sim e rezou pelo sobrinho e pelo mal que chega sempre a todo o lado.

A todo o momento há diabos a quererem entrar em gente, espíritos de fogo à procura de queimar corpos e almas, febres antigas imunes aos remédios e à medicina que os homens fizeram porque são fracos e de ciência fraca. A cabeça de alguns é um diabo a quem deram um corpo e uma data de nascimento, uma possessão à espera de acontecer.

A tia reza e Fernando arde em febre, é um quadro simples onde se desenha o absurdo de tudo e a arbitrariedade de que é feito o

mundo. Nascem uns para arder e outros para rezar, uns para ser diabos, e luz, e fogo, e outros para chorar o mal e clamar aos céus porque nada é como deveria ser.

Fernando nasceu para ser um homem que ainda não existia, cheio de palavras novas a quererem ser ditas, frases assombrosas que não são do céu nem da terra. Voz de santo, ou sábio, ou demónio, voz de abanar almas e questionar mistérios.

O padre veio depois do médico, a santidade depois do homem, a crença depois da fé. Um padre que vai ver um doente leva consigo o cheiro da morte, é um volume negro que invade o quarto com falas certas e movimentos estudados. O padre é morte matreira, um procurador experiente que vem apalavrar o fim.

– Homem que és homem, filho de deus e resto mortal que a ele hás-de tornar. Redime-te do que foste, carne vil e de pecado, ao mundo vieste, do mundo partirás.

Ao pássaro falta-lhe agora o ar, o peito de Fernando é um rodopiar de penas e aflições.

– Livrai, Senhor, este teu filho de toda a culpa, aceitai-o convosco no Vosso reino altíssimo.

Fernando tem sede e levanta os braços à procura da tia e de água.

– Bendito sejas, Senhor, espírito de consolo, que com o Vosso poder nos dais coragem para suportar as enfermidades do corpo e as outras da alma que tanta dor nos chegam.

A tia chora em silêncio virada para a janela, a voz do padre chora com ela e é deus quem lhe diz tristezas e o que há-de vir. Na rua tudo é absurdo e longe como o que não interessa.

– O Vosso servo, Senhor, ungido na Fé com este óleo, mereça ser consolado nas suas dores e confortado nas suas enfermidades. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

As palavras não chegam já aonde deveriam chegar. Fernando perdeu a consciência e dorme como quem morre um instante. Sem sonhos e sem tempo, é só algo que ficou esquecido. A tia acompanha o padre à porta, benze-se uma última vez e aperta-lhe as mãos. A porta fecha-se e a fé divide-se em duas. No quarto,

Fernando dorme e sonha palavras à toa, Quem nos livra do mal?
Ninguém nos livra do mal.

Nova Iorque

Karl não tem dormido. O corpo chega a casa exausto, como sempre, e não há nada nas suas noites que lhe cause excitação; mas quando se deita o braço direito treme-lhe, treme sozinho como se estivesse ainda sob o efeito da máquina eléctrica.

Não há nada que lhe acalme os tremores, nem pomadas, nem álcool, nem o elixir milagroso que comprou a um homem de má cara. O braço treme sempre, mesmo durante os curtos momentos em que adormece. Há sempre uma vibração ao longe, como se cavalos passassem na rua onde mora. É muito difícil dormir com cavalos em redor da cama.

É manhã cedo e Karl lava a cara na casa de banho imunda que serve todo o piso. Custa-lhe distinguir no espelho as manchas de ferrugem das suas próprias marcas de insónia, precisam ambos de manutenção. Passa um pano húmido pela cara e pelo resto do corpo, é importante que o suor dos dias não se misture.

O frio na rua faz com que o corpo trema todo junto e a compasso, lá em cima será pior, pensa, lá em cima tudo é pior. Ao chegar ao edifício, dirige-se ao vestiário onde um homem que nunca viu veste um fato-macaco como o seu. É o seu novo colega, um homem mais velho e entroncado. Cumprimentam-se sem palavras e sobem juntos pelo elevador. Durante a subida ele bate com a mão no peito e diz o que deve ser o seu nome: Heinrich. Karl responde-lhe com o seu e voltam ao silêncio.

O dia segue como todos, uma janela, depois outra e outra ainda. Há trabalhos assim simples e essenciais, como levar o lixo para longe ou cortar o cabelo que as pessoas já não querem. Karl limpa o sol que entra no arranha-céus. Dia após dia, a remover o pó que se acumula onde pode e come o sol que devia chegar inteiro à gente

que está dentro. O sol nunca é demais e, das nuvens para baixo, não deve ser desperdiçado.

O braço de Karl continua a tremer e ele vê-se obrigado a usar o esquerdo. Os movimentos são pesados e incertos com o braço fraco, e o cansaço obriga-o a parar de cinco em cinco minutos. Heinrich trabalha sem desviar o olhar, o seu corpo volumoso parece absurdo assim pendurado. É um corpo de camponês alemão ou austríaco, um animal de lavrar com os olhos enterrados na terra.

Quando chega o meio-dia, sobem ao terraço e sentam-se para almoçar. Comem pão e salame pobre. O colega de Karl abre uma garrafa de aguardente e oferece-a com um gesto, e ele aceita. Em poucas dentadas já nada resta senão tempo. Heinrich começa então uma canção, como se a música lhe chegasse do ar, uma música bonita que é de longe ou de um tempo antigo. Karl não conhece as palavras que o homem canta, mas fecha os olhos para não chorar porque a música é bonita como palavras do seu país. Quando acabam a música, os dois homens levantam-se e olham-se como se se conhecessem, bebem mais um pouco de aguardente e voltam ao trabalho.

A tarde começa no vigésimo andar da parede este. Os dois homens fixam os arneses e penduram os corpos no abismo. Karl tem o rodo pendurado no cinto do lado direito, para lhe chegar tem de usar a mão que treme. Antes que o possa passar para a outra mão, sente um espasmo e a mão abre-se. O rodo cai e perde-se dos olhos. Em baixo há pessoas pelo passeio, estão demasiado longe para que ele possa perceber os efeitos da queda.

Karl entra no prédio, os elevadores estão ocupados e decide descer pelas escadas. Os pés correm pelos degraus enquanto o coração se aperta. Os pensamentos vão também eles velozes, e se alguém... e se aquilo... a culpa é do diabo e da energia a mais que lhe deixaram no braço.

Quando chega ao *hall*, suado e a arfar, há gente reunida e um polícia que fala com o encarregado do pessoal. Karl aproxima-se, o encarregado interrompe a conversa com o polícia e chega-se a Karl. O discurso é curto, mas cheio de insultos e acusações. Usa um tom que aproveita a toda a plateia e, quando chega ao fim, Karl está

despedido e proibido de entrar no edifício. Ninguém morreu, ninguém se feriu, só Karl sofre as consequências de um braço que não lhe obedece.

Eusaor Nibes

Jorge aprendeu a ler e a escrever em casa com a mãe. Aprendeu os dois processos dissociados um do outro, como se nada tivessem em comum, à parte os símbolos que ambos usam. A capacidade de escrever palavras representa para Jorge um mecanismo quase perfeito de manter as memórias fora de si. Gosta de olhar a tinta a sair da caneta como se lhe saísse de dentro da cabeça e se arrumasse em ideias nas frases do caderno. As memórias arrumadas nos cadernos como se podem arrumar meias numa gaveta ou fósforos numa caixa.

Quando já conseguia dominar a gramática, Jorge percorreu os objectos de casa a recolher o que lá tinha deixado e a passá-lo para o caderno. Aquilo pareceu-lhe um acto de muita magia, tantos dias enfiados em letras, uma casa inteira e o ar à volta que agora podia levar no bolso para onde quisesse. Afinal, escrever era trazer o mundo na algibeira. Talvez pudesse até escrever outro caderno com memórias possíveis e inventadas, ou com memórias futuras, ou com as memórias dos seus avós.

Ler era já outra coisa, uma indiscrição que permitia saber o que outros queriam guardar para si, assim pensava. Parecia-lhe estranho que alguém quisesse escrever para outras pessoas, para lhes dizer o quê? Se elas tivessem estado presentes no mesmo aniversário a memória também lhes pertencia, se não tinham estado porque deveriam recordar um dia que não viveram? Jorge conseguia perceber que alguém quisesse ler o que escrevera, mas porquê usar as mesmas letras e a mesma língua de outras pessoas? De tantas curvas que pode dar um aparo, parecia-lhe imbecil que todos desenhassem as mesmas.

Um dia a mãe de Jorge explicou-lhe que os livros são cadernos de histórias como as que conta a avó Fanny. Cada livro era uma avó Fanny diferente, com outras histórias para contar, de outros avôs, outros países e outras guerras. Jorge achou a ideia absurda e não entendeu a quem poderiam interessar histórias de outras avós. Um passado de avôs era demasiado precioso para estar assim à disposição de quem o quisesse para si. Jorge teve medo de que outros meninos sonhassem os seus sonhos e entrassem por eles sem pedir. Queria os seus sonhos para si, como um país onde viver muito tempo sem medo de ninguém.

No mesmo dia à noite, o pai de Jorge entrou no quarto para lhe dar um beijo e um livro. Disse-lhe que era a história de um homem sozinho numa ilha, uma história para meninos como ele. Jorge abriu o livro e começou a lê-lo com desconfiança.

Foi uma noite de excitação em que não dormiu. Foi a noite maior e a mais importante em que aprendeu que as palavras de outras pessoas podem ser sonhos também. Jorge fez-se amigo do homem sozinho e apresentou-o aos seus avós, comeram juntos o maior pampaleão da ilha e depois despediram-se numa língua que só eles conheciam.

Na manhã seguinte Jorge pediu à mãe que lhe comprasse mais cadernos.

Lisboa

Uma música chega de longe. Uma música que não é tocada, apenas ouvida. Uma música que entra pela janela e é sentir ou lembrança de alguém que já passou e por lá ficou, na música. Uma melodia é o mais belo epitáfio que se pode almejar.

A música da rua teve a gentileza de acordar Fernando e de lhe dizer que ainda era vivo, pelo menos que ainda ouvia música. Os pássaros do peito voaram para outras paragens e atrás ficam penas pequeninas, coisas de nada. Fernando não sabe que espantalho afugentou tanto pássaro, se o médico, se o padre, se um espantalho maior do que todos os outros. Vem-lhe à cabeça um sacrilégio de fazer rir, Jesus Cristo espantalho na cruz. Muito medo hão-de ter tido os pássaros. Deve ter sido um ano bom de azeite e de fruta, não há por que enjeitar um milagre se tiver serventia.

A música segue lá fora, deve ser um lindo mundo o de quem canta. Fernando ensaia um murmúrio, mas a garganta dá de si e as intenções despedaçam-se em tosse. A sua boca não serve cantigas. Pela janela entram sons e um pó fino que baila no ar quieto do quarto.

Na cozinha, a tia reza e gira a colher de pau na sopa triste. Muitas vezes lhe quis pedir que não chorasse nem rezasse porque amargava a sopa e a vida, mas a tia é uma mulher de outra idade, de um tempo lento e de palavras pesadas que se derramam onde podem.

O menino está melhor, calaram-se os pios no peito e a casa é agora livre de albergar outros sons. Benza-o deus, o menino Fernando é passarinho e alegria de gente tão triste.

A música vem arranhada por muitas esquinas dobradas, é preciso esforço para reconstituir alguns fraseados e toda a subtilidade.

Pensando bem, não é certo que haja música, talvez seja só ruído e gente a passar. Ainda é mais bonito assim, a música involuntária de quem está só a ir à vida. Gente tão engraçada essa, com música pequenina a sair dos passos e da voz, instrumentos tão tolos e tão bonitos.

Fernando fecha os olhos e vai devagar para longe, há-de sonhar com homens e aves de canto, um sonho leve onde nada acontece, só a vida dos outros. Há poetas que dormem assim e passam de um lado da realidade para o outro sem se aperceberem, são tudo partes de um poema grande onde há lugar para muitos versos.

Na cozinha, a tia não está a preparar sopa mas o chá e esse facto em nada a surpreende. Está pensativa e triste, mas pouco, quase como se pudesse estar alegre. Há meia hora que o respirar do sobrinho normalizou, tudo ficará bem, pelo menos como estava antes da doença.

A tia preocupa-se agora com sintomas anteriores, sinais subtis que ela observava por vezes na expressão de Fernando, nas suas palavras, nos seus hábitos tão reservados e estrangeiros. No dia em que o barco chegou tinha-se perguntado quanto tempo demoraria ele a habituar-se à nova cidade. Talvez semanas, talvez meses. Passara já um ano e pouco ou nada se tinha alterado na conduta do sobrinho. Talvez ele fosse simplesmente assim como ela o via, talvez nunca se tivesse habituado a nenhuma cidade e nem chegasse a fazê-lo. Ao longo da sua vida ela tinha conhecido alguns homens assim e a todos preferia não lembrar ou mesmo esquecer.

Trezentas mil pessoas habitam Lisboa enquanto Fernando dorme. Entre as oito da manhã e as oito da noite há três mil cantos contemporâneos dentro das fronteiras da cidade. Um canto por cada cem habitantes. A densidade melódica de Lisboa, uma das mais elevadas do hemisfério norte, é responsável por algumas das particularidades dos seus habitantes. Há muita gente impreparada para tanta melodia, gente vulnerável às emoções com que esbarra a cada instante. Não há protecções eficazes contras emoções cantadas e há quem fuja, quem enlouqueça e quem escreva poemas. Em

Lisboa, entre as oito da manhã e as oito da noite, as cabeças enchem-se de eco e cada um faz o que sabe fazer.

Confronto

Lisboa

A sala de aulas está quase vazia. Além de Fernando, há mais quatro alunos e um deles dorme. O professor fala com voz de também não estar ali. As palavras saem-lhe umas atrás das outras, postas em fila há já muito tempo.

Fernando já deixou de ouvir as palavras, não dorme, mas saiu dali a pensar. Tudo por causa de uma palavra. A palavra é «sinédoque» e a boca torce-se ao pronunciá-la. Fernando disse-a algumas vezes baixinho e pensa agora na definição, «Figura de estilo que consiste em tomar a parte pelo todo ou o todo pela parte; o género pela espécie ou a espécie pelo género, etc.». Diverte-o esta definição porque parece aplicar-se a todas as palavras. Depois pensa no *et caetera* e começa a esticá-lo, «Um verbo por uma vida, um gesto por um ser, palavras por um pensar». Na frase «O professor é monótono», Fernando encontra três sinédoques e uma tristeza muito grande.

Fernando passou o resto do dia a encontrar sinédoques para onde quer que olhasse. «Como toda a gente», pensou. «A vida é dura», «Um homem não é de ferro», «Deus é grande». Mas há quem não tenha uma vida dura e seja de ferro e tenha um deus pequenino. É gente que testa a regra ou então que anda por aí calando e faz como vê fazer. Se um dia alguém se levantar no eléctrico e disser que é feliz, provavelmente será linchado, talvez até ignorado. Porque é que ninguém é feliz nos eléctricos?

As pessoas gostam de usar palavras que não são de ninguém. Todos os dias há milhões de sentimentos, de desejos, de opiniões expressas com palavras forasteiras. Quantas vezes serão os sentimentos a adequar-se às palavras, e não o contrário? Seremos

tão parecidos que não precisemos de encontrar as palavras que nos sirvam?

Os artistas têm muitos nomes para diferentes azuis, os esquimós têm muitas palavras para diferentes tipos de gelo. Os apaixonados deveriam ter também muitas palavras para «amor»: o amor da manhã, o amor do fim, o amor do passado, o amor possível. Todos deveríamos ter diferentes palavras para «eu»: o eu que eu sinto, o eu que tu vêes, o eu que eu não sou.

A parte pelo todo ou o todo pela parte. Andamos nisso, a praticar sinédoques como se falássemos ou quiséssemos bem a alguém, tomando a parte pelo todo que não haveremos nunca de conhecer. Assim, conseguimos dormir muitas noites enquanto dizemos para dentro «está tudo bem, não penses mais nisso». Isso em que não pensamos é o resto do todo. São as horas que não vivemos, as palavras que não nos são ditas, as espinhas que pomos de lado tão gulosos da carne. Ninguém apanharia um eléctrico sem sinédoques, ninguém é tão forte.

Auseor Nibes

Jorge e a avó Fanny estão junto ao portão do jardim preparados para sair. A mãe despede-se com os olhos húmidos e alguns soluços contidos, Norah chora muito e pergunta uma e outra vez para onde vai o irmão, o que é a escola e porque não pode ir também. A mãe e a avó tentam explicar-lhe sem sucesso a importância daquele dia, Jorge beija a irmã para que ela se acalme. Os quatro hão-de lembrar-se sempre deste dia, deste momento, da cor das magnólias floridas, da chuva miúda que caiu durante toda a manhã.

Jorge vai pela mão da avó e observa muito bem todos os pormenores das ruas por onde passam. O bairro é agora um lugar concreto, deixou de ser apenas o exterior do jardim, o lado de lá do muro para onde ele e a irmã estavam proibidos de sair. Agora é obrigado a sair. Ele de um lado e a irmã de outro.

À medida que se vão aproximando da escola, começam a ver outros meninos pela mão de pais, avós ou irmãos mais velhos; muitos choram, quase todos estão assustados. Do outro lado da estrada vai Roberto ao lado do pai. Roberto não chora e vai olhando de baixo para o pai que caminha em silêncio com a cara fechada. O pai de Roberto é um homem entroncado com mãos grandes e vermelhas, veste um fato-macaco azul e tem pendurado nos lábios um cigarro apagado. Os dois meninos cruzam olhares e fazem um cumprimento tímido, nunca falaram um com o outro mas ambos sabem que isso vai mudar.

A avó Fanny canta agora uma cantiga que Jorge sempre gostou de ouvir e que hoje lhe parece mais triste do que nunca, como se a letra tivesse um sentido escondido que só no exterior e numa manhã de chuva miudinha pudesse ser entendido. Jorge aperta com força a mão da avó, que continua a cantar, imperturbável.

Chegaram à escola. O edifício tem as paredes brancas e um pequeno jardim em frente, um jardim com menos flores do que o jardim de Jorge. Há muito ruído por fora e por dentro da porta da entrada, onde uma senhora de cabelos brancos e bata de professora tenta acalmar as crianças e os pais. A avó Fanny põe as duas mãos nas faces de Jorge e olha-o a direito com os olhos azuis muito brilhantes. «Agora vais entrar por aquela porta e vais ser um menino corajoso. Lembra-te do avô, sê grande e valente como ele.» Jorge acena com uma expressão grave. A avó dá-lhe um último beijo e diz-lhe que vá.

Nova Iorque

Anda agora à solta Karl, sem emprego e sem ninguém. O pouco que lhe pertence está arrumado debaixo da cama de uma pensão miserável. Os dólares vão com ele enfiados no bolso das calças, dão para comer alguns dias e para mais nada. A velha que gere a pensão põe os hóspedes na rua cedo pela manhã e só reabre as portas ao final de tarde. As limpezas, a serem feitas, são extremamente discretas, pelo que permanece o mistério dos dias na pensão. De qualquer maneira paga-se pouco e não se fazem perguntas, Karl não precisa de mais nada.

Agora, que não tem trabalho, Karl tem um problema de tempo, demasiado tempo para nenhum objectivo. Por isso vai passeando pela cidade, junto ao rio, pelos parques, pelos guetos onde os imigrantes esticam a ilusão de um país. O bairro italiano é um sítio por onde apetece passar, há um cheiro a comida por todo o lado e gente a gritar continuamente. Por alguns cêntimos, come-se um prato de massa com tomate numa das tascas improvisadas nos pisos térreos. As mulheres vestem-se quase todas de negro e as raparigas escondem-se dos olhos dos homens, são sombras furtivas como fantasmas.

No bairro italiano, como no polaco ou no alemão, vêem-se poucos homens, só há mulheres que cozinham, limpam e tratam dos filhos. Os homens trabalham nas docas, nas obras do metro ou a construir prédios virados ao céu. Os poucos que se vêem jogam e bebem nas tascas ou estão sentados nas escadas exteriores das casas miseráveis. O bairro judeu é diferente, há pequenas lojas de penhores e mercearias onde se encontram artigos que Karl conhece desde pequeno.

Karl gosta de ir até ao rio e ficar no pontão a ver os barcos que chegam com gente como ele. Todos os dias há milhares de pessoas que chegam a esta cidade, empurradas para aqui porque não serviam ao resto do mundo. Aqui todos servem porque todos fazem o que não estariam dispostos a fazer nos lugares de origem. Essa é quase uma definição desta cidade, um sítio onde todos podem fazer tudo, ministros, negociantes, padres, putas. Aqui inventa-se um futuro mas também um passado a gosto, um homem novo precisa de ambos.

Karl está cansado e com frio, passeia pelas docas até encontrar uma taberna com pouca gente. Entra e pede uma aguardente, acende um cigarro e senta-se a uma mesa vazia.

Dois polacos jogam a dinheiro, estão bêbados, insultam-se e riem de forma aleatória, de vez em quando cantam juntos duas músicas que imaginam a mesma. Chegado à janela, está um homem que lê um livro encadernado em pele. É uma figura estranha, porque lê naquele lugar e porque veste roupas elegantes e limpas. De cada vez que termina uma página, olha em volta com uma expressão atenta, como se lesse também a taberna e quem lá está.

Karl faz durar a aguardente. Tem de encontrar rapidamente um novo emprego, de preferência onde não arrisque a vida nem lhe encham o corpo de electricidade.

Lisboa

Num quarto da casa está a família em silêncio olhando para baixo. Rodeiam uma cama pequena onde a irmã de Fernando já não dorme. O corpo mínimo da menina não acerta com o choro à sua volta, é um corpo absurdo que já não mexe.

Fernando fixou as mãos da menina como se fossem deixadas para olhar. As mãos tão brancas e puras de uma irmã muda e quieta como uma planta, morta como uma flor.

Abandona o quarto com as mãos nos olhos para fechar as lágrimas dentro de si. Que o sal amargo permaneça no seu corpo lavado em nada, a dor que sente é o que lhe resta. Enquanto não soltar as lágrimas, a irmã há-de viver ainda nos seus olhos.

Fosse a morte uma qualquer ausência de vida. Dizia-se «já não é» e seguiam-se os dias sem outros assombros que os estritamente necessários. Não é nada disso. A morte arroga-se a negação do que se é, do que se poderia ser e do que se seria. É muita coisa. É muito negra a morte, um buraco para onde cai tudo e de onde nada se resgata.

Não há compreensão nem resignação. Não há nada disso na morte. E nós que tínhamos tantos planos. A morte sim, mas fora da vida, quando se é apenas de já ter sido. Uma morte assim é só noite que desce.

A morte assim não serve e mais valia que não fosse. Dela espera-se que seja fim de vida, e não atalho. Assim não se morre, é-se morto. Nenhum sentido lhe sobrevive. Uma pessoa assusta-se, acanha-se e vive o resto do tempo envergonhada a pedir desculpas ao ar. É uma morte feita muitas mortes.

Há quem grite «levasse-me antes a mim» e talvez haja mesmo quem o diga sem retórica, com o desejo íntimo de corrigir um

desacerto. Não sabemos o que falta à morte nem conhecemos a raiz da sua desafeição. Não nos entendemos com a morte. Se é carne que lhe falta, ou sangue ou viço, porque não pode quem grita ir no lugar de quem ficou em silêncio? Uma conversa com a morte e decidiam-se todas as equivalências, quantos velhos por uma criança? Quantos ímpios por um justo? Quantos desconhecidos por um amor?

A morte não nos fala nem fala a deus. Nós falamos com deus e ele responde-nos com todas as linhas tortas que cabem numa imaginação, mas da morte deus não sabe nem pode nada. Se assim não for, então tudo é caos e nós com tudo. Há apesar de tudo demasiadas coincidências para que se possa crer em fantasia tão desmedida. Se estamos hoje no caminho do que fomos para o que haveremos de ser, é porque o mundo é feito de linhas, e não de pontos. Quem nos deu a vida não a sabe tirar ou perder. Deus, a morte e o diabo não comem à mesma mesa.

Auseor Bines

Há alegria nos pátios de todas as escolas e infelicidade nos pátios de todas as escolas. Num pátio circular as alegrias estão no centro, pois é aí que falam os felizes. Uma boa parte de tudo o que acontece no pátio está ali em qualquer momento.

Na circunferência definida a três quartos do raio principal concentram-se os felizes de segunda ordem. Os felizes de segunda ordem observam os jogos, gritam e entusiasmam-se ou distraem-se à vontade, entretendo-se com berlindes e outros brinquedos de trazer no bolso ou de encontrar por onde estão.

Na periferia do círculo estão os inertes infelizes, são os meninos que não brincam nem falam nem gritam. Guardam as mãos nos bolsos e passam o recreio imóveis, preocupados em não incomodar os felizes e a ver o que eles fazem como se fossem de outra espécie. Muito esporadicamente, os tristes tentam cruzar o seu mundo com o dos felizes ou o dos felizes de segunda ordem, são tentativas tímidas e inconsequentes como são tímidos e inconsequentes os meninos tristes. Em alguns instantes, restabelece-se o equilíbrio e tudo volta ao normal.

Vistos da idade, os meninos parecem todos iguais, são criaturas que fazem o que lhes apetece sem futuro nem passado nem peso. As poucas diferenças que carregam são-lhes exteriores, como os sapatos que têm ou não calçados, as roupas sujas ou limpas e as feições dos pais que desde cedo se vêem obrigados a carregar. Mas quem saiba ler a topografia do pátio vê sem dificuldade que os meninos têm já diferenças e que aprendem cedo a reconhecer o seu lugar no círculo.

As vantagens dos pátios quadrados estão todas nos quatro cantos acrescentados. Cada um desses cantos é território neutro, terra de

todos, hangar de repouso e assento onde um menino bem vestido com empadas na sacola se senta ao lado de um menino demasiado mal vestido para poder ter avós heróis. Um diz olá e o outro diz olá e o silêncio periférico obriga à troca. Uma empada por uma sandes, um sorriso por outro. A minha casa é em frente da tua, o teu jardim é bonito, queres ver o meu canivete?

O menino triste que é Jorge observa Roberto com encanto, foragidos os dois da lógica concêntrica, olham-se e sorriem com pouco.

Quando a escola termina saem no mesmo passo até casa. Têm nomes diferentes para as ruas e divertem-se com isso. Roberto tem algumas palavras que Jorge associa aos adultos e a gente que mete medo, são palavras de homens que bebem, pesadas e sujas, exóticas e fascinantes.

Nova Iorque

Quando Karl acaba de beber, o homem do livro levanta-se e avança até à sua mesa. Senta-se ao seu lado e apresenta-se, Thomas Vražda, negociante. Uma designação vaga e assumida, negociante, assim em geral.

Tem a voz suave e usa uma linguagem rica. Fala-lhe da cidade, do tempo, e faz algumas perguntas a que Karl responde com contenção. Acabam por descobrir que nasceram os dois na mesma cidade, embora a Thomas o tenham levado para a América com apenas três anos. Mais perguntas, curiosidades, Thomas quer saber como é a terra onde nasceu, como se faz a vida lá, como são as pessoas, as mulheres, como se dizem certas coisas.

Enquanto Karl responde, vai chegando mais aguardente à mesa, os dois homens bebem, bebem muito. Aumentam as confidências e em pouco tempo já dão palmadas nas costas um do outro.

Karl está contente, desde que chegou à cidade é a primeira vez que se sente à vontade a falar com alguém. Thomas parece-lhe um homem em quem pode confiar, tem um rosto afável como os dos amigos que deixou e há conversas que só se têm com gente da mesma terra. É nisso que pensa agora, nisso e no quanto já bebeu. Tem a cabeça às voltas, tem saudades de casa, dos irmãos, do cão e dos avós. Sente o corpo incerto e olha para Thomas à procura de forças ou de riso, quase a mesma coisa.

Thomas sorri-lhe e ele conta uma história da sua vida, uma história que acaba com ele no barco e a família no porto a vê-lo partir. A família toda a vê-lo com sentimentos de alívio e desgosto. Foi melhor assim para todos, uma vergonha que vai para longe mingua até quase desaparecer e a vida pode voltar ao normal. Só a sua nunca mais seria a mesma.

Thomas conforta-o e tenta desviar a conversa, fala de mulheres, das belas polacas do East Side ou das irlandesas que se deixam convencer por uma onça de tabaco. Ele sorri por gentileza mas as palavras não lhe chegam, está agora num sítio triste e controla-se para não chorar. Thomas pede duas aguardentes ainda, ele recusa sem convicção. Bebem tudo de uma só golada. Thomas olha para a rua através da porta e solta uma exclamação: – É o Franz, vai ali o Franz.

Levanta-se de um salto e pede-lhe que aguarde, tem um assunto qualquer a resolver com o tal Franz. Karl acena e deixa cair os olhos no copo vazio.

Sempre teve um beber triste, de chorar e lembrar o passado. Agora sente sono e o braço não lhe treme, o álcool deve tê-lo adormecido, ou então é ele que já não consegue sentir nada. A cabeça pesa e desce-a até tocar a mesa, começa a murmurar uma canção de embalar que não chega a terminar, adormece.

O sono dura pouco mas ainda lhe dá para sonhar uma única imagem, uma criança que flutua num mar revolto e ri, como se estivesse em casa com os pais, em terra firme. A criança vai-se afastando lentamente até que deixa de se ver entre a ondulação.

O braço treme-lhe agora de novo, com violência a empurrar o corpo, acorda e vê o taberneiro que o sacode. Não sabe quanto tempo dormiu mas é já noite. O homem tem ar de bruto e repete com insistência a mesma frase, é hora de fechar, pague o que deve e vá à sua vida. A taberna está vazia e da porta não se vê ninguém. Karl entrega ao homem o dinheiro e fica de bolsos vazios.

Sai para a rua com as pernas que não atinam. O estômago dá voltas e encosta-se a uma parede para vomitar. Thomas fugira, chamar-se-ia mesmo assim? Um filho-da-puta como os outros filhos-da-puta da cidade. Quantos milhares de putas tiveram de parir para encher Nova Iorque de tanto cabrão? Que fossem todos à merda na língua deles, polacos, chineses, alemães, checos, italianos, todos de volta para as putas que os pariram, todos à merda, todos à merda, todos.

Lisboa

Henrique conduz Fernando por entre as mesas de um café. Do fundo da sala levantam-se braços a assinalar presença, como se os braços que se levantam não estivessem sempre onde agora estão. Os amigos de Henrique apresentam-se um por um e apertam a mão ambígua de Fernando. Henrique junta adjectivos e substantivos aos nomes dos seus amigos, Fernando acena e exclama uma delicadeza mal sentida. Todos se sentam e Fernando também. A mesa está repleta de canecas de cerveja mas há ainda espaço para mais algumas. Alguém avança um brinde genérico e todos bebem com ganas.

O grupo é compacto e cheio de riso, contam-se histórias de amores, intrigas de rapazes, e fala-se de política com muitos nomes que Fernando não conhece. Ele esforça-se por acompanhar as conversas, inclina o corpo para quem fala e aperta a testa tentando entender o sentido de expressões que nunca ouviu. A sua língua é diferente, aprendida em livros muito longe e praticada com pessoas de outras idades. Por fim cansa-se de simular interesse e de sorrir sem vontade. Henrique ainda ensaia a mediação mas é inútil, Fernando perdeu-se já por dentro com os olhos fixos na caneca que segura.

Em poucos segundos de desatenção, o pensamento de Fernando regressa à memória da irmã como dedos nervosos procuram a crosta de uma ferida. Talvez a sua morte sirva afinal para alguma coisa, para que seja um sítio onde guardar a dor inteira e lhe poder tocar para depois fugir.

Na mesa ao lado, um casal jovem fala de perto coisas que devem ser de amor. Ele segura-lhe as mãos debaixo da mesa e ela ri como se estivesse feliz. Têm ambos os sapatos gastos e a roupa puída e

estão imensamente sozinhos um com o outro. Ele tenta beijá-la na face e ela quer que ele a beije, mas afasta-se e olha em redor. Todos na sala são intrusos.

Os amigos de Henrique continuam a beber como quem respira, raíam-se-lhes os olhos e aumenta o volume das suas vozes. Agora falam exclusivamente de política e proferem insultos que podem dar cadeia. Henrique e os amigos bebem à república e desejam mal a D. Carlos, a quem chamam «o balofo». Fernando brinda sem convicção e bebe calado, Henrique desculpa-o e ninguém sente dificuldade em ignorar a sua presença.

Fernando pensa agora na vida que se afasta dos livros assim que se fecham. Pensa nos contornos delineados das personagens e de como estes se esbatem e turvam no mundo sujo. Numa boa história há objectivos, tramas e evolução, enquanto deste lado do papel tudo são incertezas e tropeços.

Cinco jovens bebem cerveja num café fora de qualquer história. Passam o tempo, distraem-se, turvam-se, esbatem-se. Num livro não há horas iguais porque não servem, e o que não serve omite-se. A vida tem mais palavras do que a literatura mas são palavras que não levam a lado nenhum.

Um dos rapazes bebeu já demasiado e não sabe o que fazer com tanto álcool. Ao ver o casal de apaixonados, descobre um alvo e começa a gritar frases ofensivas e grosseiras. Enquanto o casal olha com ar indefeso, o bruto rapaz procura apoio no grupo e consegue-o. Multiplicam-se as ofensas vulgares e a inveja e a estupidez fazem coro pelas vozes torcidas de tanta cerveja.

Os dois apaixonados fazem por ignorar os insultos, procuram refúgio um no outro, nas mãos nervosas que se tocam. As provocações estão demasiado próximas para serem desvalorizadas e o corpo franzino do rapaz prepara-se para um gesto desesperado.

À medida que a tensão aumenta, sente-se a urgência de um gesto qualquer. É então que Fernando se levanta e se dirige até à mesa dos namorados. Cumprimenta o rapaz, beija a mão da rapariga e diz algumas palavras que os fazem sorrir, depois despede-se deles e volta à mesa de espanto onde Henrique e os outros ficaram sem palavras. É Fernando quem quebra o silêncio depois de deixar

dinheiro na mesa e de recuperar o chapéu. «Para o povo que temos, a monarquia chega muito bem. Boa noite, meus senhores.» Fernando põe o chapéu e sai sem olhar para trás, como uma personagem de uma história bem escrita.

Suseor Binea

A escola é uma casa onde nos sentamos e a professora fala para nós. Na escola as palavras da professora chegam ao mesmo tempo aos ouvidos de todos e os que estão na sala com a professora aprendem as mesmas coisas. Se eu quiser dizer ao Roberto qual é o maior rio do mundo, ele já sabe porque aprendemos juntos, de igual modo para os planetas e as montanhas e os animais da savana, por isso no recreio todos correm e fazem jogos ou ficam calados a comer pão com geleia.

Na escola aprende-se a ler mas não há livros a sério. Há um cartaz grande com as letras lá impressas e vão-se aprendendo uma a uma, depois duas a duas, depois as palavras pequenas e as maiores, tudo sem livros para ler. Já começámos a aprender algumas frases, mas a professora não nos disse de que histórias vêm.

Ontem repetimos várias vezes que «O Pedro pegou na pá do papá», mas não nos foi dito para que queria o Pedro a pá nem se o acto foi feito à revelia do pai ou com o seu consentimento. Em resposta às minhas perguntas, a professora ameaçou-me com castigos se eu não ficasse calado e quieto. Todos os meus colegas se riram e o Rudolf disse que o Pedro pegou na pá para me dar com ela na cabeça.

Acredito que aprenderia mais com a minha mãe do que na escola, mas ela diz-me que devo fazer o que fazem os outros meninos e saber as coisas que eles sabem. Eu perguntei-lhe até quando tem ser assim, até quando tenho de saber o que os outros sabem e porque é que os livros têm histórias de outras avós. A minha mãe diz-me que os livros são para eu saber o que quiser para dentro, que posso lê-los e conversar com eles sobre todas as coisas de que não falo com os meus colegas.

Amanhã não há escola e sinto-me aliviado. Vou procurar livros complicados onde o Pedro pegue na pá para fazer um buraco enorme e enfiar lá a professora e o Rudolf. Só os meninos sem mãe deveriam ir à escola e, em vez da professora, deveria haver livros pelas paredes para cada um aprender as suas coisas. Assim eu podia chegar ao Roberto e contar-lhe do homem sozinho na ilha e ele falava-me de uma viagem até à lua numa bala de canhão. Não sei se vou conseguir ler os livros todos e gostava que alguém me contasse alguns.

O Roberto disse-me ontem que os livros não prestam, eu perguntei-lhe se tinha lido algum e ele disse-me que não porque não prestam. Na casa dele não há livros porque o pai e a mãe não sabem ler e por isso não precisam deles.

Nova Iorque

Há meninos que brincam à volta de Karl. Meninos malditos que trazem a manhã, a ressaca e um braço a tremer.

No banco de jardim está Karl deitado e tudo o que é seu. Tem vestida a roupa que tem e um sobretudo a servir-lhe de cobertor. Karl desiste do sono, senta-se e fica a olhar. No jardim há árvores, meninos, pombos, velhos e desgraçados. Pensa que em poucos anos deixou de ser menino para ser desgraçado e já não brinca com ninguém. Arde-lhe a garganta com sede. (Não, não arde, mas é assim que acordavam os bêbados nas histórias que lia em pequeno e Karl sabe que um homem que acorda ressacado num banco de jardim não tem muitos nomes que se possa chamar). Não lhe sobra um cêntimo no bolso, agora só fome e frio. São assim as mortes dos animais e dos bêbados das histórias. Um homem sozinho sem trabalho está já morto nesta cidade, tudo por causa de um braço com demasiada energia, um cavalo doido agarrado a um corpo sem energia nenhuma.

Os meninos brincam uns com os outros, tentam correr mais, saltar mais, são já feitos para se matarem quando puderem. (Não, os meninos são bons, que os meninos sejam bons, eles e os pombos e tudo o que não tem cabeça para pensar nem braços de trabalhar.) Há pessoas que passam por ele e não olham, que fingem não olhar, ele retribui a gentileza, a educação é um grande valor.

O tempo também passa e vai trazendo um sol gentil que quase faz estar bem. O sol é o sol dos desgraçados. À sua frente fixou-se agora uma mancha negra, uma sombra de homem que se chega e se senta a seu lado. É uma sotaina com um padre dentro e cheira a incenso e a sabão. Karl sente-lhe o olhar e depois a voz, é de um país do Norte e tem um falar doce apesar da pronúncia.

O padre conhece a circunstância de Karl sem que ele precise de lha contar. Pergunta-lhe se tem fome e convida-o a uma casa onde pode comer. A Karl repugna-lhe a caridade virada a si, mas entre a fome e os escrúpulos ganha sempre a fome. Arruma as coisas, calça os sapatos e segue o padre em silêncio.

A casa não é uma casa, mais uma garagem onde há gente ocupada com diversas actividades. Sentados à mesa estão três pobres como ele, talvez mais desgraçados ainda. Comem uma sopa espessa que deita fumo e seguram pães que mordem com vontade. Duas senhoras bem vestidas ocupam-se dos pratos e das panelas, tratam os infelizes como crianças, mas não lhes tocam. Alguns homens entram e saem, entregam dinheiro a um senhor que está sentado a uma secretária e depois enchem sacos de pano com livros. Na sala há livros iguais espalhados em muitas pilhas, são negros e têm letras escritas a dourado, são livros de deus.

Karl senta-se à mesa e come, tem de comer o mais que conseguir pois não há certezas quanto à próxima refeição. Quando termina, o padre senta-se a seu lado, pergunta-lhe se está melhor e faz-lhe uma proposta.

Lisboa

O professor circula pelas bancadas distribuindo as dissertações corrigidas e classificadas. Ao chegar a Fernando, entrega-lhe a sua com um gesto lento e reprovador.

– É uma pena, senhor Fernando, uma verdadeira pena.

Depois afasta-se para iniciar a aula. Os colegas riem num escárnio acerado que fere o orgulho de Fernando.

A nota é miserável, a mais baixa que teve em todas as disciplinas. Fernando percorre as páginas sem encontrar correcções, uma ou outra vírgula, uma gralha evidente e nada mais. No final do texto está um comentário do professor.

O senhor é sem dúvida dotado de uma finíssima inteligência, não há como negá-lo. O estilo refinado da sua escrita eleva a prosa e dá cor e alma a tudo o que trata. O senhor Fernando tem mão e cabeça de poeta, mas infelizmente deixa que seja a poesia a tomar conta de si, e não o contrário, como seria desejável.

O mundo, senhor Fernando, é para ser visto e entendido, não inventado.

A última frase ressoa imensa dentro de Fernando. Sente-se a ponto de entender uma verdade, algo importante que lhe será claro assim que acalmar o espírito e a vertigem. O mundo não é para ser inventado, repete Fernando, o mundo é para ser visto e entendido.

A voz austera e grave do professor arremessa frases que os seus colegas ouvem como certas, hão-de guardá-las nos cérebros mansos nem que tenham de deitar fora outras que por lá andavam. Um dia vão repeti-las e multiplicá-las para que continuem a ser verdade, ouvidas e entendidas, nunca inventadas.

Como pode alguém domar a poesia? Um poeta é apenas um lugar por onde o poema passa. Se um escritor inventa mundos é porque há mundos que querem ser inventados.

A vertigem aumenta em vez de diminuir, Fernando teme uma nova febre ou uma apoplexia. Imagina palavras a rebentarem dentro de si, derramando-se pelas entranhas e misturando-se no sangue. Palavras que saem de onde estavam e se perdem no corpo, fervendo, inchando, queimando. Como pássaros que não cabem.

A lição termina e os colegas levantam-se para sair. Ao passarem por ele, trocam alguns comentários em voz alta, para que os ouça e se sintam pior. Por fim, também ele se levanta e dirige em passo lento até à saída. Vai enjoado nos passos, mareado com tanto que acaba de entender. Aquela foi uma aula onde aprendeu muito, talvez a aula mais importante a que alguma vez assistiu.

Ao chegar à rua, levanta a cabeça e apercebe-se do ridículo de tudo. Do seu ridículo, do professor, dos colegas, da universidade onde o saber gira há séculos à procura de uma janela. Que inútil tanta pedra para guardar tão pouca coisa.

Suseor Aineb

O dia começou mal. O tempo, o ar, o canto jocoso de alguns pássaros habituais, todo torto, tudo ritmos enviesados. Quando assim é, melhor seria voltar atrás a enfiar-se numa cama segura e quente, mas a mãe diz, a avó diz, e o menino vai à escola como os outros meninos, ignorando os pássaros e descurando sinais.

Um menino chega à escola vestido de si como sempre, de calções cinzentos de linho e uma jaqueta no mesmo tecido. Os sapatos novos de Jorge são incómodos num bairro onde os pés vão descalços para toda a parte. A manhã segue como não deveria, a professora que embirra, os colegas que embirram, as palavras que não obedecem, e tudo, tudo a resvalar. Quando chega o intervalo, Jorge desce com os outros para o pátio com apreensões e alguns receios. Após algum tempo, o tempo dessas coisas, os outros rodeiam Jorge e iniciam um coro ofensivo: «Jorge de sapatos, menino de calções, que come carrapatos e cospe escorpiões.»

Ele ignora o coro e senta-se tranquilamente a um canto do pátio, mas o coro persiste e avoluma-se, as frases são vazias mas sempre ofensivas, injustas, frases de ganhar raiva. Rudolf lidera o coro, mas são poucos os que não se juntam a ele, e entre eles também Roberto canta. O mesmo Roberto que alguns dias antes tinha comido uma empada da avó Fanny, uma empada boa, de frango, livre de carrapatos e escorpiões.

Jorge recorda-se do avô valente, um avô que fundou um país e o vê agora na vergonha daquilo tudo. Há que fazer alguma coisa, pelo avô e por ele, há que ser bravo e lutar. Então, levanta-se de um salto e atira-se a Rudolf com vontade de lhe fazer mal. Num instante a dor vem de todo o lado, murros e pontapés e ele no chão fechado em ovo. O coro continua por algum tempo, misturado com gritos e

risos e o som surdo de carne contra carne, é tudo rápido e tão forte dentro de Jorge, o ardor dos golpes e dos insultos, a humilhação de ser riso em tantas bocas.

Quando toca a sineta para o fim do recreio, termina o suplício e fica o silêncio. Os outros vão-se, vão-se as vozes, os punhos, as pernas, vai-se Roberto, fica a raiva muda a chorar para dentro. Algum sangue, uma camisa rasgada e por dentro tudo mudado.

Nova Iorque

Karl voltou à rua, agora bem vestido, lavado e com uma casa para onde voltar. Traz um saco de livros pendurado ao ombro, livros negros de deus. As instruções são simples, levar cinco livros de cada vez e procurar mulheres e homens que pareçam perdidos. Custam cinquenta cêntimos cada um, meio dólar por todas as palavras que deus escreveu. Quando o saco fica vazio, leva-se o dinheiro e volta-se a enchê-lo. Em troca sopa, pão e uma cama, ao final da semana uma décima parte das vendas. Ganha-se menos do que a lavar janelas, mas é um modo mais seguro de se aproximar do altíssimo.

Em Nova Iorque não é difícil encontrar homens que pareçam perdidos, mas para vender deus há que procurar o tipo certo de perdidos. Não servem os demasiado bêbados nem os muito lúcidos.

Karl vai até ao cais onde desembarcam os recém-chegados, não há outros mais bem perdidos. Oferece-lhes ajuda, dá-lhes alguns conselhos e explica-lhes que na América a lei obriga a que todas as famílias possuam uma bíblia. É uma mentira, uma mentira para vender deus a quem dele vai precisar. Todas as igrejas o fazem e a ele não lhe aumenta o peso na consciência.

Os barcos que ligam Manhattan a Ellis Island vão chegando com pequenos intervalos. Deles saem pessoas deslumbradas e com medo. Ele observa-os e vê-lhes no rosto a esperança que foi perdendo. Avançam com cuidado sem saberem para onde ir, procuram algum sinal, alguém que lhes dê um caminho. Nesse momento ele aproxima-se e dá-lhes as boas-vindas, à terra abençoada, diz, à terra de deus.

Entre barcos, Karl distrai-se a olhar o rio e as gaivotas. Quando olha para longe sente-se bem fora de si, o braço que treme deixa de se sentir e consegue imaginar-se feliz. Outras vezes abre um dos

livros e procura frases que lhe pareçam importantes e se possam recordar. Uma dessas frases gira-lhe na cabeça há alguns dias, «não sejas demasiadamente mau, nem sejas louco, porque haverias de morrer antes do teu tempo?». Uma frase importante.

Quando vai e quando volta do cais, Karl passa por diversas tabernas, nesses momentos baixa a cabeça e esforça-se por ignorar a sede, uma sede maldita que não o ignora a ele. Foi numa destas viagens que viu uma cara que preferia não ver.

Levava o mesmo ar elegante e trazia a cabeça alta de senhor. Numa mão um livro e na outra uma bengala de que não precisava. O estômago de Karl contraiu-se e subiu-lhe à boca um gosto amargo de revolta. Hesitou por alguns instantes e finalmente resolveu enfrentar Thomas.

Dirigiu-se até ele e gritou-lhe o nome com desdém. Estava disposto a agredi-lo de qualquer modo. Aproveitando a surpresa do outro, agarrou-o pelas bandas do casaco e cravou-lhe com os olhos o asco que sentia. Abanou-o algumas vezes e, quando lhe faltaram ideias, ficou à espera de uma reacção.

Thomas não desfez a pose altiva, levantou os braços em trégua e com uma voz treinada domou o ímpeto de Karl.

– Finalmente encontro-o, meu caro Karl, o que eu tenho corrido à sua procura, alguém me disse que andava por estes lados, foi por si que aqui vim.

Thomas é um homem habituado a controlar homens pela palavra. As mãos de Karl abrem-se devagar e, em vez de falar, prepara-se para ouvir. Thomas convida-o para uma taberna e, antes da resposta, saca do bolso uma nota.

– Desta vez pago eu.

Lisboa

Fernando leva a tia de passeio porque lhe quer falar. Vão os dois até ao jardim num passo lento de ver o dia e falam pouco de nada: o sol, o tempo, as flores do Verão. A tia estranhou o convite e espera outras palavras menos banais. Fernando vai organizando as ideias e espera o momento de as dizer. A tia diz-se cansada e procuram um banco onde sentar-se, e sentam-se. Aguentam um silêncio de prefácio até que a tia toma a iniciativa e pergunta a Fernando o que tem de tão importante para lhe dizer.

O discurso, de preparado que estava, sai-lhe confuso e trémulo. Fernando explica que não está contente, que se sente inquieto, perdido, sem ganas de nada. Diz-lhe que a morte da irmã foi um abalo, mas não é causa, quando muito um abrir dos olhos que trazia distraídos. O problema é outro e vem de trás, um desacerto com a vida e com os caminhos traçados. Sente sobre si o peso grande das esperanças dos outros, família, professores, colegas, mas no fundo nada disso sente como seu, seria certamente uma vida bonita, mas não para si.

A tia ouve as palavras que já esperava, tudo uma questão de tempo. Poderá até antecipar as que se seguirão, «procurar outro caminho», «buscar o meu lugar» e outras frases assim. É tudo um ritual, há que deixá-lo prosseguir no seu ritmo próprio, Fernando que fale.

As frases seguem confusas e deitadas a meio, Fernando avança e recua tateando a compreensão da tia. Fala então de um quarto livre e a bom preço, do pouco que lhe pertence e de Lisboa onde tudo fica perto. Fala também de um amigo que trabalha num escritório onde falta alguém que domine o inglês. Um trabalho sério, afirma Fernando, um emprego de palavras, números e homens de família.

A tia diz-lhe que sim e acena com a cabeça já longe. Um quarto, um emprego, um sobrinho a querer ser grande, o menino Fernando a deixar-lhe a vida como ela a tinha, uma vida de tia a fazer renda.

Que sonhos traria Fernando, que doenças lhe cresciam agora e como haveria ele de apagar tanto ardor? O menino continua a abrir as portas de uma casa escura e secreta, as portas de uma casa toda virada para dentro. Que portas? Que casa?

Fernando tem a mão quente e os olhos vidrados, a tia diz-lhe que sim, o menino que faça o que entender, a vida toda à frente, a vida, o que for melhor, menino, o que há-de ser.

De novo silêncio, tudo foi já dito e entendido por um e pelo outro, agora só o vento quente e os pássaros podem acrescentar sons à tarde. É Verão e os corpos aceitam bem a quietude, os minutos não têm pressa e os dois ficam ali enquanto for necessário.

Fernando deita-se a imaginar o futuro que decidiu, os gestos curtos que serão os seus, os dias tão iguais de hábito e horas certas. Está tudo muito bem como há-de ser, quanto menos tiver de pensar no que fazem as mãos e os seus braços magros, mais livre será a cabeça de andar por onde quiser. É só isso que deseja, uma cabeça de ir a qualquer parte. Se pudesse, gostaria de levar o sonho da noite para o dia, trazê-lo no bolso e olhar para ele a cada instante, enquanto as pernas fazem as suas coisas de pernas e a boca diz o que dela se espera.

Fernando sabe o que teme, conhece o seu inimigo, que se veste de cinzento e anda de mão dada com toda a gente. O inimigo de Fernando é agradável, consensual, ligeiro. O seu inimigo é o agradável, o consensual, o ligeiro e todas as outras formas de nada que são modos de saltar do berço à cova sem importar a ninguém e muito menos a si próprio. Disfarçado no banal, será finalmente livre de ser qualquer coisa escondida, a sombra imensa de um funcionário que funciona.

Auseor Sineb

Como é a escola? A escola tem dois andares. No rés-do-chão estão os mais novos, da primeira e da segunda classe, no primeiro andar os outros, Jorge também. À tarde, quando o velho Piero toca para a saída, os miúdos arrumam os cadernos e olham juntos para a professora até que ela diga a frase mais esperada, «até amanhã e não se esqueçam dos deveres». Depois correm dali para fora à procura do sol que ainda há na rua e do lanche que espera em casa os mais afortunados.

Por essa hora Jorge é como os outros, com a mesma pressa de casa, da irmã e das bolachas da avó Fanny. São de gengibre e, quando se molham no chá, tornam-se moles para se desfazerem na boca. Depois Jorge abrirá a porta para chegar aonde estão os livros ao lado uns dos outros. Livros de aventura, livros de história, livros de pensamento e livros de tudo, a quem se pode perguntar sobre o que se quiser, que eles respondem.

Um dia Jorge sai da sala e faz o corredor depois de todos saírem, como ele gosta de fazer para se sentir tranquilo. Ao chegar às escadas, está Roberto parado a arranjar a alça da sacola que se soltou. São semanas passadas sem que os dois falem, desde a tarefa no recreio, quando Jorge ficou pisado e ferido dos golpes. Alguns foram dados por Roberto e Jorge ficou a odiá-lo como odeia os outros, mais ainda porque quase foram amigos. Roberto é um traidor de amigos, um vilão pequeno, mas um vilão. Jorge aproxima-se devagar com os pés que não se ouvem por cima dos ecos na escola. Roberto de costas, Roberto no topo das escadas, vilão e traidor.

Jorge já leu e já ouviu muitas histórias de homens e traições. Há sempre quem sofra e quem faça sofrer, por vezes trocam uns com

outros, por vezes corrigem-se injustiças pelas mãos de homens corajosos ou cobardes ou mesmo pela sorte. A sorte nunca é por acaso nas histórias. Um raio que cai numa cabeça, um rio para um homem se afogar, um cavalo que se assusta, um precipício em frente, umas escadas com vinte degraus. Jorge é a vítima da história que ainda não foi toda contada, a vítima injustiçada, o bom com direito à vingança e à sorte deixada a jeito. O velho Piero não está onde se veja, os restantes miúdos vão na rua a gritar e a alça de Roberto que não se arranja.

É difícil saber da diferença entre justiça e traição porque têm os mesmos costumes, quem conta a história é que lhe escolhe a moral. Jorge tem pouco tempo para decidir se quer ser raio a cair na cabeça de Roberto.

Nova Iorque

Uma cena que se repete, Karl e Thomas sentados à mesa de uma taberna. Como em qualquer repetição, nem tudo é igual, desta vez Thomas bebe *bourbon* enquanto Karl bebe leite.

– Meu caro Karl, sabe qual é o problema desta cidade? É grande como o mundo e pequena como ele. Parece-lhe contraditório? Pois esse é outro problema, Nova Iorque está assente em contradições de todo o tipo que vêm ao de cima pela boca dos homens. De resto, tudo o que é verdadeiramente grandioso é feito mais de contradições do que de certezas escuras. Já leu algum dos livros que traz consigo? É um bom livro, caro Karl, vale o tempo de ser lido, é também ele cheio de contrastes e assimetrias de toda a ordem. Às bestas e às crianças chegam certezas, nós, homens, alimentamo-nos de paradoxos.

Karl não entende o que diz Thomas e continua à espera de uma desculpa, à falta dela uma qualquer explicação que lhe pareça credível. Karl continua crispado e Thomas sabe-o.

– Vejo que não me faço entender, deixe-me então pôr a questão de outro modo. O meu caro amigo imagine que um desses infelizes a quem vende as bíblias lhe aparece daqui a alguns dias queixando-se das mentiras que você lhe contou para o convencer. Não me olhe como se não contasse mentiras, Karl, quem vende, vende mentiras, para isso servem os vendedores. Dizia eu, imagine que um desses desgraçados lhe vem pedir satisfações. Na sua percepção, esse homem deixaria de ser «um desgraçado» e passaria a ter um nome como eu ou você. Não lhe restaria alternativa, teria de deixar cair a máscara.

»Você passaria a acreditar que ele é de facto um homem, e não um mero desgraçado de comprar bíblias. Na aldeia de onde você

veio, a cidade, desculpe, na cidade de onde você veio todos os homens têm nome, é difícil ignorá-los. Aqui, caro Karl, ninguém tem nome até prova em contrário, somos todos cidadãos incógnitos, somos todos desgraçados a quem impingir uma bíblia. Agora você veio falar comigo e por isso eu respeito-o e me vou lembrar de si, você acabou de ganhar um nome, caro Karl.

Karl vacila, não sabe se esmurrar Thomas, se sorrir para ele. Thomas tem um modo certo de falar a fazer-se crer. Sobretudo de tornar difícil qualquer resposta.

– Esta cidade é um enorme teatro, nós somos actores e autores dos dramas que vamos vivendo. Aqui não há tempo para a verdade, a maioria dos contactos entre pessoas dura alguns minutos e nesse tempo cada um pode ser o que quiser se souber estar à altura da personagem que criou. Se me convier ser russo serei russo, se o público quiser que seja polaco então serei polaco. A única coisa importante é que faça o melhor para si, o que lhe permita comer, arranjar mulheres e beber quando tem sede. Mas está no bom caminho, há uma semana era um bêbado, agora é temente a deus, quantas moedas mete ao bolso às escondidas do senhor deus pai e seu patrão?

Karl fica calado em embaraço, agarra o copo de leite mas tem vergonha de o levar à boca. Os seus olhos contam a Thomas tudo aquilo de que ele já desconfiava. Thomas pega-lhe no copo e bebe o leite de um trago, depois pede um *bourbon* para Karl que não recusa nem diz nada.

– Tenho uma proposta para si. Se se fartar dos padres e das bíblias e quiser fazer algum dinheiro, venha ter comigo a esta morada mas nunca antes das seis. Bata à porta e diga a quem a abrir que quer falar comigo. O nome é o que já conhece mas tente dizê-lo à americana. Aviso-o de que não é uma igreja, mas também fazemos dinheiro com o pecado. Agora deixo-o, tenho negócios a tratar, já sabe, nunca antes das seis.

Thomas levanta-se, põe o chapéu e paga as bebidas. Ao passar por Karl, pega numa das bíblias e imitando um pregador declama com a voz colocada: «Bom e recto é o Senhor que ensina o caminho

aos pecadores, Salmos, 25:8.» Depois devolve a bíblia a Karl e sai com passo largo.

Thomas é um homem difícil de classificar, um homem que Karl não conhece nem nunca conheceu. Karl confirma o versículo, bebe o *bourbon* de um trago e, com as entranhas a arder, toma uma decisão. Afinal, porque haveria de morrer antes do seu tempo?

Acerto

Nova Iorque

São seis e meia e Karl está parado à frente da morada que Thomas lhe indicou. Aquele é um bairro que dorme de dia e a esta hora se espreguiça a contragosto. O edifício é discreto, embora elegante, as janelas do piso inferior estão cerradas por venezianas, enquanto no primeiro e segundo andares se vêem pesadas cortinas de cor escura. Numa das janelas uma mulher fuma sem olhar para lado nenhum. Por cima da porta está um letreiro com letras douradas em fundo verde, «Felice Diamant, bebidas e music hall». Karl toca à campainha.

Karl toca de novo e ainda uma terceira vez, quando se prepara para desistir ouve o ferrolho e a porta abre-se pelas mãos de uma mulher grande.

– Que é que tu queres, ó meia-leca? Não vês que estamos fechados? Se não aguentas o têsão, bebe um copo, que isso passa.

Karl fica perplexo com o acolhimento e a figura da mulher; incapaz de encontrar palavras, está prestes a ver a porta fechar-se quando pronuncia o nome de Thomas. A matrona mira-o de soslaio e manda-o entrar com um gesto vago. Ele entra.

– Podes chamar-me Mimma, mas não me chames muitas vezes. Vem atrás de mim, que eu levo-te ao punheteiro do Thomas.

Karl segue-a por um corredor cheio de espelhos, passam uma outra porta e chegam a um salão. Ao fundo está um palco com um cenário de céu estrelado, no centro da sala há uma pista de dança e à volta mesas baixas de madeira encardida. A uma das mesas está Thomas a ler. Mimma aponta-o com indiferença e segue para trás de um balcão. Karl avança até Thomas e espera que termine o parágrafo.

– Sempre vieste... Largaste as bíblias? Podias ter trazido uma, nunca se sabe quando pode dar jeito. Este é o nosso Diamant, os melhores clientes da catedral de São Patrício são os nossos frequentadores mais assíduos, talvez reconheças alguns.

Karl apercebe-se da mudança de tom no modo como Thomas lhe fala. É a voz de um patrão que fala ao empregado, cordial mas autoritária, uma voz que gosta de se ouvir.

– Há pouca coisa que devas saber, temos uma ética simplificada. Pagamos melhor do que qualquer trabalho honesto e só tens de estar calado e esquecer o que vês. Se tiveres problemas com alguém, falas comigo e só comigo, para tudo o resto entrego-te à Mimma. Ela vai insultar-te com todos os palavrões que existem e alguns que são só dela, de resto é uma mulher adorável, quase sensível.

» Mantém-te afastado das mulheres do Diamant, não é lei mas é conselho, qualquer mulher que encontres noutra lugar ser-te-á menos prejudicial. É esse o termo, estas são mulheres prejudiciais.

» Tens alguma pergunta? Pergunta o que quiseres, Karl, a dúvida é uma manifestação de sagesa... A julgar pela tua cara, vejo que não te lembras de nada. Não te preocupes, que este é um ofício como os demais, damos um preço ao vício como outros à fé ou à virtude, um homem adulto precisa de uma dieta variada.

Mimma repete a última frase com gozo, percebe-se que não é a primeira vez que a ouve, depois levanta a voz potente:

– Enfia os sermões no cu, ó pregador, e tu, rapazinho, despe o casaco e arregança as mangas, agarra-te à vassoura, que está rija à tua espera.

Os dois homens ficam calados e levantam as sobrancelhas um para o outro. Karl deixa o casaco pendurado numa cadeira, Thomas retoma a leitura.

Lisboa

Fernando sentado no escritório com a vida fora e ele dentro. Os minutos pequenos vão uns atrás dos outros, queira-se ou não. Fernando de mão a mexer, fazendo assim agora e depois. A mão não lhe pergunta nada, é escavada de dúvida e certa com o dever. A mão escreve palavras e números que sabe escrever. São palavras que saem direitas da caneta e sabem para onde ir. Palavras de uma mão que escreve e não faz perguntas.

Há mais pessoas no escritório e escrevem também. Pensam nos minutos e em nada. Pela janela entram sons de vida, sons absurdos num escritório governado por mãos e rotinas. Se as mãos ouvissem, os escritórios não tinham janelas.

O Borges acendeu a luz eléctrica decretando a noite, cabeças levantam-se e olham por olhar à procura da novidade que não há. Alguém espreguiça os braços e estica o pescoço, depois os olhos voltam ao papel e continuam a inspeccionar os traços negros.

A certeza da noite chama Fernando para outros lugares. Vai escrevendo coisas com a mão e outras com a cabeça. As noites não são do escritório e nem a luz eléctrica o convence do contrário. Reserva para estas horas as tarefas mais simples, papeladas e endereços nos sobrescritos da firma. Nesses instantes, Fernando sai com os olhos pela janela e vai ver a vida a voltar para casa.

Alguém um dia pensou em escrever que as pessoas vistas de fora são estranhas, depois ter-se-á lembrado de que as pessoas são sempre vistas de fora.

Na rua chove e os movimentos tornam-se lentos e incómodos. Os empregados do comércio encerram as lojas e rumam a casa cheios de suspiros. Pelas portas das tabernas entram homens à procura de

álcool e calor. Há eléctricos que passam e há quem vá dentro de rosto colado ao vidro e com o vapor de gente a desfocar o olhar.

Fernando não tardará a descer as escadas do escritório e a juntar-se aos passantes que agora passam sem ele. Entre o escritório e o pequeno apartamento onde mora, distam seiscentos metros, oitocentos passos, setenta e cinco centímetros de um andar nervoso e desajeitado. Entre o escritório e o pequeno apartamento, Fernando passa oitocentas vezes, fuma um cigarro, acena a três ou quatro pessoas, esboça uma ideia e distrai-se várias vezes com imagens e memórias. As pessoas por quem passa pensam o mesmo antes e depois de o verem.

Em casa não há muito à sua espera, um caldo por aquecer deixado pela dona Aurora, uma garrafa de vinho, silêncio e horas. Um jovem sozinho em casa é amostra de insólito e quem não foi que experimente. Um serão de luzes apagadas, um baile nu e livre à meia-noite, um discurso inventado em frente ao espelho, um ritual de espantar pó, um poema escrito com os pés ou mesmo com a cabeça. Nenhuma perversão mora longe de um jovem sozinho.

À noite, quando os cantos se apagam e as ruas ficam desertas, Fernando sente-se dono de tudo o que fica vazio: as ruas, o silêncio, os corpos apagados de quem dorme. À noite, os homens que Fernando não conhece abrem-se em confissões e risos, próximos todos como não sabem estar durante o dia. A poesia é algo assim para Fernando, um modo de estar com toda a gente, de ser toda a gente.

Aureos Sineb

Roberto sente duas mãos nas costas e uma força grande que vem nelas. O seu corpo atira-se para a frente com as pernas que ficam atrás. De repente vê tudo às voltas, os degraus, o tecto, as paredes, de novo os degraus, de novo o tecto, até já não ver nada. O tempo dá um salto e há agora vozes à sua volta, gritos e ordens e lamentos, parece ter acontecido uma coisa muito grave. Reconhece algumas das vozes, a de Piero, a de alguns colegas, todos muito aflitos.

Decide abrir os olhos e não consegue abrir os olhos. Não sente os braços nem as pernas onde os deveria sentir, perdeu-se do corpo. Levantam-no e levam-no para algum lugar, sente o cheiro fresco do ar da rua e não percebe como pode sentir o fresco se não tem corpo.

O tempo salta outra vez, está agora deitado num chão mole que deve ser uma cama, o corpo voltou e está carregado de dores fortes. Roberto não sabia que se podia ter tantas dores. Abre os olhos e vê que está num lugar muito branco, durante alguns minutos é só branco e luz o que vê. «Se calhar estou no céu», pensa, mas o céu não deveria doer.

Distingue duas sombras que se desenham até serem pai e mãe. A mãe chora e limpa as lágrimas com as costas da mão, o pai está a fumar e olha para ele com um olhar esquisito. Tenta dizer-lhes alguma coisa, mas sai-lhe apenas um gemido e a mãe agarra-lhe a mão e chora com mais força.

O pai e a mãe falam com um homem de bata, distinguem-se poucas palavras porque Roberto tem a cabeça baralhada. Repetem algumas vezes a palavra «pernas», serão suas as pernas de que falam? Estão a discutir se há-de voltar a andar, Roberto ri-se daquilo

tudo (tenta rir-se daquilo tudo). Claro que há-de andar, como haveria de ir à escola e jogar à bola e roubar fruta se não voltasse a andar? Os adultos são idiotas e falam de coisas à toa.

De tudo o que lhe dói são mesmo as pernas que se salvam, não lhes sente dor nem nada, são o melhor lugar de todo o corpo. De onde está, vê os dedos da mão esquerda e os pés ao fundo que o doutor descobriu. Faz adeus com a mão como se ela estivesse muito longe, depois tenta dizer adeus com os pés mas eles não dizem nada. Devem estar a dormir, pensa.

Jorge poisa o lápis e relê o texto. Apercebe-se de que é demasiado dramático, mas é assim que deve ser. Nele devem estar todas as cambalhotas que poupou a Roberto e todas as dores e todos os aleijões. Deve pôr no papel tudo o que não fez por cobardia ou misericórdia.

Jorge descobriu que se pode sentir ódio e compaixão por uma pessoa ao mesmo tempo. Uma mão que empurra e outra que segura, uma que se abstém e outra que não faz perguntas. Uma mão que nunca saiu do bolso e outra que agora escreve.

Um homem a escrever pode virar o mundo para onde quer. No código certo de letras atrás de letras está tudo o que se conhece, passado, futuro e o presente como deve ser. Um exército venceu uma batalha porque está escrito num livro, um homem morreu, um império caiu, um deus veio à terra. O homem é palavra, o império é palavra, o exército e deus e tudo são palavras inventadas quando a gente se fez gente.

Os avôs grandes e bravos de Jorge moram na voz da avó Fanny, com as guerras de liberdade e grandes viagens na água e na selva. A avó Fanny escreve o passado quando canta e quando fala, a avó ao lume e o passado de toda a família a crescer nos seus dias antigos.

O mundo tem dois lados, esse que se vê e ouve, que aquece e faz doer e segue à toa sem saber como se conta uma história; e depois o outro, da noite e da solidão, onde os rumos se decidem e se assenta que tudo o que aconteceu serve ao que há-de acontecer. Tudo de tão longe para dormir em palavras por escrever.

Nova Iorque

As mulheres que Karl não sabia são donas de olhares. Quando caminham pelo salão usam pernas de muitos propósitos e roupas que não são feitas para vestir. São corpos de mulheres com nomes exóticos e desejáveis, Collette, Rose, Muse, Purple, Celestina, Darleen, Violet. Cabelos de todas as cores, peles de todas as cores, sotaques vindos de longe e treinados para o exotismo. São mulheres extraídas de meninas, animais de dar e de perder.

Karl está atrás do balcão e segue as instruções de Mimma. Ela explica-lhe como se preparam as bebidas, os nomes que têm e a quantidade de água a juntar para obter um lucro líquido e insuspeito. Por ora, Karl tratará apenas dos pedidos simples, *whisky*, *grappa*, champanhe, vinho. Mimma faz o resto, *punches*, *slings*, *cobblers*, *juleps* e dezenas de outras misturas conhecidas por nomes fantasiosos. A divisão do trabalho é favorável a Karl, já que conta apenas com um braço útil, ainda por cima o esquerdo. O braço que treme fica pendurado ligeiramente atrás das costas, é um braço de vergonha e inútil para as suas novas funções.

Os primeiros clientes chegam às sete, vêm com roupa de trabalhar. Depois de escolherem a mesa mais conveniente, pedem bebidas e desapertam o botão do colarinho. Alguns clientes comem, outros alimentam-se de álcool. Os músicos começam por essa altura, um piano e um acordeão que vão seguindo melodias como se fosse sempre a mesma, é som que serve para ocupar espaço e tempo, até chegarem as mulheres. Depois os ritmos aumentam e podem já desculpar todas as danças. A sala está agora cheia de olhos de homens, olhos a saltar em contínuo do prato para o copo e do copo para a porta debruada a veludo por onde elas hão-de

entrar. São olhos de pouca imaginação e cansados de muitas horas a trabalhar.

Dois *whiskies*, três *grappas*, uma garrafa de vinho e Karl que salta ao ritmo dos pedidos, um braço para as garrafas e os copos, o outro desocupado.

Thomas segue os movimentos da sala num canto discreto, é ele que encena um espectáculo experimentado que deve ser sempre igual. Bebidas, homens, dinheiro, mulheres e música ligeira. Mimma pragueja como um homem e insulta Karl muitas vezes, mas ajuda-o quando ele precisa.

– Prepara o champanhe, que as senhoras estão quase a chegar, ali em cima meia foda, também tenho de te ensinar onde tens a piça?

Mimma chama senhoras às mulheres e piças às piças.

Faz-se silêncio, um foco de luz abre-se sobre a porta de veludo e o acordeão inicia uma sequência dramática. Os cigarros ficam parados à frente das bocas e há garfos suspensos no ar. Thomas desloca-se até ao meio da sala e cumprimenta a plateia, agradece a comparência dos cavalheiros e anuncia o momento por que todos esperavam. O piano ataca uma canção ritmada de *vaudeville* e o acordeão segue-o veloz, Thomas chama as senhoras uma por uma, elas entram em passo de menina apressada e dão uma volta pela pista de dança, os homens batem palmas, babam-se e riem com os olhos. Elas começam uma pequena coreografia e Thomas regressa à sombra. Os homens chamam os empregados com berros e dedos apontados. O champanhe está pronto.

Lisboa

Assim nos opomos e ensombriamo, tu que não sonhas e eu que não sou sonhado. Tu que és tanto mar e eu que sou gente pouca. Existimos ambos, é quase certo, mas temos as nossas intermitências.

A chuva fora continua a cair como se não fosse assunto de ninguém. Fernando olha-a e ouve-a e cheira-lhe o fresco trazido de cima. Mais um cigarro, mais um copo, mais uma frase. Nas noites boas há mais frases do que copos, nas outras não. Os cigarros são vícios de dedos com que não vale a pena implicar.

A Fernando falta-lhe uma mulher pela vida. Faltam-lhe muitas mulheres pela vida, diurnas, nocturnas, quotidianas, esporádicas. Tal é a carência. Tem alguma de memória e muitas de distância, quase que lhe chegam. Mulheres como chuva. Mulheres que se olham, ouvem e cheiram, molhar-se é um capricho de mentes sem imaginação.

Lembra-se do mar e escreve e corrige palavras que não vão servir a ninguém. Mas o mar é importante, faz-se lembrar, volta quando há água a cair e quando não há.

A memória de quem vive só não guarda muitas coisas importantes, mas o mar é uma delas. As viagens são ainda maiores e arrastam consigo caras e paisagens, sentimentos, reflexões e medos. A seu tempo serão invocadas, a seu tempo, faltam ainda muitas linhas e muitos copos.

Uma mulher é mãe ou é sexo ou é homem. Quando um homem como um poeta pensa numa fêmea está a pensar numa dessas três. Um psicólogo que Fernando não leu escreveu um dia que há mulheres dentro dos homens, mulheres pequenas e discretas que tomam conta de alguns momentos dos homens. Diz ele que há

decisões tomadas pelas mulheres que moram dentro, e também conversas e relações que são geridas por elas. Será assim, mas, entre a psicologia dos homens e a psicologia de um homem, há uma grande distância, não há uma grande distância? Há, sim, uma grande distância.

Fernando sente falta de uma mulher para se poder sentir mais homem. É fraca coisa um homem que não exerce, apenas um menino de pernas grandes e preocupações, por exemplo, a preocupação de conhecer uma mulher. Como seriam boas todas as masturbações se não houvesse mulheres. Quem foi que disse que o xadrez se tornou muito mais exigente assim que inventaram o parceiro? Ninguém o disse, mas é assim também com as mulheres.

De novo o mar, sempre importante, agora menos, é assim a mente volúvel de um rapaz tão ocupado a querer ser homem. A uma certa hora as ondas são já tão seios e a maré tão voluptuosa que tudo se confunde e há-de terminar em sereias, ou varinas, ou num grande mar de cheio de mamas que é um sonho que vale bem a pena ser sonhado. Fernando sonha a raça das fêmeas e sonha-se a si de longe, incerto no desejo e inseguro de tudo.

Pelo resto da noite a chuva terá de cair sozinha.

Auneos Sireb

A casa descansa sempre à mesma hora. O pai recolhe-se na biblioteca e a mãe arruma a cozinha sem que se ouçam pratos ou panelas. Passa-lhes os panos e acompanha-os aos armários com movimentos serenos que só terminam quando tudo encontra lugar. A avó senta-se na sua cadeira e deixa tombar a cabeça como um boneco cheio de sono.

Jorge chama a irmã em silêncio e sobem os dois para o seu quarto. Tem uma ideia e expõe-a a Norah. Pergunta-lhe se quer fazer uma enciclopédia, mas a irmã não sabe o que isso é. Ele explica-lhe que é um livro onde estão todas as coisas, mas a irmã continua sem entender. Pergunta-lhe se esse livro é como a bíblia, de que a avó já lhe falou. Jorge diz-lhe que não, a enciclopédia tem todas as ideias dos homens, a bíblia apenas as de deus. A irmã acena com a cabeça, gosta muito do irmão e de concordar com ele.

Decidem então fazer uma enciclopédia da casa e das coisas que só eles conhecem. Pensam os dois durante alguns segundos e começam a deitar palavras que lá devem figurar: a avó Fanny, o moinho, as begónias do jardim, a poça de água por baixo da goteira, os bigodes do avô Francisco, os charutos do pai, as formigas do Verão, o homem escuro que passa às cinco da tarde e cumprimenta toda a gente com o chapéu.

Distribuem as entradas e fica cada um para seu lado com o lápis na mão e a língua mordida. Norah sabe ainda poucas palavras, por isso faz desenhos. Desenha a avó do tamanho de uma criança com os olhos quase fechados, pergunta ao irmão como se desenha uma cantiga e, como este encolhe os ombros, faz passarinhos a saírem da boca da avó. Depois desenha as begónias com todas as cores dos lápis e o bigode do avô pendurado na cabeça do homem escuro.

– É um bigode em forma de chapéu – diz Norah, perante o espanto do irmão.

Jorge trabalha as definições e, quando se dá por satisfeito, lê-as em voz alta à irmã.

O moinho: Quando sopra o vento, o moinho vermelho comporta-se como todos os outros, as suas pás giram à velocidade das folhas das árvores e nós ficamos a vê-lo através da janela e pensamos que o Inverno nunca vai chegar ao fim. Quando não sopra vento, o moinho fica triste e gira as pás porque não sabe fazer outra coisa, acompanha o movimento com um ruído que pode ser um choro ou o vento como ele o ouve.

A irmã fica a pensar no Inverno e no moinho sem vento, mas aceita a definição e pede-lhe agora a das formigas.

As formigas do Verão: São as formigas que trazem o Verão para casa. Dividem-no em partes muito pequenas e carregam-no às costas por caminhos só delas. Quando chegam, vão até à cozinha e descarregam-no nos doces e na fruta. O Verão é doce porque está nas coisas doces, mas às vezes é também amargo porque se trincam as formigas.

Norah ri-se porque não sabia que as formigas carregavam o Verão.

– Agora já sei – diz ela, mas tem pena de que não o deixem na sopa que é já amarga e ninguém se ia importar.

Os charutos do pai: Quando o pai está muito preocupado por causa dos homens do governo ou do preço do carvão, acende um charuto e sopra-lhe para dentro essas coisas todas. O fogo do charuto queima-lhe as preocupações e a casa fica cheia do fumo dos homens e do preço do carvão.

A poça de água por baixo da goteira: Toda a água que a casa não bebe desce pela goteira e cai na terra até formar uma poça. A poça mete medo porque às vezes não se lhe vê o fundo e parece um buraco capaz de engolir quem lá caia. Outras vezes é um espelho, e

vemo-nos nela mesmo sem quereremos. Dentro da água, com a cara cheia de espanto, presos sem sabermos de que lado da poça estamos e quem é que olha para quem.

– Eu gosto de saltar para a poça e nunca caí para dentro dela.

Jorge dá um beijo à irmã e ordena as folhas com cuidado. Diz-lhe que têm de fazer uma capa para a enciclopédia, com letras bonitas e um desenho da casa. Ela gosta da ideia. Ouvem-se os passos da mãe que chega para os deitar. Jorge sente dentro do peito um silêncio quente, como a casa em certas horas do dia.

Nova Iorque

Alguns momentos belos valem por dias de vida certa, muito tempo de vida triste como o mundo. Um sorriso traz mais ar do que mil inspirações, algo assim diria Karl se alguém lho soubesse perguntar agora. Da noite já se passaram horas, são agora duas da manhã e poucos os clientes que continuam na sala. Os outros saíram discretamente, primeiro até ao andar de cima acompanhados por uma das senhoras, mais tarde, por outra porta, para a rua. Ficaram os poetas, os desgraçados e os homens de desejo triste. Mimma está sentada: já ninguém pede coisas complicadas e Karl dá conta do recado. Bebem-se as últimas *grappas* para dormir e esquecer. Do palco vem um canto bonito, uma voz que faz bem a Karl e da qual ele se lembrará por muitos dias.

Só os homens que ficaram sabem ouvir música e é agora que o piano e o acordeão se aventuram nas melodias mais complexas, também as mais melancólicas. Uma das senhoras subiu ao palco, é Celestina, uma mulher de cabelos negros e olhos cheios de histórias. Os homens fazem silêncio e olham-na como se estivesse longe, ela espera um silêncio qualquer e finalmente acena ao acordeonista para que comece. É uma canção que Karl nunca ouviu, cantada numa língua de dor e peso, língua de cantar histórias tristes.

*Si comm'a nu sciorillo
tu tiene na vucchella*

Celestina canta com os olhos fechados palavras para dentro. Karl tenta adivinhar de onde lhe vem aquela voz, de que passado, de que país. É uma mulher que canta como se chorasse ou como se devesse embalar uma sala cheia de homens.

nu poco pocorillo appassuliatella.

Meh, dammillo, dammillo, e comm'a na rusella

Na sala todos os homens estão apaixonados por Celestina e por outras mulheres que não conhecem nem irão conhecer. Apaixonados por uma ideia qualquer de paixão que se quer e nunca se terá. Os homens são dessas coisas, de querer por querer em horas tardias de algumas noites.

*dammillo nu vasillo,
dammillo, Cannetella.*

O fim do canto é já silêncio e notas surdas que não são menos eficazes. Celestina ficou vazia e sai do palco purgada, como num ritual ou um exorcismo, os males de Celestina voltaram aos homens que os criaram. É tudo um jogo.

Celestina é agora a mulher de cabelos negros que caminha até ao balcão e se senta num banco, observa Karl com atenção distraída e lhe pede uma bebida. Quando ele a serve, os olhos fixam-se nos olhos e algo muda, e o braço já não treme. É um instante grave, um desses instantes com o qual um dia se inventará um começo.

Lisboa

É uma manhã de sábado e Fernando sai de casa e de uma noite de insónia. As pernas levam-no de passeio por onde querem até que chegam à estação. Ao olhar Lisboa e a porta para lhe escapar, sente ou acredita sentir um asco pela cidade, um lugar onde não se pode dormir nem pensar. Há que fugir e levar as ideias para fora, fugir das casas e dos carros, da gente e das avenidas, tirar aos olhos o que conhecem e já não sabem ver. Entra na estação e compra um bilhete para um nome que lhe parece bonito.

– É para aí que vou.

Toma um lugar junto à janela e pousa o caderno nos joelhos. O rumor das máquinas mistura-se com as vozes dos passageiros e Fernando acende um cigarro contente. A carruagem enche-se de gente verdadeira, gritos, cheiros, cestas, galinhas, crianças a correr. Há quem acene e quem cante e nenhum homem vai só.

Agora como todos. Porque não? Partir do gesto para chegar ao ser. A um ser só sendo sem palavras pelo meio, sem demasiadas palavras. Verbos de consequência, adjectivos físicos, substantivos definidos. Hoje eu vou passear para o campo. Hoje eu vou comer, respirar, olhar para as raparigas e caminhar junto ao rio. Acharei bonito o que for bonito. Há coisas bonitas porque são limpas e são verdes e porque só se vêem onde estão. Há cores que murcham na imaginação porque não há sol nem vento no que se pensa. Hoje vou ver as cores por dentro, vou esquecer o que sei e o que penso e vou só sentir.

O comboio pára no nome que está no bilhete. Fernando desce e olha em volta do pequeno apeadeiro, não vê ninguém. O comboio

apita e retoma a marcha. Alguns passageiros observam-no enquanto se afastam, não sabem que homem é, nem o que foi ali fazer.

Fernando escolhe uma direcção e começa a andar. Ao espaço árido onde o comboio o deixou segue-se um caminho sombreado por grandes árvores de que não sabe o nome. São apenas árvores. Fernando continua a não ver ninguém e acelera o passo com receio de não chegar a nenhum lado. O caminho torna-se estreito e aumenta a vegetação em torno, pelos intervalos dos troncos ouve-se agora um rumor de água e vão chegando vozes indistintas. Fernando desce em direcção ao rio, pelas margens há pessoas a merendar e a dormir a sesta e apetece ser uma delas. Está cansado, olha em volta e escolhe uma pedra grande e lisa onde se senta a contemplar a água.

Agora vejo o rio, admiro-me? Eu sei o que é um rio, sei que deve ser assim, não há novidade. A menos que eu finja não saber, e que belo é o rio... Nada como o imaginava. Mas o rio é feito de águas que se movem e, se eu acreditar no rio, tenho de saber das águas e da luz e de tantas outras coisas que me separam da loucura ou da idiotice, senão não é rio, é um monstro que me pode comer porque eu mereço. Em que ficamos? Quanto devo lembrar e quanto devo esquecer? O rio talvez seja belo para os cães e para os sábios, para mim são águas que correm em azul. Podia enlouquecer um pouco, deixar-me levar pela vontade de ser nervo, mas de que me poderia servir? Permanecer na loucura ou voltar à consciência de me saber outro e triste. Um louco que viu o rio.

Se interpelar alguém, se fizer uma pergunta, vão olhar-me de longe e dizer o que já sei. Do ar, do sol, e eu já sei. Depois eu fico calado, sabendo que não sei nada nem sinto nada nem sou resposta que se dê a qualquer pergunta. Não é só triste, é assim um querer tão inútil como tudo o que é alheio ao que não precisa de ser explicado.

Não venho ao rio ver o rio, venho ver os outros que olham e sorriem e são mais nesse momento do que eu serei e venho sendo. São olhos ligados à espinha, outros olhos, outra espinha.

Se os homens todos soubessem que o rio não é metáfora nem destino, mas água que vai de onde está para onde há-de estar, então as mesmas águas seriam livres de saber o mesmo dos homens e cada um de fazer o que é seu.

Um rio a correr, um céu sereno e meninos a brincar. Eu aqui, entre certezas e inevitabilidades, tão eu. Perto do céu e dos meninos e tudo, a passo curto de ser, mas a cabeça, a cabeça. Como essa das galinhas. Se num exercício nos víssemos galinhas decapitadas a correr de patas, se devêssemos fundar um código perene e uma ética e moral de galinhas sem cabeça, em que seríamos diferentes? Em pouco seríamos diferentes. Apenas por continuarmos a correr mais do que poderíamos imaginar. A um homem decapitado morre-lhe a cabeça mas o corpo continua. O corpo chega bem para o trabalho e para o amor e para quase tudo, ainda para mais tão ligeiro sem o que não lhe serve.

Eu atirar-me-ia ao rio se ao menos esse fosse de fiar. O rio não é de fiar, já lhe botámos tanto que se falasse era gente, e eu em gente não me fio. Pobre rio. E nós com ele, levados nele. Pobre céu.

Suneos Aireb

Após duas semanas no hospital, Roberto foi transportado para casa. As dores tinham diminuído mas as pernas ainda não funcionavam. O corpo foi pousado na cama e aí ficou durante dois meses que duraram muito tempo.

No quarto não havia nada para ver, só as paredes, um quadro negro de um caçador e os insectos que por vezes lá entravam. A mãe sentava-se horas a fio a seu lado mas falavam pouco. Ela chorava e lamentava-se, fazia-lhe festas na cabeça e tocava-lhe nos pés e nas pernas enquanto perguntava: «Não sentes?» E ele não sentia nada. Depois a mãe saía e ele ouvia-lhe as palavras e as imprecações. Por vezes a deus, outras ao diabo, outras só à vida.

Roberto via a rua pela janela, um pedaço de estrada, o jardim de Jorge e um céu remoto sem sol. Nunca tivera tantas horas para tão pouco. Em casa não havia livros nem histórias, só tempo vazio. Uma vez estava um menino deitado por cima de si. Uma vez um menino caiu até não se poder levantar. Uma vez e outra e outra ainda.

Então Roberto começou a imaginar-se. Nos homens que passavam, nos pássaros, nas nuvens, nos carros, nas folhas, nos sons, na chuva, nos cães, em Jorge, na irmã de Jorge e no moinho vermelho. A mãe gemia do outro lado da porta e ele às escondidas caminhava, voava, rolava, volteava, caía, brincava e ria às escondidas dela e das pernas quietas. Roberto não sabia que se podia ser tanta coisa a pensar deitado numa cama, mas podia, e foi praticando como quem aprende um passo e outro depois desse.

Um dia, estava ele a sonhar pela janela sem se aperceber da mãe sentada a seus pés e era um gato e trepava pelo muro atrás de um pardal. Tinha a fome do gato e a mesma maldade, num instante encolheu-se e deu um salto admirável. O coração do bicho

rebentava-lhe nas garras e tinha já aberta a boca quando um berro interrompeu o almoço: «As pernas, as pernas, o menino mexeu as pernas!»

Jorge está pouco certo nas palavras escritas. É um Roberto demasiado humano e sensível para o que tinha pensado. Não o imaginara capaz de tanta fantasia e tão dado ao abstracto. Queria-o bruto como o conhecera, um selvagem praticante do abjecto e do banal. Para mais com pernas, de novo ameaça, um Roberto andante com ideias na cabeça, capaz de se cruzar novamente com ele. Quem empurraria quem na próxima oportunidade?

Podia rasgar o texto e fazer outro, ou não podia? O que ali estava já não se sumia, era texto, ideia, facto. Um Roberto como o não queria. Afinal quem mandava no texto, ele, Roberto ou o próprio texto? Apercebia-se do perigo de pôr coisas no papel, é mais difícil esquecer do que criar, e vale para tudo.

Roberto recuperou o uso das pernas, mas não completamente. Do incidente ficou-lhe um coxear estranho, um modo de avançar com um pé e saltar velozmente com o outro, como num desafio entre as partes. Um pé invejoso, foi o que lhe ficou. Não pôde mais jogar à bola nem correr como antes, mas em compensação continuou a imaginar-se mais e de outras maneiras. Habitou-se a ser tudo e a sentir por dentro do que via. As suas conversas tornaram-se complicadas e tinham medo dele, do que dizia e do pé invejoso que dava pontapés bem dados no ar.

Roberto dizia por exemplo «hoje as folhas estão cansadas», ou então «esta pedra foi o que ficou de uma montanha», e os outros olhavam-no sem o conhecer e sem dizer nada. Depois ele ria sozinho porque sabia o que mais ninguém sabia.

Nova Iorque

Karl não sabe nada de mulheres, pelo menos nada que seja verdadeiro ou útil. Sabe como se apresentam e como falam, sabe alguma coisa dos seus corpos e para que servem, mas não sabe mais nada. Não basta sair das mulheres para saber delas, nem mesmo entrar-lhes no corpo. Pode um homem entrar numa mulher sem nunca chegar a conhecê-la, para isso é preciso muito tempo e um desejo que não se apague com o dia.

Cada mulher é uma soma de parcelas sem conta, uma por cada homem passado, por cada homem querido, por cada dor, por cada filho. Há partes que dormem até que um toque as estremeça, outras que ardem num fogo autônomo, sem que nada o alimente.

Há mulheres tabuleiro, jogos de combinações infinitas onde nenhuma estratégia garante a vitória. Jogos de toda a vida, até que alguém se renda ou a luz se apague.

Karl esfrega agora o chão do salão, há beatas misturadas com a lama trazida da rua e muito álcool derramado. O rasto dos clientes mede-se no lixo e no dinheiro que deixam, é tudo sujo. O bordel, como a igreja, serve para os homens deixarem o que não podem ou não sabem carregar.

As mulheres estão sentadas em círculo à volta de Thomas, que lhes ensina uma nova coreografia. Têm um ar cansado e indiferente, como se não fossem do dia. A luz branca que entra a custo pelas janelas faz-lhes mal, dá-lhes rugas que à noite não lhes pertencem, manchas, borbulhas e varizes nas pernas. Só os cabelos de Celestina continuam negros e belos como a noite e desafiam qualquer luz que lhes chegue. Ela canta, canta sempre Celestina, agora para um filho pequeno que lhe dorme nos braços. De dia algumas mulheres também são mães.

O que na noite anterior fora coincidência ou sugestão começa agora a tornar-se certeza, o braço de Karl deixa de tremer quando olha para Celestina. Como se não se sentisse no direito de importunar uma imagem de tanta beleza. Como se Celestina conseguisse levar toda a energia que sobra a Karl e que ele não sabe onde deitar. Como a luz do sol nos cabelos, como olhos de homens, tudo o que se aproxima de Celestina fica lá preso, às voltas nela.

Thomas fala alto para as mulheres, marca movimentos e cantarola pedaços de uma melodia. As mulheres falam, riem, discutem e praguejam. Mimma berra sozinha atrás do balcão enquanto arruma as caixas de garrafas. Karl esfrega o chão com dois braços firmes e Celestina canta baixinho para um filho que dorme.

Lisboa

Fernando arrependeu-se de ter abandonado a cidade. Ao voltar pede-lhe desculpa porque o mal de Lisboa é o seu próprio mal, multiplicado pelos habitantes e pelas ruas – como a caixa de ressonância amplifica a vibração mínima da corda de uma guitarra, ele a corda, Lisboa a guitarra.

O domingo passou sem história por entre leituras deixadas a meio e escritas mal começadas. Uma boa parte do domingo é já segunda-feira, um salto da alegria de ter tempo para a necessidade de o ocupar de algum modo, nem que seja no escritório.

Enquanto faz contas de somar parcelas, Fernando vai rindo com uma ideia, a de um escritório de poesia e de homens cinzentos, como cinzento é ele e quem o rodeia, mortificados com a beleza dos versos e sonhando em segredo com números e actas e relatórios de palavras enxutas.

O Moreira, coitado, no branco aprumado de um colarinho engomado e a língua de fora, o Moreira que rima com o hábito e com dias de trovoada e que é todo ele um soneto dos tempos. O Borges, tão redondo e galante com o bigode fininho que traz pendurado no lábio e que se torce ao ver uma saia. Também ele, que é caixa e conta dinheiro, seria poeta e contaria sílabas se as letras pagassem o *tweed* escocês que ele gosta de usar nas *matinéés*.

Há um retrato pendurado no branco sujo da parede. Nele estão os empregados do escritório com o patrão ao meio. A primeira vez que Fernando o viu ficou assustado porque não foi capaz de se distinguir dos colegas. Quem olhasse e procurasse qualquer coisa, um olhar, um modo de trazer o corpo, fosse o que fosse, seria incapaz de o notar e de dizer que ali estava um homem único. Deste lado do

retrato são todos iguais, os empregados do escritório com o patrão ao meio.

Um retrato traz-nos um pedaço de mundo visto pelos olhos da realidade. É assim que eu sou, assim me vêem. Que máquina mostrará um dia o outro lado da gente? Quem há-de retratar os bastidores desarrumados das nossas poses serenas?

Fernando continua a fazer contas de somar – como se tira a prova dos nove a um poema? Há demasiados erros nas nossas contas de sentir. Existe uma diferença entre sentir-se mal e sentir mal, a primeira é passageira, a segunda pode durar vidas. Talvez o amor nos ensine a sentir como é bom sentir, para dentro e para fora ao mesmo tempo, um coração a falar com outro sem saber de nada, coisas lá deles, coisas de corações.

As contas acabam sempre por levar Fernando para junto do amor, mas é um despropósito invocá-lo num escritório tão sério. Ainda se estraga o amor, sujo com a tinta dos carimbos, esmagado sob o mata-borrão. O escritório não é lugar para o amor, há que procurá-lo lá por onde ele anda.

Suenos Aireb

É o último dia de escola antes das férias. É dia de jogos e de lanche partilhado com *raviolis*, empanadas e bolos de chocolate que as mães prepararam em casa. As crianças estão alegres porque é dia de festa e é o último dia de escola, estão também tristes porque começam a conhecer a nostalgia e o medo de não voltar a certas horas.

Jorge sentou-se no muro baixo do pátio e come com prazer. São coisas pouco habituais em sua casa, parecem-lhe exóticas estas iguarias tão comuns para os seus colegas. Ele observa-os e sente-os hoje mais próximos de si, o que não deixa de ser bom. A professora fala ao ouvido de um colega, este dirige-se a Jorge e oferece-lhe um copo de sumo de maçã. Ele aceita e sorri para o colega e para a professora. A compaixão é uma forma doce de medir distâncias.

Roberto entretém-se a fazer partidas aos outros meninos, rouba-lhes a comida, dá-lhes cotoveladas enquanto falam com a professora e poisa-lhes bichos em cima do corpo. É um Roberto que nunca caiu das escadas e que corre com as duas pernas paralelas cheias de manha. Ao vê-lo assim, Jorge convence-se da importância do que vai escrevendo. A raiva que vai dentro, o ódio, a revolta toda, tem agora o peso de algumas folhas de papel. É tudo ligeiro e brando, o último dia de escola, as maldades de Roberto e a empanada de galinha.

As férias estão a chegar e há que arrumar a cabeça, deixar a cidade e as coisas da cidade fechadas numa caixa. Há também que fechar Roberto nessa caixa, para que não importune lá longe onde não pertence. Ao voltar a casa, Jorge escusa-se ao jantar e ruma ao quarto onde se senta à secretária. Pega na caneta e enche-a de tinta, a caneta é a chave da caixa.

Foi a última vez que vimos Roberto. Alguns dizem que foi trabalhar com o pai na oficina, outros que endoideceu e que os pais o mantinham trancado em casa com vergonha. Soubemos que mudaram de bairro. Terão partido numa manhã em que chovia, arrastando malas velhas. Roberto terá olhado para trás e talvez chorado, mas talvez fosse apenas a chuva. Levava uma mala pequena e a perna a saltar como se lhe quisesse fugir. Nesse dia Roberto estava todo na perna.

Foi a última vez que vimos Roberto, estava mais calmo do que era costume e não disse disparates. Calou os disparates e calou tudo, ficou sentado a comer com os olhos a brilhar. Tirámos à sorte e foi um de nós perguntar-lhe se estava bem, ele parou de comer e disse que era um dia de fim, depois deu mais uma dentada e não voltou a falar.

O pai fumava mesmo com a chuva, levava duas malas enormes e o cigarro aceso a deitar fumo da boca. A mãe seguia atrás de olhos baixos. Os três eram um barco por tanta água, um barco que seguia atrás do fumo e se afundava para longe.

Quando a escola recomeçasse ninguém falaria de Roberto. Talvez uma ou outra vez, a propósito do incidente ou nas várias lendas que se foram criando, mas já não era Roberto, era um menino antigo que se usava para meter medo ou avisar os mais descuidados. «Ainda vais acabar como ele», e se calhar vão, vamos todos acabar como ele, homens adiantados e doidos, a imaginar-nos por dentro do que vemos porque não nos aguentamos dentro de nós.

Foi a última vez que vimos Roberto.

Nova Iorque

Em três metros quadrados cabe muita gente em pouco tempo. A saber: uma mulher, um contabilista, o dono de uma loja de bebidas, um actor de segunda categoria, um padre, uma criança de oito meses e Karl também. Um quarto enfeitado, dissimulado e ilusório, três horas de trabalho e depois outras horas, até ser manhã. O fim da noite nem sempre coincide com o início do dia, é tudo uma questão de luz e som. Um choro, um galo que canta, um carro que passa, uma nesga de sol que atravessa uma cortina preparada para outras luzes. Quem chega primeiro que acenda o dia e as vidas deitadas.

Por exemplo, o sol e um choro de criança e um homem novo que se levanta para afastar um biombo. Numa hora como essa, a criança deitada olha a criança em pé e entendem-se como podem, até que a mãe acorde.

Os cabelos pretos de Celestina no branco da manhã são como pedaços de noite ou um sonho que anda à solta. O choro da criança contém-se no primeiro gesto da mãe. Karl fica intruso em silêncio, com o embaraço de não ter para onde ir e de não ser mãe, de quase não ser pai e tão ainda das crianças.

O dia nasce desigual para três pessoas em três metros quadrados, mas nasce seu, de quem o ocupa à hora em que o dia não aceita desculpas ou fingimentos.

Karl veste-se e quase se sente feliz, ouve a voz de Celestina que fala e canta para o filho, não há fronteira entre uma coisa e a outra. Karl fixa o quarto, os cheiros, os segundos todos que pode. Na mente tão pobre de um homem é difícil distinguir um começo de um fim, por isso todos os segundos são importantes, são segundos que podem durar anos.

Está vestido e pronto para sair, mas não sabe como se faz, não tem nenhuma despedida que lhe sirva e fica em pé a olhar Celestina. É ela que lhe sorri e acena com a cabeça, vai, Karl, não digas nada que não pertença a esta hora.

O dia vai já nos corredores do primeiro andar e quem sabe aonde mais terá chegado. No seu quarto, Karl abre e fecha a mão muitas vezes, tem o braço de volta e quase se sente feliz.

Lisboa

Um homem sai de casa porque sente calor. O calor que sente não é da casa. O calor de dentro não tem explicação, vem mais rápido do que os outros e não amaina, dificilmente amaina. Por isso um homem sai de casa.

As ruas à noite são mais compridas, sabe-se que são. À falta de gente, as ruas esticam-se em espreguiçares de alcatrão. Os homens acalorados sabem destas e de outras coisas, mas calam-se num conluio de silêncio. Um homem acalorado caminha por uma rua e depois por outra e vai por onde vai sem saber. As ruas guiam os homens, mais do que eles se guiam a si próprios.

Uma aragem, uma luz que promete o que nunca deu e vêem-se os homens vogando as suas barcas pesadas. Peixes cegos de fomes secretas, homens que seguem ruas com vontades de comer. Perdidos por sem. Sem saber, sem ter, sem querer, sem nada a perder.

Um homem perde-se e crê encontrar-se, são assim os homens. À noite as coisas pequenas fazem grandes achados porque os olhos estão mirrados e há fome por todo o lado. Aqui me perco, aqui te encontro, queres olhar-me nos olhos? Diz-me o que vês e depois mente-me com quantos tens tu na cara. Ficamos quites, eu que vejo o que não existe e tu que dizes o que não pensas, ninguém perde e todos ganham. Todos que somos eu e tu, é noite, somos tão parecidos... Somos? Somos, estamos aqui.

Dou-te dinheiro, queres dinheiro? Não é pelo que fazes, não fizemos ainda nada nem creio que façamos. Quero escrever-te um poema, não te rias, eu pago o poema. Trago algum amor que não tem para onde ir, tu ganhas a noite e eu sossego. Há-de ser um poema sem verso e sem rima, não tenho aqui onde me sentar.

Nasces-me cedo nos dias por viver. Tão cedo nasces, tão cheia de alegrias escuras que eu não te conheço, nem nunca te vi. És mãe do que me falta e passeias no peito a minha esperança absurda de ser o que não sou. As ruas vagas que habitas estão desocupadas de mim, é meu tanto silêncio, são minhas as noites acordadas, os ponteiros parados e o frio de um corpo ausente.

Trago amor por baixo de tudo, onde não se possa estragar connosco. Tenho todas as felicidades escritas num diário de desejo, como dias atrás de dias.

Toma como minhas as frases bonitas que ouvires e meus também os carinhos arrependidos, são tudo coisas minhas, tudo coisas de mim.

Aceita o dinheiro, pelo que és e pelo que eu sou, assim eu sei que saí de casa porque tinha calor, e acordo amanhã, e abro a carteira, e sei que tu não foste febre ou solidão. (O dinheiro que eu te dou diz-me que tu existes, que eu saí de casa em vez de sonhar.) Depois irei trabalhar para te esquecer, cada um faz o que faz e tu trabalhas para eu te poder lembrar e esquecer. Arrenda-me a alma ou arrenda-me um corpo, uma coisa qualquer que não seja eu, estou farto de mim. Como uma mãe que se farta de um filho por horas, pelos minutos suficientes que separam a loucura da obrigação de ser mãe e de amar uma coisa que está ali só para existir.

Rio Negro

Um corpo sem peso que se escusa a pensar. A imponderabilidade dissolve hierarquias e ficam os pés iguais à cabeça e a dedos esticados. Um corpo que não tem peso não sente a terra nem os homens e entrega-se às correntes e ao tempo. O peso de um homem é âncora enterrada na realidade.

Os peixes e os pássaros não sabem cair e é por isso que guardam o mundo e o emprestam aos deuses que vão e vêm na cabeça dos graves. O deus de deus há-de ser um passarão que voa pelas coisas sérias.

Jorge está deitado num rio largo e fundo. A água fria sustém-lhe o corpo e enche-lhe os sentidos de um ardor vital, é tudo azul e fresco, tudo muito bonito. Para boiar nas águas, é fundamental deixar de ouvir, fechar os ouvidos por dentro e cair inteiro num silêncio líquido. É possível boiar na água sem água, basta encher-se de silêncio.

O Verão decorre sereno e igual, o sol alonga as horas e sobram dias inteiros em que nada tem de acontecer. Num quadro pendurado não passa o tempo porque nada muda, a beleza é uma arte de fugir ao tempo, de o confundir, de o tornar espaço e azul.

Já em terra, Jorge embrulha-se numa toalha e encosta-se à família. Ninguém fala, estão concentrados no jornal, na renda e nos livros. Têm um modo de amar que prescinde de palavras, basta-lhes estar ali e saber que não estão sós. Só Norah gosta de tocar o irmão, chega-lhe os dedos à cara e às mãos, mexe-lhe no cabelo e diz-lhe coisas simples e sinceras.

Pelo horizonte dissolvem-se planícies imensas pintadas de erva. Faltam nomes para tantos tons de uma mesma cor e Jorge inventa-

os: vesbelho, letusto, zafaio, lusvigo. Depois esquece-se a que pertencem, mas não tem importância.

As sombras das nuvens correm pela erva e essa é outra cor ainda, uma cor escura a correr. Que nome tem uma cor que foge? Jorge deita-se e observa as nuvens. É um jogo antigo, pegar no branco e moldá-lo com a imaginação até que ele seja um dragão, um monstro, uma sereia. Imagem, *imago*, *imitagem*. Quem foi o primeiro a fazer ideias com nuvens?

Um tigre passa-lhe por cima e é dourado como poucos. Leva um brilho novo e, ao desfazer-se, fica à vista uma bola amarela que não é daquele céu. Jorge fita a bola de luz até os olhos começarem a doer. É um sol de outros, pensa, uma luz que anda perdida. À memória chegam-lhe as histórias fantásticas lidas muitas vezes, mundos que acabam, viagens pelo espaço, seres longínquos capazes de destruir ou de criar. Aquele amarelo é cheio de possibilidades e não há nuvens que o possam voltar a esconder.

Nessa mesma noite, quando Jorge fecha os olhos para adormecer, a bola amarela espera-o brilhante. Foi a primeira vez que dormiu com uma luz acesa por dentro e passou a ser essa a cor da sua noite.

Assombro

Genebra

Vista à distância de alguns anos e muitos quilômetros, Buenos Aires é uma cidade-infância. As ruas da cidade mediam-se em passos curtos de calções e as casas e as árvores eram gigantes que se olhavam de baixo. Entretanto terá crescido como Jorge longe dela. Quem será maior quando se der o reencontro? Ele sonha que a cidade se levanta um dia, cansada do Sul e de ser fidalga de província, e vem por tanto mar arregaçando as casas e os brios de capital. Um dia há-de acordar com a sua Buenos Aires a bater-lhe à porta a perguntar como se diz em francês. Jorge diz em voz alta «Bon Vent», rindo-se depois com o ridículo do som, com o «hã» de nojo que é a sua infância no francês dos suíços, com o som aberto no final como se a palavra não acabasse nunca.

É melhor que por lá fique, a Europa não aceita o que a ela não se plasme e a cidade do bom vento é bonita como é, como foi a infância. Há muitas coisas difíceis de traduzir, o seu nome é difícil, um nome de origem portuguesa que em espanhol se diz de boca aberta num sorriso e ali com a boca fechada, meio beijo, meio escárnio.

As casas mais simples de Genebra são bonitas como as dos ricos argentinos e algumas são mais antigas do que o seu país. Quando os europeus se fartaram de fazer casas, deitaram-se a fazer países. A cidade está cheia de bibliotecas e jardins, é propensa a uma existência feliz e discreta, sem os excessos americanos e como se nada lhe importasse. No Parc des Bastions há homens que jogam xadrez como quem joga às cartas, como se fosse um jogo de rua ou de apostar.

Os meninos de Genebra não tomam banho no lago, foi o primeiro espanto. Afinal, as infâncias não são todas iguais e há lagos sem

meninos a nadar. Pareceu-lhe um desperdício de lago ou de infância. Depois percebeu que as vidas suíças são cheias de tudo, dinheiro, livros, beleza, jardins, pastéis e licores. Com tanto tudo, às vezes não apetece fazer nada.

A escola é diferente e os colegas também. Falam-lhe, pedem-lhe opiniões e alguns talvez gostem genuinamente do argentino tímido que fala um mau francês e se espanta com pouco. Os colegas lêem muito, emprestam-lhe livros e discutem ideias que Jorge nunca ouviu. Na sua terra os livros eram segredos e lê-los um acto íntimo que se praticava de noite e às escondidas.

Os seus colegas falam de livros como quem segue um combate de pugilismo, como se uns fossem melhores do que outros e os autores calçassem luvas. Para Jorge, os livros eram todos bons, apenas diferentes. Mas agora pediam-lhe opiniões e torciam os narizes em francês quando ele pronunciava certos nomes.

Que ares soprarão lá tão longe? Quantos anos pode uma cidade existir sem ser vista? Quando os colegas lhe perguntam como é a sua cidade, Jorge dá por si a exagerar-lhe os traços e as avenidas, os verões cada vez mais cálidos e os habitantes gentis como nunca foram. O passado cresce e suaviza-se embrulhado na cidade, a infância é um tempo que envelhece muito bem.

Lisboa

Fernando está sentado à mesa de um café qualquer. Lê e escreve, tem livros e cadernos abertos e salta de uns para os outros levado por ideias e curiosidades. Não há mais ninguém no café e o empregado fuma um cigarro e observa o único cliente.

Que pensará o empregado que fuma? Lá fora está a rua cheia de outras pessoas que vendem, compram, carregam, correm e passeiam. Cada uma destas actividades produz um som diferente, pregões, gritos, falas, rodas que chiam, campainhas que soam, crianças que choram. Em qualquer lugar do mundo há crianças que choram quando têm vontade de chorar. As leis de propagação do som preferem a soma à dissipação, e assim se faz o ruído. As vozes humanas misturam-se com o som dos carros, com o arrulhar dos pombos e milhares de matérias que se movem e fazem oscilar o ar. São ruidosas as ruas das cidades, à medida de quem nelas habita. Mas de repente os sons subtraem-se, vão-se calando as vozes uma a uma e o ar fica espesso de espanto, resistem apenas os pombos e o vento.

A descontinuidade entra pelo café e chega a Fernando com o virar de uma folha, um virar lento em que pode ouvir o estalar do papel. Fernando olha para fora e vê a rua congelada. Os corpos direitos e imóveis com as cabeças voltadas para o céu e os olhos arregalados. As bocas abertas começam então a soltar sons, débeis ao início e sempre mais aflitos. As mãos levantam-se aos peitos e depois descem em cruces velozes, o nome de deus é muitas vezes invocado e o sussurro das rezas enche a rua. Há algo de novo, de não esperado. Um susto capaz de romper o dia e as rotinas ordeiras de tanta gente. É preciso uma coisa grande para romper rotinas, uma coisa que chegue de fora do dia e bata nas mãos com força. É

preciso uma coisa de morte ou de vida, senão as gentes não param de tão habituadas que estão a seguir uma coisa qualquer.

Andamos todos tão distraídos que certos problemas se põem quando nunca antes se puseram. Por exemplo, o problema de distinguir um bem de um mal. Incomodados com as mudanças que não sabemos procurar, ficamos boquiabertos ao céu num susto indefinido. O que vem lá no céu? É do bem ou do diabo? Destino ou azar? Dos homens ou de fora dos homens? Há agora quem grite pelos santos, pelo Senhor, pela revolução, pelo pai. Gente em forma de gente ao fim, sem resposta para nada e confrontada com tanto mistério.

O empregado fuma ainda encostado ao balcão. O mistério não franqueia as portas do café e a curiosidade é mínima. «Parecem atoleimados a olhar para cima, se quiserem limpar o chão e servir copos vou para lá eu admirar-me como eles. Eu já cheirei muito peido cigano, não quero espantos antes do jantar.»

Fernando está entre uns e o outro e escreve algumas linhas antes da hora de jantar. Porquê espantos antes do tempo? Se for hora de ir com todos é inútil apoquentar-se, mais umas linhas, alguma ideia resgatada ao fim e venha o que vier a quem cá anda.

Nova Iorque

Nesta cidade o céu demora a chegar aos habitantes. Há demasiadas coisas à espera de serem vistas e o céu é apenas mais uma. Quando finalmente alguém o vê, se é um céu de espanto, há ainda que galgar as barreiras da dúvida e do cepticismo, porque qualquer habitante desta cidade já viu demasiado.

Fica tão em cima o céu da cidade que os olhos preferem evitar a extravagância. Afinal há pouco que ver, só nuvens, e sol, e estrelas, o resto anda mais abaixo, diverso como a loucura de tantos homens. Quando um homem pára a olhar para cima é porque é louco ou artista, ou porque o céu está a arder.

E o céu está a arder. Alguém pára e olha, abre a boca e deixa escapar um som que é de espanto ou pavor, à volta ninguém ouve, ninguém vê. Do outro lado da rua repete-se a mesma sequência, e depois e depois. Após alguns minutos há ruas inteiras a olharem para o céu, bocas muito abertas, frases que são ditas em muitas línguas, rezas também. A ninguém lembra correr porque não se pode fugir de um céu a arder, ninguém sabe esconder-se de deus nem do fogo que vem de cima.

Sente-se um silêncio impossível, um silêncio que desafia a cidade inteira. Há eléctricos parados no meio da rua e os passageiros espalhados à volta de cabeça no ar. Durante alguns minutos ninguém se mexe, a cidade está parada. De repente um miúdo remendado decide romper o impasse com um salto de despudor, a bolsa de uma senhora desatenta é um pretexto como outro qualquer, ela desce o olhar e grita desapossada, mas o rapaz já vai longe. Gritos, comentários, alguém que chama a Polícia. A cena dessacraliza os olhares e há agora quem descubra que é tarde e faz

frio, que não é a primeira vez que o céu arde e a humanidade ainda por cá anda, com a fome de sempre e outras coisas em que pensar.

As pernas retomam o andar, os passageiros regressam aos eléctricos, as senhoras agarram-se às bolsas e vão à sua vida, tudo volta ao que era.

De uma esquina como outras Karl observou tudo, gente, céu e silêncio. Também ele retoma o seu percurso, carregado com as frutas que comprou no mercado. Para fazer um *punch* perfeito, é necessário esfregar os cubos de açúcar na casca do limão para que a sua essência seja extraída. Para um *punch* de ananás, são precisos quatro ananases e uma libra de açúcar, estes devem repousar juntos numa taça de vidro até que o açúcar seja totalmente absorvido pelo ananás.

Está o céu a arder e há tanto para fazer antes que chegue a noite. Os homens são curiosos e fazem difícil a vida dos deuses, não há céu que os eleve. Os homens são de baixo, do que é pequeno, da rotina e do dever, das vontades curtas, da fome, do desejo que não se adia. Se o mundo acabar, que acabe, mas que nos leve de barriga cheia e nos dispense a metafísica.

Genebra

A rainha branca assente em casa branca. São oito as casas que a separam da rainha preta, incluindo aquela onde se encontra. O sacrifício de um peão e o movimento irreflectido de um bispo deixaram o caminho aberto.

A rainha branca pode avançar e eliminar a sua congénere. Para que percorra essa distância, deve primeiro chegar a meio caminho, à fronteira branca preta que divide o tabuleiro em dois. Para chegar ao meio do tabuleiro deve antes chegar a um quarto do tabuleiro, e a um oitavo, e assim até ao mínimo deslocamento em que se possa dizer que já não está onde agora assenta.

O lance pode durar um segundo ou séculos, tudo depende de convicções e de alguns factores externos, como o vento ou um abalo. A distância que separa uma rainha de outra rainha é de oito casas e um salto de fé.

Jorge está sentado do lado da rainha branca, à sua frente está um rapaz italiano, seu colega de curso. A pausa prolonga-se mais do que seria normal para dois jogadores experimentados, e o italiano alterna incredulidade com preocupação. Os dedos de Jorge hesitam no ar, o movimento está definido mas é impossível. Se o concretizar, rompe com a lógica, e a rainha faz o que não pode fazer. A mão pendurada no ar é uma pergunta sem resposta.

O italiano cansa-se e pergunta-lhe se não quer ganhar o jogo, Jorge fica a pensar se quer. O jogo existe como simulacro de uma batalha, dois oponentes, um que sairá vencedor. Mas o jogo é também um conjunto de símbolos e alegorias. Cada partida é uma demonstração de qualquer coisa, mesmo da impossibilidade do jogo. Por fim decide-se, há mais sentido no impasse do que na conclusão, o jogo deve ficar assim.

É com vergonha que se desculpa perante o colega, vergonha pelo impasse e também por dividir o real entre o que tem dentro e o que vê fora, onde o colega terá de ficar. O jardim onde se sentaram a jogar é para Jorge um pretexto, uma sugestão de jardim, o colega um arquétipo de inimigo, por fim o vento que é acaso em forma de ar.

O mundo de Jorge cresce de dentro para fora, as ideias nascem a toda a hora e invadem-lhe os sentidos, deturpando-os, modificando-os, plasmando-os à sua imaginação. A realidade sucumbe, e nem cores, nem vozes, nem os factos resistem às forças que tem dentro.

O colega despede-se e vão por estradas opostas. Jorge vai triste por ele, sabendo que não poderia ser de outra maneira. No jardim há muitos rapazes a ler e a jogar, há casais que passeiam e riem ou dizem frases francesas suaves e matreiras, estúpidos e lindos como são namorados num jardim. Há homens sentados a beber nos quiosques, crianças que correm e estátuas brancas sólidas de silêncio. Junto a uma árvore, um rapaz toca no violino notas que tremem e lembram choros.

Ele aproxima-se do rapaz que o não vê chegar porque toca de olhos fechados. Jorge fecha também os seus e ficam os dois à distância da música.

Lisboa

Alguma coisa haveria de chegar, são lumes próprios, ciência certa, saber velado. Uma bola de fogo claro, uma cauda longa e brilhante. Um cometa.

As gentes na rua são falhas de ciência e curtas de saber. Fogo é fogo, para mais no céu. Vêem fins de mundo como se disso se tratasse, um sonho celestial, o fim pendurado de um cordel. Quantos pensarão na morte, quantos na vida, quantos no que ficou por ser feito. Alguns suspirarão alívios envergonhados por letras incumpridas e mulheres irrevogáveis, a culpa indultada. *Ad mortem festinamus*. A verdade é que todos têm medo, quase todos sentem que devem ter medo, do fim ou da falta dele.

O universo é grande por todos os lados, tão cheio de eternidades que dificilmente acaba de fora para dentro, mesmo com letras para pagar. Vai acabando, sim, mas que sabemos nós disso? O universo ganha sempre e um cometa é um cometa é um cometa com uma cauda de fogo que se há-de meter por entre as pernas de outros planetas. É Fernando que o pensa e não é nisto mais contente do que outros. Um mundo que acaba pode ser uma mudança interessante no estado das coisas, em vez disso temos gritos e tantos «ai Jesus» interrompidos para jantar.

Fernando trocaria o seu tudo que é nada por um sobressalto valente, por um medo como outros antigos, pelo espanto real ou representado, deixar o caderno e a aguardente a meio e sair para a rua a gritar... se ao menos. Assim é que é triste, uma baforada no cigarrito, mais uma linha manuscrita e até amanhã, meus senhores. No mesmo sítio à mesma hora do fim.

Não falemos de fins de mundo, há mundos que se finaram e tomam a bica de perna cruzada há anos, há anos, senhores.

Fernando queria ser a engomadeira que se benze ou o sapateiro que corre para casa, mas é o homem que já sabia e que dobra o jornal em quatro.

O cometa será uma grande decepção, um desperdício de espanto, mas terá os seus efeitos paradoxais. Um muito feito nada que se faz um muito feito tudo, ou quase tudo.

São assim por vezes os efeitos das causas, assim se cosem, assim.

Por todo o lado há um movimento anormal de gente e muito ruído. Ninguém parece saber para onde ir, mas ninguém se resigna a ficar onde está, trazem-se os olhos esbugalhados com a alma, o susto no rosto. As igrejas estão cheias e há missas em contínuo. Nem deus está imune a tanto rumor. Há quem reze em gritos para o céu, e quem tente atalhar os passantes com frases tremendas e profecias coxas.

Lisboa inteira ensandeceu, a cidade tinha já toda a luz que poderia aguentar e o cometa trouxe o aluvião. Não há maneira de secar a luz, anda por aí aos borbulhões e sai pelos olhos das pessoas, trazem as cabeças demasiado iluminadas, tantas coisas viram que não queriam e não deveriam ver, tudo vertido pelas ruas em despudor. A loucura em forma de luz.

Fernando toma o caminho de casa, vai cansado de excitações alheias. Leva os olhos no passeio e vai pensando, pensando. A meio do caminho sente um novo rumor, um crescer de vozes e gente que corre para uma rua paralela. O primeiro impulso é o da indiferença, afinal é um dia histórico e cheio de aflições, porquê alimentá-lo? Depois apercebe-se de que esta é uma aflição vizinha, uma aflição terrena que cheira a fumo e que desceu do céu para um prédio que arde. Fernando segue a multidão e, ao chegar, vê um cordão humano que passa baldes de mão em mão. Os bombeiros acabam de chegar e preparam a bomba para combater as labaredas que parecem nascer do ar.

É uma casa antiga com grandes janelas de onde sai o fogo. O fumo sobe às voltas, espesso e escuro, carregando o ar e a tarde de um cheiro a fim.

Não há nada que saiba fazer mas permanece ali, fascinado como todos. Em volta há já quem fale da queda do cometa, outros

reafirmam as certezas de um fim, e o prédio vai ardendo sem se saber porquê.

Os moradores estão cá fora a ver as vidas a arder e choram abraçados a nada. Uma mulher sai do prédio sem olhar para trás, atravessa a multidão afastando quem lhe fala e continua a andar para longe dali. A figura insólita atrai a atenção de Fernando e ele segue-a sem saber porquê.

Nova Iorque

Rose e Darleen partilham a mesa com homens gordos e vermelhos que falam alto e riem com gosto. Elas riem também e encorajam-nos com gestos treinados. Uma mão na perna, um ar de espanto, os comentários, sempre os mesmos comentários feitos no momento certo, o jogo joga-se assim.

Num outro canto da sala, Muse distrai um cavalheiro de cabelo branco fazendo-se a criança que nunca foi. Muse tem um corpo que ficou parado há muito tempo, quando engravidou de uma noite qualquer e abortou com chá de poejos e erva-de-são-cristóvão. Muse tinha apenas catorze anos e a partir desse dia o seu corpo recusou-se a crescer. O cavalheiro mete-lhe a mão entre as pernas e Muse envergonha-se como pode.

Collette sobe as escadas para o primeiro andar, é sempre ela a primeira a subir. Ninguém lhe sabe a idade, Collette não fala para ninguém. Tem olhos verdes brilhantes que dispensam tudo e é com eles que escolhe os clientes. Os homens seguem Collette para onde ela quiser e não se queixam do silêncio.

As restantes mulheres dançam no centro da sala, alguns dos clientes gostam de dançar antes de as levarem para cima, pesam-lhes o corpo e sentem-lhes o cheiro, sussurram-lhes palavras ao ouvido e elas riem porque não podem fazer outra coisa. Entre estas mulheres está Celestina a dançar e a rir das obscenidades que lhe entram pela cabeça e que ela ignora.

Karl vê tudo do outro lado da sala, por detrás do balcão onde ele e Mimma dançam juntos com garrafas e copos pelo meio.

– Andas embeijado pela italiana, ó pixa mole? Olha que é uma puta como as outras. Quando uma mulher descobre que é puta, faz

dos homens o que quer, podes comprar-lhe quase tudo, mas não esperes amor de quem não tem amor.

Karl não responde e fica calado com o olhar que insiste em Celestina. Há uma dor dentro que pede alimento e é isso que Karl lhe dá. Um mau amor é um fogo grande que só aquece se puder queimar o que toca. Um braço, uma perna, que lindo é o nosso amor, um sonho, um desejo de chamas altas direitas a nada. Os amores assim são acelerados, vão correndo sempre mais depressa em direcção ao fim e ao fim de quem os não sabe escusar. Um amor que se sente em dor é uma doença dos sentidos que mata muitas vezes.

Celestina sobe as escadas com um homem e não é para amar. O braço de Karl volta a tremer e a mão direita fecha-se com raiva, o copo que segura já se partiu e um pedaço de vidro enterrou-se nela. O sangue de Karl escorre-lhe pelo pulso como se a mão chorasse.

Genebra

Os homens nascem, crescem e morrem. E pelo meio fazem algumas coisas.

Há coisas que são de todos: comer, dormir, fazer sexo, fugir à realidade. Há coisas que poucos fazem: lutar por um ideal, fundar uma religião ou uma filosofia, amar, criar algo de verdadeiramente belo. O tempo gasto numas explica a raridade das outras.

A beleza é a moeda de troca da humanidade. Nenhum homem é recordado pelo que comeu ou fodeu, mas alguns são-no pelo que pensaram ou criaram. A lição europeia de Jorge: *Wille zum Leben*, a vontade de viver bem ou mal, dentro do banal ou fora dele. A estética ou a voracidade.

A vida feliz, a existir, está na estupidez iluminada de inventar como quem respira e de acreditar no que ainda não existe, ainda. Os génios são estúpidos direccionados para obras tão grandes que não se lembram de comer pão ou respirar. É tão urgente o sublime que pode alguém morrer de fome à sua beira.

Um homem suíço compra o sublime como quem compra leite porque há quem o crie, esquece-se de que é homem e função criadora. Os livros e a música não são combates porque o campeão está sempre por nascer. A arte é guerrilha e luta pela independência, como os avós de Jorge, como toda a gente que importa e anda cá muito depois de já não andar, *ars longa, vita brevis, ars longa vita longa, ars longa* ou então nada.

Pode agora Jorge voltar ao que é seu. É ainda seu? Pode Jorge deixar para trás os maneirismos elegantes e ocos de uma sociedade que ensina mas se esqueceu de aprender. O pequeno argentino vai agora à sua vida, até um dia destes, posso agora regressar ao

mundo pequeno porque tenho coisas enormes para fazer e aqui não há espaço para mais nada.

Há uma luz amarela que brilha no fundo de Jorge, a luz da estrela perdida que pode ainda ser tanto. Não há livros maus, não há mundos maus, só livros por escrever e poemas e contos e homens e tigres. Há uma cidade que espera, cantos vazios de bibliotecas pobres, cabeças à espera, tanta página tão em branco e tanta sede.

Os últimos dias na Europa são já dor e ansiedade. Ulisses nos braços de Calipso, uma vontade adormecida. Jorge sente um frémito no corpo, um desejo mal contido e mal domado que se alonga pelos dias. Uma distância de água salgada que se bebe e traz mais sede, há que beber mar até chegar ao outro lado. Os ares, os ventos sem «hás», palavras curtas que acabem e se troquem sem nojo como cartas entre *porteños*. Uma Europa que vive ressuscitada do outro lado, inocente como a infância, vibrante como um livro de aventuras.

Lisboa

É uma mulher ainda jovem, tem o corpo esguio e o cabelo cheio de caracóis que saltam no passo ligeiro. A mulher foge do fogo, pensa Fernando, foge do fogo muito para além do fogo. Os dois cruzam a rua da Vitória e seguem pela rua Augusta em direcção ao Terreiro do Paço. É já final de tarde e o sol desceu à altura de tudo o resto.

A silhueta da mulher avança rumo às águas e Fernando acompanha-a loucamente. Ela começa a descer os degraus do Cais das Colunas e Fernando detém-se sem saber o que fazer. A água sobe-lhe pelas pernas, pelas ancas, chega-lhe ao peito e Fernando grita. Depois corre atabalhado até ela e agarra-a por onde pode. Puxa-a para ele, sobe os degraus trazendo-a consigo, para terra, para terra, as pernas encolhidas com o frio das águas, o braço arrastando-a para Lisboa.

Sentam-se os dois no chão e aguardam o fôlego que lhes falta. Olham-se e as mãos estão postas nas mãos por acaso. A mulher tem os olhos verdes que brilham sem resposta, as mãos apertam-se sem nada dizer.

É ele quem lhe fala, não tenhas medo, diz, não é hoje que se acaba o mundo. Pergunta-lhe como se chama mas ela não responde, sou Fernando, diz ele, ela sorri e não diz nada.

É uma mulher bonita, decide Fernando, uma mulher bonita que não fala e leva um medo antigo. Levanta-se e levanta-a pela mão, caminham ambos para longe do rio, calados e juntos nos seus passos.

Fernando leva-a para sua casa. Não é próprio levar uma mulher desconhecida para casa de um homem solteiro, mas as roupas estão encharcadas, é quase noite e estão cansados.

Dentro, enxugam-se como podem, ele põe o caldo ao lume e permanecem sentados e em silêncio. Ele observa-a com curiosidade, ela olha em frente sem expressão, olha na direcção de Fernando como se olhasse para a parede atrás dele ou a rua atrás da parede ou assim até ao infinito. Ferve o caldo e ele serve-o em dois pratos muito velhos. O fumo que sobe às voltinhas é a única coisa quente naquela casa e os dois queimam a língua com prazer.

Nova Iorque

Para que um corpo deitado se levante, é necessário erguer o tronco, depois apoiar os pés, exercer força nas pernas e atirar o peso para cima alavancando-o nos joelhos. É assim que um corpo se levanta.

Para que um homem parado inicie o movimento, deve primeiro procurar equilíbrio num só pé enquanto levanta o outro, depois imprimir uma velocidade horizontal ao tronco e à bacia, enquanto o seu centro de gravidade descai até ser refreado pela outra perna, que se apoia no solo diante da primeira. É assim que um homem inicia o movimento.

É difícil, se não impossível, explicar como se passa do sono à vigília.

Mas o momento em que se transita de uma condição a outra é importante, e há muitas coisas que se entendem nesse momento e há decisões que se tomam nesse instante. Não se sabe sequer se é um instante ou uma eternidade porque não há como medi-lo, se no tempo do sono, se no da vigília.

Karl está deitado nesse momento. A luz que atravessa a cortina enche o quarto de uma cor doente, e Karl sente uma angústia imensa feita do mesmo.

É já triste que o mundo acabe e que tudo o que se vê deixe de estar para ser visto ou, pior ainda, que deixemos nós de estar onde o possamos ver. Acabar o mundo sozinho é ainda pior, é chegar ao fim com nada senão perda e desalento.

Há uma voz no labirinto do peito, feita no sono às escondidas de si. Ar de longe que lhe foi dormir ali por encontrar tanto vazio, um grito que cresceu no sono à espera do dia para sair. A voz diz-lhe que procure uma mulher para poder morrer acompanhado.

Não há que confiar num deus enlouquecido, é fácil perder-se em tanto mundo, mas pode confiar-se numa mulher. Uma mulher há-de salvá-lo de acordar consigo e de morrer sem nada. Quando o céu se faz inferno, os olhos precisam de fugir e uma mulher é um lugar para fugir com os olhos.

Karl toma uma decisão e fica a escolher palavras como um alfaiate escolhe pano. Querem-se termos certos para uma boa decisão, palavras em forma de caminho.

Levantar-se e lavar-se, fazer a barba, pentear o cabelo e dizer bem alto o que deseja. Quero-te, vem comigo e fujamos disto, da merda que isto é, do fundo onde caímos. Anda, vamos morrer um com o outro.

Buenos Aires

Que alegria chegar à cidade de barco. Vê-la difusa ao início, os pés incertos de um nevoeiro que se mistura na maresia e na memória. Depois o ar espesso a diluir-se como dos olhos a manhã e a ela ali, onde provavelmente sempre esteve mesmo quando se quis esquecida.

Uma mulher bela porque se volta a ver, que cheira a doçuras já vividas e cujas veias são ruas onde já fomos tantas vezes sangue. As cidades recuperam a virgindade com os anos de ausência, se é que Buenos Aires alguma vez foi virgem.

Buenos Aires não é mãe porque não é séria nem constante nem serena. É a tia doida que anda nos tangos e dorme com marinheiros, mas faz festas aos garotos e recebe as senhoras com chás, bolos e ironia. É a mulher estouvada que se apaixona e por quem se apaixonam e depois se esquece da paixão, faz de conta e bebe até ser manhã nos outros e nas águas de prata que usa com vaidade.

Que alegria perder-se nas ruas desertas dos subúrbios falsos de gente escondida. Os pés a descobrir caminhos e memórias de caminhos, a infância a voltear-lhe os passos como um cão que revê o dono.

Jorge caminha com os pulmões abertos para que a cidade se infiltre nele, para que se purgue dos ares europeus que ali não servem. Que se torne de novo argentino, *porteño*, como nunca foi mas gostaria de ter sido. Toca os troncos das árvores e os muros das casas, pega nas flores insignificantes que caíram e espera que o reconheçam.

Como seriam felizes os habitantes da cidade se soubessem que se pode ir e sentir-lhes a falta. Que orgulho teriam as árvores se pudessem imaginar que perduram em sonhos. Os muros também,

os cães, a voz de uma mulher que vende peixe, uma praça que nada tem, um terreno baldio onde as flores crescem contrariadas, as gaivotas para quem o mar só tem um lado.

Pode amar-se uma pátria pobre como se ama um filho enfeitado, porque nos pertence e nos olha como se fôssemos grandes e perfeitos, todos de dar. O menino correu mundo e voltou, agora é homem, porque haveria de voltar? O menino não sabe, voltou e é tudo, agora há que inventar tudo do princípio, gente e ruas e bairros inteiros. O menino aprendeu a inventar passados, cuidado, muito cuidado com tal menino.

Jorge vai de passeio com os colegas imaginados. Vê-os deslumbrados, espantados com a cidade. Este é um bairro de *compadritos*, são homens que dormem com a morte enrolada aos pés. Levam-na nos bolsos sob a forma de uma navalha e dançam, dançam com ela nas mulheres da vida, a sós, uns com os outros, porque a morte tem muitas caras. Os rapazes do colégio suíço fingem entender e ele deixa escapar frases incertas, fingindo saber do que fala.

Jorge continua. Em Buenos Aires os homens bailam a toda a hora, porque são bêbados ou marinheiros. As leis da gravidade são diversas aqui, só se encontra equilíbrio no embalo de pernas ou de vidas. As putas de Buenos Aires protegem-se do enjoo porque mesmo a dormir os homens balançam como no mar.

É tarde e está cansado, os colegas partiram e ele volta a estar só na cidade. Os passeios pelos subúrbios vão tornar-se um ritual. Mesmo após meses e anos do seu regresso, continuará a vagar pelos bairros onde nada há para ser visto. É o seu modo de reinventar um regresso, de afirmar a pertença a um território que começa dentro de si e se estende até onde as pernas se cansam.

Pelo meio dessas caminhadas irá rever caras conhecidas, umas que o cumprimentam, outras que seguem sem o ver. Alguns farão perguntas e falarão de outros, do que lhes foi sucedendo, para onde foram, de que morreram. São nomes que Jorge reconhece com esforço, pouco mais do que figurantes do passado, as suas vidas há muito que deixaram a sua. Guarda uma única curiosidade, o destino de Roberto. Quer e não quer saber dele, mas conduz as conversas à

espera do seu nome. As respostas são sempre vagas, que foi para outro lugar, andou embarcado, alguém que o viu sem a certeza de que fosse ele. Jorge não insiste, mas não esquece.

Lisboa

Ela dorme. Deitou-se na cama de Fernando como se fosse sua e após alguns segundos adormeceu. Ele está sentado numa poltrona e procura com o corpo um repouso improvável. Tenta adormecer sem êxito, abre os olhos e observa-a uma vez mais. Não é fácil dormir com uma mulher. Não é sequer fácil dormir com a ideia de uma mulher.

Assim que as pálpebras se voltam a fechar, a imagem faz-se memória. A linha do queixo esbate-se, desvanece-se, a cor dos cabelos perde-se e passa a ser uma palavra que não diz nada. Ela não tem os cabelos ruivos, tem-nos da cor das folhas de plátano caídas num jardim de há muito tempo. Não são ruivos os cabelos, são cor disso.

O peito sobe e desce com o respirar, e também esse movimento resiste ao ser levado para o escuro da memória. Fernando abre os olhos uma vez mais. As curvas das sobrancelhas, como se chamam aquelas curvas exactas de sobrancelhas? Já sonhou aquela mulher que dorme tão perto, sonhou-a com os traços comuns que pertencem às mulheres todas e não se vêem em nenhuma. As curvas não eram assim, nem os cabelos, nem coisa nenhuma.

Os caracóis também dormem, só o peito sobe e desce sempre, o peito treme e os olhos tremem sob as pálpebras, talvez dançam no fogo, nas ondas ou com a música que há dentro dela. As mulheres têm todas músicas dentro.

Fernando levanta-se sem fazer ruído e dá dois passos até à mulher. Uma mulher a dois passos. Pensa em tocar-lhe com os dedos e os lábios nos braços e nas pernas e no peito que sobe e desce. Uma mulher viva a respirar com o peito tão perto. Baixa-se e

aproxima-se mais ainda, sente agora o cheiro da pele e dos cabelos, o som do ar que entra e sai de dentro dela, o calor de tudo.

O beijo acorda-a e pela primeira vez os seus olhos fixam Fernando como se o vissem. Parece tranquila, é ele que se assusta e recua com medo de algo que não entende. Não sabe o que dizer e não diz nada. Fernando volta envergonhado para a poltrona, senta-se e apaga a vela como se apagasse o que acabou de suceder.

Nova Iorque

O escritório de Thomas não parece um lugar de negócios. À parte alguns livros de contas empilhados na secretária e os móveis sóbrios de madeira escura, tudo é demasiado exótico para se encontrar dentro de um escritório. Na parede do fundo, estão penduradas diversas máscaras, africanas, venezianas, orientais. As caraças dão a impressão de um coro de homens ocios e criam tensão na sala. Na parede da esquerda, há um armário de vitrina, dentro estão algumas garrafas de rum e *whisky* e diversos objectos difíceis de identificar: um anel de osso de onde pendem penas coloridas, a fotografia de uma mulher com o peito nu, um punhal com um cabo esculpido em forma de serpente enrolada, um caracol de cabelo loiro, um sapato de salto alto de verniz encarnado e um cachimbo de ópio feito de jade. Na prateleira inferior, estão livros em diversas línguas, inglês, francês, alemão, hebraico e outras que Karl não conhece. Uma pequena brochura chama a atenção de Karl, *On Murder Considered as One of the Fine Arts*, quando se prepara para a folhear, Thomas regressa ao escritório e sorri ao ver o que lhe está nas mãos.

– Não é a bíblia, caro Karl, é só um texto escrito por homens e é por isso que tem coisas a ensinar. As virtudes e os pecados são igualmente úteis para quem queira ler os homens, como eu que me preparo para te ler a ti como se fosses um livro de palavras. Mas senta-te, caro Karl, senta-te e diz-me ao que vens.

Karl senta-se e tenta isolar Thomas dos rostos pendurados na parede. Há qualquer coisa de tribunal naquele arranjo, mas Karl não se intimida e inicia a exposição. Karl foi ali por Celestina, é um homem que vai por uma mulher. As palavras saem-lhe enroscadas em muita coisa, tortas de si, confusas na forma, mas em busca de compreensão. Karl quer Celestina, é isso que tenta explicar,

Celestina para si e para longe de outros homens e da casa de Thomas. Karl pede a liberdade de uma mulher, como um rogo que se faça, como possibilidade outorgável. Um corpo, uma mulher, o usufruto de um bem rentável tão esquecido de arbítrios. Karl empilha palavras já inúteis, palavras inocentes e desusadas. Amor, mulher, futuro, liberdade, feliz, palavras assim. A exposição torna-se ridícula e ambos se apercebem de que Karl se guia mais por medos e recusas do que por ideias e projectos. É um homem descontente sem ideias para felicidades.

Thomas ouve tudo em silêncio, impassível nos gestos e na expressão, apenas os lábios discretos vão desenhando um sorriso que pode ser de pena ou de sarcasmo. Quando Karl se cala, Thomas aguenta um silêncio experiente, um silêncio que descobre o ridículo e que quase dispensa razões. Finalmente levanta-se, vai até à janela e começa a falar.

– Queres então Celestina, Karl. Queres imaginá-la tua, e o seu filho teu filho, e os dois num futuro qualquer que acreditas feliz e feito de outros dias. Talvez acredites até no amor, tens perfil e idade para isso, um amor bonito e tranquilo como nas músicas. Acreditas nisso, Karl? Ou tens tanta pressa de apagar o passado que qualquer presente te serve? Um homem, uma mulher, uma criança e um mundo longe do bordel e da cidade, foi nisso que pensaste?

Karl não sabe o que dizer, não sabe se Thomas espera respostas, não sabe se as tem, uma dor sai-lhe do braço e corre-lhe o corpo todo, uma dor a tremer, sem nada a que se agarrar.

– Não te vou dar o que me pedes, não poderia. Devo contrariar-te as ilusões para não ser cúmplice delas. Não contes com a minha bênção para autorizar a tua incapacidade. Se acreditas verdadeiramente em alguma coisa, faz o que tens a fazer contra tudo o que se puser à frente, começa por ti. Foge com a tua puta ou foge sozinho, vai para o inferno com quem quiseres, mas não me ofereças um papel na tua comédia. És fraco, Karl, como todos algum dia. Não te guardarei rancor faças o que fizeres, mas estas são as últimas palavras que trocamos. Fecha todas as portas quando saíres, custou-me muito levantar tantas paredes.

Karl levanta-se confuso e dorido, tem ganas de gritar, de atirar Thomas pela janela, de se atirar a si próprio para longe. As máscaras riem em silêncio, Thomas fica de costas voltadas e Karl sai muitas vezes derrotado.

Buenos Aires

As revelações que chegam em jejum são perigosas e estragam o apetite.

Uma mão de Jorge segura um meio *croissant*, a outra o jornal local aberto na página três. Em todos os jornais de Buenos Aires a página três é reservada às curiosidades, às notícias locais, aos pequenos eventos sociais e aos poemas dos leitores. Assim é no jornal que Jorge segura.

A mão direita desce à mesa num gesto lento e incrédulo, o meio *croissant* ficará assim, no prato e a meio, como coisa surpreendida num acidente. As duas mãos dobram o jornal e aproximam-no da cara, Jorge lê uma e outra vez as palavras com estupor.

É uma hora de movimento no bairro. Os cafés bebem-se ao balcão em pressas de queimar gargantas, as moedas são deixadas nos pires e os clientes correm para a rua a fugir de atrasos. Alguns senhores sentam-se nas mesas com o luxo do tempo, lêem ou fumam e não entendem esses que correm.

«O excelentíssimo doutor Eugenio Clemente e sua senhora receberam com elegância e distinção o excelentíssimo doutor Alvaro Dominguez por ocasião da sua visita à cidade.»

«No momento em que se preparava para galgar a protecção do viaduto com a intenção de se lançar sobre a avenida Gaona, foi detida pela Guarda Amalia Perez, jovem criada de vinte e cinco anos de idade.»

A atenção de Jorge está no fundo da página, entre um anúncio a um elixir estomacal e os números da lotaria, o título do poema é *Silêncio Apagado*. A escrita é tosca mas vigorosa e inclui algumas palavras de *lunfardo*, o calão dos imigrantes e das classes baixas. É um poema sem amor, escrito com raiva resignada à volta de muitas

ausências. Nada enche o poema e essa é a sua força – um poema-gaiola, de varas tensas que fecham um volume vazio.

A perplexidade de Jorge está no autor do poema e num dos versos. O nome e o apelido não deixam dúvidas, não pode ser outro, o verso inquieta-o ainda mais: «*O amarelo redondo de todas as maravilhas.*» São demasiadas coincidências numa manhã tão banal.

Sai do café atrás da rua do jornal. Perde-se algumas vezes até encontrar o que procura. A redacção está escondida na cave de um edifício mal conservado de um beco improvável. Dois homens escrevem à máquina e um terceiro lê o correio de charuto mordido nos dentes amarelos. Jorge cumprimenta-o e aceita o convite para se sentar. Explica-lhe ao que vai e mostra-lhe o poema da página três. O homem coça a cabeça, dá duas baforadas e chama um dos que escrevem.

Aproxima-se um rapaz magro que estica a mão num cumprimento firme de ossos. O rapaz não sabe muito do poeta, viu-o por acaso num clube de milongas e reparou que escrevia bêbado numa folha de papel pardo. A fraca afluência dessa noite fê-lo aproximar-se e começaram a conversar. Estava de facto muito bêbado, mas falava com graça, numa linguagem que misturava obscenidades e delicadezas estranhas àquele lugar. À segunda *grappa*, perguntou-lhe se podia ler o que escrevia, ele riu-se e passou-lhe o pedaço de papel como se não fosse nada.

O jornal mantinha a tradição da poesia em memória do fundador e contava com as contribuições certas de velhos professores e senhoras entediadas. Por vezes, surgia algum bicho raro cujos versos traziam novidade à secção. Era o caso desse Roberto, comprou-lhe o texto com um cigarro e não o voltou a ver. Jorge pede-lhe o nome do clube e agradece a ambos. É uma pista incerta mas é alguma coisa.

Nas semanas que se seguem, Jorge visita com insistência o clube em noites de milonga, quintas, sextas e sábados. Vê muito e aprende o protocolo complexo dos convites e das recusas ao baile. Aprende a reconhecer as mulheres da noite e as outras, diurnas e trémulas, que olham em volta antes de aceitar volteios. Roberto não compareceu.

Numa dessas noites, quando se prepara para sair, repara num homem de cabeleira farta que entra por uma porta lateral e coxeia até uma mesa periférica. O homem pediu de beber com um aceno rápido e encostou-se na cadeira. Os anos foram-lhe malvados e traz nas mãos e na cara a cor da miséria. É Roberto, finalmente Roberto.

Foi estranho esse momento, a excitação daquilo, o passado torto que era aquilo, a vontade e o receio de lhe falar, e depois o coxear, por que raio coxeava ele? Jorge sentiu um enjoo. A realidade estava à frente com cheiro a fumo e a álcool, mas era também sonho ou prosa ou uma merda qualquer que não se entendia. Roberto escrevia versos e coxeava, tinha cabelos compridos e estava à sua frente, vivo e bêbado, como se o tivesse continuado a escrever todos os anos, como caído de umas escadas, como da vida abaixo.

Saiu dali e correu como há muito não corria. Até estar longe da aberração em que não queria acreditar, até a noite ficar para trás nos passos, até se sentir demasiado cansado para lembrar.

Um sonho como Lisboa

Os astros tombam um por um, cansados de nós. Nós olhamos, olhamos por algum tempo porque sem estrelas fica-nos grande o infinito e nada nos pára o olhar. Por essa altura, em algum sítio alguém pensa em gritar, mas não grita e acaba por fazer o que sempre faz.

Os barcos vão e vêm, não se perdendo mais do que sempre se perdem com homens dentro e noites fora. Os capitães blasfemam, mas esses nunca souberam confiar nas estrelas.

Bêbados e poetas olham para baixo e encolhem os ombros. É mais uma noite de escuro, de vinho e de palavra. São eles os primeiros a habituar-se ao escuro. Os ratos também se habituam depressa, por onde andam não se vêem astros, a sobrevivência do corpo faz-se muitas vezes de olhos fechados, vale para os ratos e para as putas de Lisboa.

As outras mulheres contentam-se em ser rosas e mel, não menos nem outras. Rosas e mel de cheirar e de comer, lhanas belezas que os homens foram descurando por manias de grandezas. Nos olhos das mulheres tardarão luas muito depois de já não haver lua e um sábio de histórias há-de escrever que era na lua dos antigos que moravam os seus olhares.

À falta de gravidade, não se mudou o mundo nem se mudou ninguém, há já muito tempo que nada nos puxava para cima nem para lado nenhum. As forças sentem-se ainda, mas vêm agora de outros corpos, o que se perdeu nas massas foi ganho nas distâncias, é só fazer contas.

Quem mais sofreu com os astros que desapareceram foram os astrólogos e os adivinhos. Órbitas, ocasos e alinhamentos e um dia nada. Mas o ar é cheio de matérias onde se podem desenhar

arbítrios e imaginações, as vontades das estrelas podem muito bem ser de nuvens ou pardais, podem muito bem ser. Nunca hão-de faltar acasos nem gente que lhes confie o destino. Assim os gémeos, virgens e leões de um tempo convertem-se em *cirrus*, *stratus* ou *cumulus* consoante o modo como as águas se penduram do ar à hora em que nascem. De resto, a meteorologia é mais importante do que a física ou a filosofia porque se entende com o corpo e traz alegrias e tristezas directamente do alto, todas tão limpas que logo se entendem.

Apenas o sol continuou a visitar-nos, por inércia, por hábito. Esse facto singular originou muitas páginas escritas e tantas teorias quantas cabeças há no mundo. Ficou assente que o sol é mais da terra do que a terra do sol, para mais, agora que nos víamos sós, não fazia sentido dizer que lhe rodávamos em torno mais do que ele em torno a nós. Assim se recuperou uma boa parte do conhecimento antigo. Somos nós o centro de tudo, pelo menos visto daqui.

A dúvida derradeira, que ninguém haveria alguma vez de esclarecer, era de outra ordem. Levantada por um pároco desleixado num sermão de domingo, haveria de atravessar países e classes, discutida nos dois hemisférios por empregadas, estudantes e intelectuais: Afinal eram as estrelas que já não nos serviam ou nós que já não servíamos as estrelas?

Fecho

Lisboa

Quando chega a manhã, Fernando está sozinho. O corpo dorido da poltrona e a casa vazia de uma mulher. A cama feita, a louça lavada, nada ficou da sua passagem. Ele lava-se e veste-se para o trabalho, não sabe o que sente mas é tristeza, o abandono de tudo o que imaginara para essa manhã. Que cor a dos cabelos, que luz a da sua pele? Comeriam pão os dois juntos num silêncio limpo e envergonhado de pessoas estrangeiras. Isso imaginara. Fora o beijo? O que fora? Para que casa iria ela com tudo o que lhe ardeu?

Fernando procura um fio de cabelo perdido nos lençóis mas não encontra, nem cheiro, nem a humidade de um corpo que já lá não está. Existira? É tão difícil imaginar uma mulher sem palavras. Está perdido, confuso no que podia ser ou não ser sonho, nem um cabelo, nem nada. Perdido a olhar em volta, à espera de que a casa lhe fale e lhe falem as paredes, está perdido em casa por uma mulher que se fez hipótese. Os olhos caem na secretária e notam uma nova ausência, as folhas, faltam as folhas.

Desce à rua com a esperança vã de a encontrar. Dá a volta ao quarteirão, segue até à casa ardida e é real, ainda há fumos quentes a subirem no ar, gente em volta, gente que conta a história do fogo. Identifica os moradores que procuram pedaços seus por entre os escombros, fala-lhes, pergunta-lhes pela mulher dos cabelos ruivos. Demoram a responder e fazem-no com um encolher de ombros, não sabem dela, não a conhecem, nunca ali viveu uma mulher ruiva. Uns e outros vão repetindo a resposta até estarem fartos e voltam a atenção para as cinzas.

Fernando afasta-se confuso. Gira à toa pelas ruas à espera do acaso, não sabe se procura a mulher, se as folhas que ela lhe levou, não sabe o que mais falta lhe faz. São páginas cheias de poemas,

escritas numa noite que não se poderá repetir. Quarenta e nove poemas que escreveu sem saber que escrevia, com a mão a abrir caminho por entre o branco e ele todo espanto, sem acreditar na mão, com medo da mão. Quarenta e nove poemas que lhe chegaram sem saber de onde partiram agora nas mãos brancas tão brancas dessa mulher. A mulher com as palavras, é isso que procura, a mulher com as palavras nela, os seus poemas de uma noite. Que mulher rouba palavras? Talvez lhe sirvam, talvez faltem à boca seca de silêncio. A mulher e os poemas, é isso que procura.

Buenos Aires

Em algum lugar Roberto ficou perdido para sempre. Como um brinquedo ou uma recordação incômoda da infância ou a infância toda junta. Qualquer homem pode ser entendido e descrito pelo que vai deixando, mais do que pelo que leva. Nos braços humanos finitos não cabe tudo, não cabe o que mais pesa.

Jorge é agora um homem de algum tempo, carrega coisas e tem opiniões e estilo e é admirado. Quem o lê fica a conhecer o que de seu foi posto à vista, um bom leitor será capaz de ver mais fundo e entrever partes discretas de si, algumas fraquezas, os modos furtivos com que se afasta de certos temas, contradições, medos, obsessões. Essa é a fronteira entre o autor e quem o criou, daí para baixo tudo está velado, protegido num labirinto feito à mão com vagar. Fica o leitor protegido e Jorge também, é uma zona sanitária onde ele se lava antes de escrever e de novo ao voltar.

Por muitos lugares diferentes foram ficando pedaços importantes do passado, tristes, traumáticos, estranhos ou simplesmente demasiado doces para que se possa fazer literatura com eles. Alguns vão ainda sendo resgatados nos impasses criativos: quando devidamente tratados, não são ameaça e tornam-se irreconhecíveis. Roberto, por exemplo está presente em todos os livros de Jorge, escondido onde nem ele o sabe já procurar.

Jorge é lido e debatido e entrevistado por outros homens que nada sabem de Roberto e é melhor assim. Se devêssemos ser avaliados pelo que não fizemos, pelo que escondemos, pelas falhas infalíveis que temos, éramos todos o lixo uns dos outros – e, se somos, não deveríamos ser.

Numa qualquer conferência está Jorge cativo de Roberto. Na outra ponta da cidade, sentado à mesa suja de um bar escuro está

Roberto a enxotar Jorge. A justiça é rara, mas a simetria banal. As histórias de Jorge estão próximas dos poemas negros de Roberto por tudo aquilo a que tentam fugir. A cabeça por um lado e as tripas pelo outro, um que escreve para arrebatat inteligências e o outro para ser cantado por marginais. Nasceram os dois no mesmo instante, o filósofo cego e o poeta coxo.

Algum dia, já depois de terem deixado todas as palavras no papel, alguém sem nome fará o impossível e juntará os dois num tango de sucesso. São mecanismos secretos de uma cidade sábia, capaz de os condenar ao que nunca souberam fazer, obrigando-os a dançar para sempre encostados a toda a gente.

A cada noite em Buenos Aires há centenas de milongas onde as palavras se fazem movimento e geometria do insólito. Mil formas de querer e de ser com o corpo e com o desejo. Em quase todas essas milongas alguém se levanta numa hora favorável e, com a voz arrastada, pede à orquestra o *Tango de los mal vividos*.

Nova Iorque

São dez da manhã na cidade de Nova Iorque e há poucas pessoas na cama. Há doentes na cama, há velhos cansados que não têm onde gastar o tempo e estão também deitados, e há depois os bêbados, os apaixonados e os que trabalham de noite – polícias, padeiros, larápios e putas.

Quem viu o dia ficou com medo do dia. Medo da cor do dia, da luz do dia, de que este seja o último dia. É um céu nefasto a cobrir homens, cidades, ideias e planos, um céu prisão de todos. Quem viu o dia pesou a vida e o susto sem saber se é o momento de entrar em pânico. Talvez seja hora de fugir ou gritar, de deixar mulheres e filhos ou de atirar-se do alto. Nenhuma trombeta anunciou o apocalipse e ele augura-se sozinho, às escondidas dos anjos, no céu de homens tão afastados do divino.

Mimma está de pé ao espelho com o corpo todo à frente. Penteia os cabelos e vai contando em anos os defeitos da carne. Aponta as rugas, as estrias, as pregas e as manchas na pele, é um corpo envelhecido, pródigo em histórias e noites curtas para tanta vida, tanto homem, tantos planos. O corpo de Mimma não canta nem fala porque ninguém ouve. Mimma não diz que está cansada e farta de vida nenhuma, não grita em fúria ou em choro que já não suporta a tristeza tão sem fim desse homem que dorme desde o tempo em que ela era uma mulher a sério e ele ainda sorria. Quando os corpos ainda serviam para foder e falar sem que a noite nem nada importasse. Mimma não faz nada disso e penteia os cabelos com uma luz de fim a iluminar o que dela ainda resta.

Na cama dorme um homem e esse homem é Thomas. Não sonha nada porque desaprendeu o sonho há tempo. Quando chegar a hora, vai acordar para esse dia como para outros, cansado e vazio

como os móveis do quarto ou as roupas penduradas na cadeira. As roupas e Thomas vestem o dia novo que chega e saem do quarto direitos, que é como tem de ser. Depois o dia passa e morre para ser outro dia outra vez.

No mesmo corredor mora outro homem, outro sono, o mesmo não acordar como quem furta ao tempo alguns minutos. Quem nunca quis dormir até a vida ser um lugar praticável, quem não conhece o desconsolo de vestir cada dia uma pele curta nas mangas, que vá abanar este homem, que o chame com a voz cheia de realidades e diga: «Levanta-te, Karl, levanta-te à hora de viver.»

Os outros serão escusados e livres de voltear na cama à procura de não lembrar.

Há mais gente na manhã da casa, senhoras com gestos a esta hora ainda seus, mãos livres de não tocar, bocas que calam, bocejam ou cantam modinhas. São todas tão meninas as senhoras quando acordam, tão lavadas de vida, até que a janela se abra e a angústia lhes chegue hoje mais cedo. A tristeza de fora para dentro em luz pelos olhos. Nenhum canto reflecte o dia.

Celestina já vai de pé, lavada e vestida, com uma ideia a executar antes de tudo, um arrumar de coisas que devem ficar num sítio. Há que deixar tudo arrumado antes de o mundo rebentar, um brio inútil mas fundamental, a vida embrulhada pronta para rebentar com o mundo.

Celestina vai agora vestida de noite e sai para o corredor com o passo certo até ao quarto aonde quer chegar. Uma mulher-sonho em busca de um homem que ainda dorme e está tão longe. A porta está aberta para Celestina, sempre aberta a porta e sempre aberto o sono de Karl, tão parvo e tão longe.

Lisboa

Ao chegar a casa nota um papel metido debaixo da porta. É uma das suas folhas com um poema em cima. Levanta-a e lê, é um poema bonito de que se lembrava mas cujos versos não saberia reproduzir. É muito frágil a ordem da poesia. No preto e branco sobressai de repente uma linha vermelha que sublinha algumas palavras: «O meu olhar.» Apenas isso, uma linha vermelha da mulher dos cabelos. «O meu olhar.» Fernando guarda a folha, que não escape, que a não torne a perder por nada que imagine.

São as primeiras palavras dessa mulher, tiradas das suas e tornadas novas. De quem são agora as palavras, pensa ele, a quem pertencem e quem lhes dá agora significado? De quem afinal o olhar – seu, dela, de quem?

Foi essa a primeira, mas não a última. No dia seguinte, no outro depois e todos os dias, os quarenta e nove dias, uma nova folha, um novo poema restituído. Com ele palavras sublinhadas no mesmo vermelho, «A noite toda», «No mistério», «Um sorriso primeiro». À sua espera uma folha metida pela porta.

Ele sabia que ela visitava a casa, que a poderia encontrar, bastaria esperá-la onde não pudesse ser visto e surpreendê-la com as folhas na mão. Sabia também que não o queria fazer, seria romper o jogo, esse jogo estranho que não compreendia mas para o qual fora convocado. Havia que esperar o fim das folhas, esperar um sentido nas suas palavras da mulher.

Aos sábados e domingos ficava em casa e ela ficava longe, não havia folhas e Fernando sentava-se para escrever e não escrevia. Na mente andavam coisas que não eram de escrever, soltas, esquivas, coisas de girar na mente e de mais nada. Ele sentava-se e as coisas na cabeça como cabelos cor de folhas às voltas. Depois, era

segunda-feira e ele ia trabalhar como quem fecha os olhos e conta até cem. Ele às escondidas, ela também, as folhas à espera. «Sou sempre eu», dizia-lhe em vermelho, «Almas absolutamente reais», e as das páginas, que loucura a da gente. Queria ter escrito mil poemas e viver na certeza de orações tão pequenas a cada dia. Por vezes repetia-as até adormecer e sorria, sabia-se ridículo e sorria, se calhar é amor, pensava, e repetia e sorria até ser muito tarde.

Buenos Aires

O que vai numa avó que vai: partes boas da infância chegada ao lume, uma certa forma de falar que já ninguém pratica, a memória ridícula e livre de se ter sido ingénuo, insolente e parvo, cheiros de comida feita de ingredientes que nunca mais se voltarão a juntar, a face possível do passado, um calor de encher casas, nomes de pessoas que só ali permaneciam reais, as horas quando não terminavam nunca.

Coisas que ficam de uma avó que foi: um epitáfio vago, a crença em deus por respeito e procuração, uma saudade inútil e imprescindível, o súbito envelhecimento de pai e mãe, um passo dado na fila do tempo.

A avó que morre é um livro deixado a meio, é todos os livros deixados a meio. Quem pode agora segurar tantos passados? Era a avó Fanny que segurava os retratos dos homens de bigode que agora pouco se distinguem do papel de parede. A avó Fanny conhecia o porto de onde a família partiu, a data exacta da chegada, o caminho até uma casa, as dores nas pernas e as lágrimas malqueridas. Desse dia nascemos tão-somente, num país já feito onde se pode estar e até crescer, a avó Fanny foi o barco de onde nascemos um dia para pedir pão e conforto, por isso seremos sempre crianças à sua lembrança.

Quanto mais velhos são os defuntos menos amigos comparecem ao enterro, para um funeral simpático há que morrer cedo. A partir de certa idade, os cadáveres tornam-se monumentos ou símbolos, no caixão vão só ideais cansados e uma certa visão do mundo, «o fim de uma era», «já não há pessoas assim», «o fechar de um ciclo». A avó Fanny era um rei em tempo de repúblicas, posta na terra com honras desusadas que já só moram em livros muito

comidos. Ainda ontem estava viva e é já o fim de um ciclo ou de uma era ou de uma palavra dessas. Alguém que o diga a Jorge, para quem o mundo se escondia por baixo das saias da avó, todo descoberto por atrevimento. Uma história da avó Fanny:

Dois irmãos viviam lado a lado numa aldeia remota de Gales, chamavam-se Anwar e Talar e, até se casarem, tinham sido os maiores amigos um do outro. Casaram-se no mesmo dia com duas primas que se odiavam em segredo, eram elas Seren e Dera. Os dois irmãos foram inseparáveis mesmo depois da boda, trabalhavam juntos, bebiam juntos e partilhavam o cachimbo em certas noites sem palavras. Das terras que lhes foram deixadas por seu pai havia um terreno que era pertença de ambos, uma prática antiga daqueles lugares. Nesse terreno, demasiado agreste para culturas, cresciam narcisos, e os irmãos passavam por lá para lembrarem o pai e tempos antigos. Às duas primas, ao saber desse terreno, envenenou-se-lhes o coração e começaram, cada uma por seu lado, a pedir que os maridos lhes trouxessem flores todos os dias. Com elas enfeitavam a casa e os cabelos e nunca eram fartas.

Pelo início de um Inverno escassearam os narcisos e as mulheres enfatiaram-se com os seus maridos. Porque eram fracas, e filhas de gente fraca, souberam pôr ódio nas almas dos irmãos que saíam de madrugada para procurarem as últimas flores que restavam.

Numa dessas manhãs, cedo, os dois encontraram-se à beira do último narciso. Tinham as cabeças cheias das vozes das suas mulheres e, quando se aperceberam da situação, ficaram bravos e ásperos um com o outro. Anwar deu o primeiro passo em direcção à flor, um belo narciso branco como o orvalho. Quando Talar o viu, atirou-se de rompante e os dois combateram mais do que deveriam. Traziam demasiado ódio para um consenso e, após uma troca de punhos, Talar tirou do bolso uma navalha que foi direita ao ventre do irmão. Anwar morreu logo ali e Talar ficou imóvel a ver o que não queria.

Depois de enterrar o irmão, colheu o narciso e levou-o para casa. Ao chegar, depositou-o numa jarra e pegou na mulher com raiva e um desejo doente. Ela ficou grávida nesse dia e por nove meses pouco falaram, enquanto o filho crescia no ventre da mãe. Depois

desse tempo vieram as dores e as águas e Dera deu à luz em casa com Talar como parteiro. Assim que o filho saiu, Talar puxou da navalha com a qual cortou o cordão umbilical e a garganta da mulher. Ao filho chamou-lhe Anwar e nunca mais nenhum narciso foi colhido na aldeia.

Nova Iorque

Quanto é sonho e quanto é Celestina? Quanto são pernas a abraçar pernas e pele macia de correr dedos e beijos e calor. Tudo é febre, ou uma mulher, o corpo a cair tão doido, a entrar por onde pode e quer, mais calor e mais febre.

Dos cabelos pingam fêmeas que se escondem atrás e por baixo de tudo o que é de Karl. Os pêlos molhados de sexo, o cheiro quente a fêmea, a mãe, a morte. A boca ao centro, ao chegar da vontade, a boca do corpo é porto de atracar e partir.

Celestina puxa Karl agarrando-lhe o sexo, os olhos fechados e os lábios torcidos num meio sorriso meio dor, o sexo puxado pelo sexo e Karl atrás sem saber nada. Um bicho louco de raiva partido em dois, preso só por força, feito para viver pouco e morrer cindido. Bicho de cheiro podre e mole, tão triste, quente como dois.

O bicho gritou com vozes para depois cair na cama e se desfazer. Celestina, Celestina de novo, prendeu o braço de Karl com uma mão e com a outra buscou qualquer coisa na bolsa. Pediu-lhe que fechasse os olhos e repetisse sons que nada lhe diziam: «*Braccio, abbraccio e l'anima malsana, braccio, abbraccio e l'anima malsana...*»

É uma navalha que aparece na mão direita de Celestina, uma navalha que se aproxima de Karl insuspeito. Os dois repetem a frase a tempo, «*braccio abbraccio e l'anima malsana*», e a lâmina entra em Karl logo abaixo do pulso. Karl grita e Celestina pede-lhe que continue a ladainha e a deixe fazer o que tem de ser feito. A lâmina desce pelo antebraço evitando as veias principais e só pára quando chega ao cotovelo. O sangue sobe à ferida como se fosse lava e fica ali, vermelho e luzente, à espera de qualquer coisa. Karl tem os dentes cerrados pela dor e, quando abre os olhos, vê Celestina que

Ihe levanta o braço e lambe o sangue da ferida. Depois vê-a cortar uma madeixa dos cabelos negros e entalá-los com firmeza por entre o golpe. Finalmente, Celestina pega numa ligadura e aperta-a à volta do braço de Karl.

– Este é todo o bem que te posso fazer e deixar, Karl. Tirei-te o que tinhas a mais, o sangue que não aguentavas em ti. A ferida vai sarar e rejeitar o que é meu porque também isso está a mais, é um corpo estranho de que não precisas e que não te deve pertencer. Aprende o que puderes com o teu corpo rasgado. Agora vou-me embora, Karl, não me sigas, não me procures, por favor não me procures nunca. Hoje há-de ser fim e princípio de muitos mundos.

Buenos Aires

Por fim, lá se chega à idade de ver a vida pelo que não chegou a ser. O presente é terrivelmente condicionado pelo passado e por tantas leviandades cometidas sobre o tempo. Tudo a que um dia se brincou acaba por ser só memória e caminho, degrau de uma escada sempre a estreitar. Depois um homem senta-se à mesa e escreve por vingança contra si mesmo – para viver outras vidas, como dizem alguns.

A meio da vida Jorge deixa num caderno uma lista de coisas que ainda hão-de ser escritas: um homem que sabia falar e contar segredos com o corpo; uma sociedade que sobreviveu à ausência de amor; dois irmãos que vão do berço à cova sem que um deles tenha chegado a nascer; a língua perfeita de um só falante; os índios que descobriram a Europa antes do tempo e voltaram calados do futuro; um homem que ama uma mulher sem fazer perguntas; o canto esquecido dos cães; a segunda morte de Cristo; o contrário do tempo; os ventos todos.

Nem mil Jorges poderiam alguma vez preencher o que falta. O mundo é um vazio desmedido que não queremos nem podemos aceitar, os homens também, as cidades, os países, os planetas também. Não há palavras que encham tanto vazio. Os livros que deixamos são obras de filigrana, fios ténues de sentido com que delimitamos o volume do que não entendemos.

Cada pai deveria deixar pendurada na cómoda uma lista de afazeres, em morrendo, alguém que tratasse disso. O primeiro item da lista é fazer um filho. Se o primeiro homem soubesse fazer uma lista, e o segundo e os outros, saberíamos agora a quantas andávamos, mas nada disso nós sabemos.

A lista do primeiro homem segundo um dos últimos: o sol; o meu pai; as palavras; o caminho que vai de um dia a outro dia; dor, prazer, fome, corpo, música, os ventos todos.

Ao primeiro homem faltava-lhe linguagem e sobravam-lhe as dúvidas que tão bem soubemos guardar. Entre esse homem e este, vai um andar à toa e artes de ornar. Na língua dos medos e dos desejos, dizem os dois o mesmo com tanto barulho pelo meio. A fonética dos gritos importa bem pouco à intensidade do doer. Mas, afinal, alguém alguma vez soube dormir com o escuro?

Lisboa

Um dia foi do último poema e da última frase sublinhada: «A quem ninguém reza.» O jogo chegava ao fim e havia agora que lhe procurar o sentido. Em cima da mesa quarenta e nove folhas e outras tantas frases arrumadas por ordem de chegada, a ordem da mulher.

Fernando passou-as uma a uma para um caderno, lentamente, como coisas frágeis e raras. Eram palavras de poesia e pesou-as com o cuidado dos dedos e de mais. Pô-las primeiro em fila e depois arrumou-as em versos. Ia finalmente vê-las juntas, as suas palavras na voz inaudita dessa mulher.

*O meu olhar ocupa a noite toda
tenho a terra e o céu no meu caminho
tenho o coração do tamanho de um punho
fechado no mistério de ser vento
Vivo só de viver como quem se cansa
a escrever versos que são flores
e pedras e a minha alma sozinha
Não sei estradas para longe de mim
Vejo a vida longe dos homens
longe das almas absolutamente reais
que são mais do que verso sobre verso.
Canto a estupidez de sentidos que não sei
e a natureza com um sorriso primeiro
diz o vento e outras coisas
que a vida é bela e antiga
que sou doente de ideias e de noite
Que não sou mais do que um poeta
que não serve para nada*

*que não sabe a prosa e ri doido na prosa.
Sou sempre eu sempre infeliz e chuva
Uma estrela penitente sem pena
Um sol vago que aparece e desaparece
Uma ilusão uma coisa a menos
Um deus a quem ninguém reza*

Fernando leu o poema muitas vezes. Leu-o chorando e rindo e em todos os modos intermédios. Pode alguém saber tanto de quem nada sabe? Eram todas palavras suas, palavras que andavam metidas pelo meio de outras, disfarçadas para não doerem. Estavam agora isoladas e à vista, transformadas num poema luzente e afiado como um punhal.

Ela encontrou nas folhas mais do que nelas ia, como se lesse a mão em vez da escrita, a intenção antes do gesto. Maldita, ingrata, que fosse para o diabo e o deixasse em paz. Uma mulher que veio do fogo para deixar um punhal nas mãos de um homem.

Nova Iorque

O fim há-de vir do mar que é de onde vem tudo. Para o mundo arder tem o mar de arder ou fazer-se fogo, que é a mesma coisa, o mundo não arde enquanto houver água no mar. Hoje há quem dele fuja e quem a ele se chegue.

Cada homem tem razões que só a ele pertencem, caminhos de ir de um lugar para outro aos pulos ou nu. Cada homem tem uma vida sua de ir do berço à cova como melhor achar ou puder. São razões que lhe moram no peito ou na cabeça, que se alimentam de vozes, de visões e de memórias. Um homem que se mata fá-lo sempre por razões que não se podem meter num papel. O verdadeiro bilhete de um suicida é a sua vida como ele a viveu.

Um homem atirou-se do alto com uma bíblia na mão. Diz quem viu que chegaram ao chão ao mesmo tempo, mas a bíblia ainda serve. O homem chama-se Bernard e não foi ele que escreveu a bíblia, ninguém sabe porque se atirou. Só deus se deveria matar com uma bíblia na mão.

Outro homem desses homens pegou num barco e deitou-se ao mar pela manhã direito ao sol. Não deixou nada e nada levou, só ele e um barco pequeno para morrer longe. De barco para a morte, barqueiro de si mesmo. «Vou de barco», alguém lhe ouviu, e foi de barco.

Junto ao mar há quem espere consternado, gente sozinha calada, gente que canta para dentro cansada da vida. Há muitos velhos no cais à espera de partir, são vidas cumpridas de quem aprendeu tudo, até a morrer. Por entre outros, segue uma mulher em passo lento e não vai só, leva ao colo um menino embrulhado num xaile.

Vão os dois como sombras entrelaçadas, um menino e uma mulher de cabelos negros e olhos de contar histórias. Segue-os uma

melodia e mais nada, um canto triste estranho, de língua estrangeira a tanto mundo.

*Si comm'a nu sciorillo
tu tiene na vucchella*

O vento é mais forte do que a voz, o vento é forte. As palavras são sopradas e soltam-se umas das outras, livres do canto entregam-se ao vento. Só a mãe e o menino as podem ouvir, só a eles pertencem. A mãe mergulha os pés na água fria e aperta-o contra o peito, chega-lhe a voz ao ouvido e assim ficam os dois até que algo aconteça.

Lisboa

Os homens duplicam-se a cada cruzamento, os homens são assim. Caminho para aqui, caminho por ali, uma direcção na vida e outra no pensar. Quatro cruzamentos são dezasseis homens, vinte são um milhão, quarenta e oito mil, quinhentos e setenta e seis homens. Gabardine ou sobretudo, café curto ou cheio, a pé ou de eléctrico, almoço no escritório ou no Alves, dezasseis homens. Passou um meio dia e é já difícil encontrar mesa onde sentar tanta gente, acabe o dia, venha outro, uma semana, um mês, um ano, e nem na China cabem os homens que saem de um homem.

As mulheres em particular são engenhos de multiplicar homens, são todas feitas de bívios as mulheres, artistas de povoar mesmo sem prenhez, basta-lhes falar ou ser, no resto pensam eles: falo-lhe ou não lhe falo? Beijo-a ou não beijo? São irremediáveis e estúpidos os homens, se se aguentam na vida é mais por privilégios de género do que por competência, os homens são idiotas carregados de sementes.

O Fernando acanhado olha com respeito e temor um outro Fernando, que não existe senão em remorso. Para um homem que não existe, tem bom aspecto e anda feliz, é seguro na voz e no gesto, move-se com a elegância e a ligeireza de quem não se contenta em estar morto. O colóquio é curto, o Fernando sem remorso aproxima-se do Fernando acanhado, observa-o por alguns momentos, alarga as curvas dos lábios e acerta-lhe com duas bofetadas bem dadas. Depois desaparece e vai dormir com as boas memórias.

Deitado no chão, vítima de si mesmo, Fernando decide não mais se convocar, os outros que façam o que bem entenderem, aos

amores, à vida, ao raio que os parta, os excessos de imaginação fazem muito mal ao corpo.

A grande vantagem de não decidir é a de permanecer livre de fazer qualquer outra coisa, ainda que nada se faça, como barro cru indeciso em cozer-se. Um bloco de mármore virgem é ao mesmo tempo David e coluna de catedral, pia de água benta e retrete de ilustre, longe do cinzel um monte de pedra é o que de mais belo se pode imaginar.

As mulheres belas podem ser becos e as feias também. Ruas estreitas por onde enfiar sob o risco de não sair nunca, porque as mulheres não se acabam. Todas as mulheres são autoras discretas, responsáveis por maridos, filhos, amigos e solitários.

Buenos Aires

Por alguma razão quis acreditar que entre tanta folha escrita haveria algures de estar o próprio. Passou muito tempo à procura em enciclopédias, compêndios e romances, mais tarde em contos e poemas, já com menos vida pela frente e outras ambições. Num momento certo soube desiludir-se e mudar de estratégia, passando a escrever-se.

Quando um achador de terras se cansa de procurar caminhos, resta-lhe desistir ou abrir uma estrada nova, assim com os seus avós, assim consigo. Por uma estrada inventada chega-se a qualquer lugar e por palavras escritas chega-se a qualquer vida em qualquer época. Começa-se devagar, com descrença, e vai-se andando encostado ao desespero até que as palavras visitem os sonhos e tomem conta deles. Primeiro uma vida, depois outras que a suportem e justifiquem. Vidas ao lado e vidas antigas, vidas que hão-de vir e outras que nunca chegaram a ser. Todas fazem falta, todas servem.

Os animais e as plantas são máquinas de criar complexidade num universo onde é mais fácil destruí-la. De um lado as estrelas a queimar matéria, do outro células a fazer células. Um dia, por acidente ou excesso de zelo, os animais fizeram o homem e muito mudou. A humanidade é uma gigantesca indústria do complexo, capaz de fazer línguas, leis e até livros. Somos o contrário das estrelas e vamo-nos admirando com respeito e temor. Só por distração e fastio nos vamos impedindo de criar universos a cada instante. A vida que somos forçados a viver é só a que nos dão, e é só uma, dentro temos milhões de alternativas à distância curta de pensar nisso. Bastaria para tanto fazer um futuro e alguns passados, o presente vai no resto.

Jorge tratou de inventar o que lhe foi necessário e muito mais. Entre os muros do jardim e as paredes da sala dos livros, viajou mais do que tantas andorinhas, foi muitos homens com todos os defeitos e todos os destinos. Não lutou contra o tempo porque o tempo correu para o sossegar. Afinal o tempo sossega-nos sempre.

É dever dos homens envergonhar deus, mostrar-lhe que há mais histórias do que a que se pratica, derrotar-lhe a inventiva e o estilo. Fazer muito com o pouco que nos deu e pedir-lhe que faça mais com tudo o resto.

Oceano Atlântico

Pode um homem voltar pela razão exacta por que partiu. Pode o prelúdio ser coda de uma história mal contada. Pode a vida começar de um lado e ir para outro igual, numa simetria de plano invisível desenhado por mão nenhuma. De um porto parte-se e torna-se, de outro chega-se e parte-se, apenas o mar vê sempre o mesmo, homens a ir. Homens que vão de um lugar para outro para verem de que absurdo se faz o mundo todo, homens que caminham tanto para saberem tão pouco. Homens-recado, enviados das mãos de uma mulher para as mãos de outra mulher, a mensagem vai no mensageiro.

O fim do mundo foi uma boa oportunidade perdida, qualquer loucura tão fácil e tão justificável. Agora o céu está claro, só nuvens e sol e o futuro de volta. É difícil aceitar o futuro de volta, um futuro que parece sujo, com cheiro a lugares ambíguos e más companhias. Um futuro que andou nas putas.

Karl foi buscar o mundo novo e leva-o agora para casa. Tão novo e já tão estragado. Traz também uma língua que cedo esquecerá, algumas poucas palavras hão-de resistir porque Karl não as sabe traduzir, palavras como *subway* ou *chinatown*, nomes de bebidas e palavras ordinárias cheias de sexo. Lembra-se da frase importante que leu na bíblia preta e repete-a muitas vezes: «Não sejas demasiadamente mau, nem sejas louco, porque haverias de morrer antes do teu tempo?» São palavras que só um deus se permite dizer porque só ele sabe do tempo de cada um. Os homens vão andando como podem, com o atraso ou a pressa de quem não sabe nada nem tem outro lugar para onde ir.

O braço vai ao peito e cicatriza devagar, os tremores desapareceram por completo. A sobrevivência depende da luta do

organismo contra o que lhe é estranho: cabelos, bactérias, fumo, ruído e agressões. Todas as cicatrizes são troféus, representam vitórias contra o que nos vem de fora. Devíamos mostrá-las de cada vez que conhecemos alguém, chamo-me assim e tenho sobrevivido. Mostrar os braços, e as costas e os rasgões do espírito, contar-lhes as histórias com abundância de pormenores, o que mais possamos dizer é já supérfluo.

Do barco grande onde vai Karl vê-se muito mar e não se vê mais nada, quase nada. Ao fundo, longe, um ponto negro há-de crescer até ser um barco pequeno. É um barco desses de levar um homem sozinho ao encontro de nada.

Lisboa

Foi de novo junto ao rio que Fernando a viu, nos primeiros dias de Setembro, numa tarde que prometia Outono. Vagueava sem norte numa hora vazia, deixado pelo escritório e à espera de ser aceite em casa. Por experiência, tornara-se atento à índole dos edifícios e fazia por não lhes ser contrário.

Ela lá estava com pés pela água, a mulher dos cabelos cor de folhas. Olhou-a e não se lembrou de perguntar o que fazia, não lhe coube o pensamento, mas era ela como a lembrava, como a vinha imaginando. Estava dentro de água, a cidade a bulir perto e ela ali. Que fazer, Fernando? Descer ou permanecer longe do olhar, como outros. Ficou a observá-la por algum tempo, ela rodopiando num passo bailado, de vez em quando olhando para longe e rindo ou cantando. Um canto murmúrio, um canto longínquo que se misturava na água como água. Estava bela com o Tejo, tão acesa em tanto azul, a que cheiraria? O sol descia derretido nas águas, falso o sol, tão burros nós que o vemos derreter e acreditamos em qualquer coisa. Parecia-lhe uma mulher sem tempo e a Fernando apeteceu-lhe emocionar-se.

Não tinha nada que dizer, nada poderia acrescentar ao rio e ao sol e isso já ela tinha. Quis voltar ao quarto húmido dessa outra noite, beijá-la de novo e dizer-lhe que era mais do que aquilo que os seus olhos diziam, mais do que os poemas que escrevia, mais do que era. «Sou só um homem, só um homem», entrar-lhe em canto sem que o sentisse, luz por quem olha, um homem numa mulher.

Fernando fechou os olhos para ver sozinho, para imaginar a água fria pelos artelhos e se imaginar feliz na certeza de braços, da pele macia, do cheiro doce e do Tejo que nem importa nada a quem é contente. «Ando perdido e farto de frio, agora estou aqui.» Quem se

há-de perder com os pés na água? Se o mar é este tudo, o resto mora perto, dou três passos e descubro o Ocidente.

O sol voa longe baixinho, na ilusão cuidada do ocaso encheu-se o cais de gente, vozes, passos, sombras, de onde vêm agora que os olhos se abriram e a hora é tão certa? Fernando não encontra a mulher, perdeu-se por entre os outros, já tudo é gente que delira ou ele que perdeu o tino. Está uma multidão nas águas e é quase noite.

Por momentos acredita que esta gente dorme nas águas, que dormem peixes ou algas, do outro lado de aqui. Lisboa é uma cidade louca que pesca pela manhã e afoga as sobras ao entardecer. Vai cheia a maré e as colunas a meio, é hora de ser de um lado ou ser do outro.

Uma sirene soa longe e diz tudo a quem sabe ouvir. Quem é de terra para terra, quem é de mar para o fundo. É um grito do sol, é um grito do sol.

Fernando volta-se para dentro e caminha cabisbaixo, sente-se uma história mal escrita e pior acabada, sem jeito, sem sentido. Os pés vão por um lado e a querença por tantos outros, onde dormirá ela? Onde se deitará ele? Tão cansado de procurar e tão farto de nada.

Buenos Aires

Esta manhã Jorge acordou velho. Depois de tanto tempo a acreditar-se homem vivo, descobre agora ser apenas um homem que há-de morrer. Jorge sente hoje os anos todos somados nas costas, um peso que o empurra para baixo, numa luta entre tempo e pernas. Jorge gostaria de se lembrar da raiva para a sentir, se não raiva pelo menos revolta, ou medo, ou pavor. Terá de contentar-se com uma ligeira melancolia, um mal-estar vago como frio nos ossos e a lembrança de ser melhor.

Há homens tristes e homens alegres e há também homens velhos. A idade é um caldo frio de emoções passadas, sabores e aromas que se propõem ao acaso na memória dos velhos. O tempo gasta tudo o que roça, pedras e corpos, a todos o tempo arredonda as arestas como se lhes combatesse as formas. O tempo vai-nos mastigando para que a morte nos ache tenros e dóceis. Também a morte é uma senhora antiga com os dentes cansados de roer.

Agora, que pensa nisso, Jorge não quer morrer. Além de ser um desperdício, parece-lhe deselegante e banal, afinal de contas não nasceu para isso. Lamentavelmente, existem poucas alternativas, poderia não ter nascido, mas o mal está feito e é irreversível. Resta então a imortalidade com todas as dificuldades que representa.

Em tempos de outro mundo, bastar-lhe-ia copular com uma deusa generosa e compassiva, mas as deusas há muito que desconfiam dos homens e pouco se vêem por cá. Podia fazer um pacto com o demónio, desviar da morte a alma e entregá-la às trevas. Demasiado ingénuo, sobretudo para quem conhece a vasta bibliografia de engodos de que outros foram vítimas.

Resta-lhe imortalizar-se por obra feita, deixar por cá coisa que se veja e não se possa ignorar, um monumento que atrapalhe a

humanidade toda. A tarefa é gigantesca e ainda assim não perfeitamente satisfatória.

Enquanto a cabeça de velho se enrola nestas considerações, as mãos vagas de Jorge procuram lápis e papel. De onde chegam as respostas não importa e não se sabe, por vezes chegam e é já tanto. Uma mão que começa a escrever sem olhos que fiscalizem, uma mão que vai sozinha à procura da imortalidade sem deus nem outro.

Sueson Birea

Um bairro popular, uma rua como outras e ao fundo uma casa com jardim. São dois andares de casa velha com divisões espaçosas e tectos altos. Cinco quartos, uma sala de jantar, uma cozinha, duas varandas e uma sala com livros. O jardim é quadrado, delimitado por um muro baixo e sebes bem tratadas. No meio do jardim, descaído sobre a esquerda da casa, está um pequeno moinho vermelho que chia quando quer.

A tarde é fria e cinzenta, como muitas tardes de Julho em Sueson Birea. O pequeno Jorge não pensa no frio, está deitado sobre a erva e olha para as formigas...

Lisboa

Cara Tia,

Nunca quis fazê-la triste mas esta carta vai deixá-la triste. Eu próprio me entristeço enquanto a escrevo, porque esta é uma carta desolada que vai já sem mim e porque a não voltarei a ver, a si de quem eu sempre gostei, cara Tia.

Já cá não estou e, se muito quis abalar em silêncio com passos firmados da noite, não pude partir sem lhe deixar algumas palavras que, se consolo não são, de bálsamo lhe possam servir.

A mim nenhuma droga me pode já tolher a dor, porque a dor que trago está cravada no começo do que sou e me atravessa como sangue que corre. Muitas vezes reflecti sobre se isto a que chamo dor e que eu sinto tão natural não será afinal de todos os homens, e que outros que não eu lhe chamem outras coisas e durmam com ela sem dela se estranharem.

Não tenho nome para isto, cara Tia, sei que dói, que me foi roendo dentro e me deixou escavado de tudo, oco de mim. O que fui procurando para me encher de novo nunca me chegou: o saber, as amizades, a música, o amor, as letras, a escrita, também o álcool. Assim me soube poço, mais do que vazio, um buraco por onde as coisas caem e se perdem para sempre.

Sabe, Tia, não sou insensível a nada, sei reconhecer o que é belo e sentir prazer num dia de sol, no sabor de uma romã ou no toque de uma mão. São contudo sementes atiradas a solo estéril, porque aqui nada se dá e tudo seca ou apodrece.

Que fazer então, Tia? Viver assim é andar aos tombos. Por sorte ou destino fui capaz de me bastar nesta amargura, não tendo nunca arrastado quem longe estará seguramente melhor. Mas até quando poderia eu garantir essa desambição? São tão fracos os homens,

somos todos tão frágeis, que mais tarde ou mais cedo eu haveria de encontrar alguém e, em lugar de dividir, multiplicar desgostos.

Concluindo, cara Tia, peço-lhe que pelo meu gesto não veja em mim o altruísta que não sou nem o malvado que não quis ser. Assim como vim, agora vou, somente porque assim haveria de ser.

Que os beijos que lhe deixo possam secar as lágrimas que não mereço, não se amargure, Tia, que eu vou no vento, a minha alma vai nele e finalmente há-de respirar.

O eternamente seu,

Fernando

Por ora, a carta é fictícia e Fernando real, como será daqui para diante é coisa que ninguém sabe, a carta está escrita e pode tornar-se verdadeira quando Fernando quiser. Um dia amanhã e outro dia depois, tempo ao tempo. Viver como quem passeia cá por baixo, distraído de um universo aonde se há-de voltar em alguma hora, até que sobre um frio de fim de tarde e uma voz chame para dentro, «vamos, que vem noite».

Table of Contents

Ficha Técnica

imagem

Exórdio

Nova Iorque

Sueson Birea

Oceano Atlântico

Nova Iorque

Eusson Birea

Lisboa

Nova Iorque

Eusaon Bires

Lisboa

Nova Iorque

Eusaor Bines

Lisboa

Nova Iorque

Eusaor Nibes

Lisboa

Confronto

Lisboa

Auseor Nibes

Nova Iorque

Lisboa

Auseor Bines

Nova Iorque

Lisboa

Suseor Binea

Nova Iorque

Lisboa

Suseor Aineb

Nova Iorque

Lisboa

Auseor Sineb

Acerto [Nova Iorque](#)

[Nova Iorque](#)

[Lisboa](#)

[Aureos Sineb](#)

[Nova Iorque](#)

[Lisboa](#)

[Auneos Sireb](#)

[Nova Iorque](#)

[Lisboa](#)

[Suneos Aireb](#)

[Nova Iorque](#)

[Lisboa](#)

[Suenos Aireb](#)

[Nova Iorque](#)

[Lisboa](#)

[Rio Negro](#)

Assombro

[Genebra](#)

[Lisboa](#)

[Nova Iorque](#)

[Genebra](#)

[Lisboa](#)

[Nova Iorque](#)

[Genebra](#)

[Lisboa](#)

[Nova Iorque](#)

[Buenos Aires](#)

[Lisboa](#)

[Nova Iorque](#)

[Buenos Aires](#)

[Um sonho como Lisboa](#)

Fecho

[Lisboa](#)

[Buenos Aires](#)

[Nova Iorque](#)

[Lisboa](#)
[Buenos Aires](#)
[Nova Iorque](#)
[Buenos Aires](#)
[Lisboa](#)
[Nova Iorque](#)
[Lisboa](#)
[Buenos Aires](#)
[Oceano Atlântico](#)
[Lisboa](#)
[Buenos Aires](#)
[Lisboa](#)